UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM TURISMO E HOTELARIA

LIONARA ARNT

PEREGRINAÇÃO X TURISMO RELIGIOSO:
UM ESTUDO DE CASO NO SANTUÁRIO DE AZAMBUJA – BRUSQUE, SC.

Balneário Camboriú – SC
2006

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

LIONARA ARNT

PEREGRINAÇÃO X TURISMO RELIGIOSO:
UM ESTUDO DE CASO NO SANTUÁRIO DE AZAMBUJA – BRUSQUE, SC

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hotelaria no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria – Mestrado Acadêmico, Universidade do Vale do Itajaí.

Orientadora: Profª.Drª. Yolanda Flores e Silva.

Balneário Camboriú – SC
2006

LIONARA ARNT

PEREGRINAÇÃO X TURISMO RELIGIOSO:
UM ESTUDO DE CASO NO SANTUÁRIO DE AZAMBUJA – BRUSQUE, SC

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre, no Programa Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria – Mestrado Acadêmico do Centro de Educação da UNIVALI em Balneário Camboriú, SC, e aprovado na sua forma final em 20, novembro de 2006.

_____
Profª. Drª. Dóris van Meene Ruschmann

BANCA EXAMINAORA

_____
Profª. Dr. Yolanda Flores e Silva
Orientadora – UNIVALI

_____
Profª. Drª. Elisabete Tamanini
- Membro -

_____
Prof. Dr. Francisco Antônio dos Anjos
- Membro -

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, pelo aprendizado de honestidade, luta e perseverança.

À minha mãe (*in memorian*) por todo o seu esforço, em vida, de me fazer uma pessoa feliz e realizada.

Aos meus irmãos.
Ilisiane, pela força emocional, exemplo de qualificação profissional e por me mostrar o caminho.
Jorge, por me mostrar sua força e me fazer reconhecer que não devemos desistir de nossos objetivos.

Aos meus amigos, cada um agindo de um jeito, me ajudando nas horas difíceis, nos momentos complicados de minha vida e em especial na produção deste trabalho.

À Ariani, coordenadora do curso de turismo da UNIDAVI – Rio do Sul, pela oportunidade de mercado e confiança depositados e, em especial pela linda amizade conquistada.

Aos meus professores do programa do Mestrado Acadêmico que me serviram de exemplos de luta, conduta, comprometimento e conhecimento. Sobretudo à Profª. Roselys, por ser exemplo de perseverança e força espiritual e à minha orientadora, Profª. Yolanda, pelos puchões de orelha e por ter dividido todo o seu conhecimento e, principalmente, por me auxiliar na escolha de meu caminho.

Enfim, agradeço à tudo de bom que adquiri neste tempo.

ARNT, Lionara. **Peregrinação x turismo religioso**: um estudo de caso no santuário de Azambuja – Brusque, SC. 2006. 150f. Dissertação (Mestrado em Hotelaria e Turismo) – Curso de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário de Camboriú, 2006.

RESUMO

O presente estudo teve como foco de análise a relação entre peregrinação e o fenômeno do Turismo Religioso do Santuário de Azambuja em Brusque – SC. O principal objetivo da pesquisa é de caracterizar e analisar a relação entre as manifestações religiosas no Santuário de Azambuja e as atividades turísticas realizadas na região de Brusque - Santa Catarina, verificando e descrevendo os caminhos históricos das peregrinações e do movimento devocional envolvendo o Santuário em questão; identificando e analisando os tipos de atividades religiosas referentes a este Santuário e analisando as atividades turísticas locais e sua relação com o Santuário de Azambuja. Procurou-se identificar qual a identidade deste local sagrado para moradores e religiosos, que aparecem nos documentos analisados e que vêm nos últimos anos acompanhando seu crescimento e as mudanças que a mesma vem adquirindo com a vinda de pessoas que não apenas visitam os espaços religiosos, como também buscam a cidade para compras e outras atividades de caráter turístico. Os procedimentos metodológicos tiveram como abordagem predominante a pesquisa do tipo qualitativa com o uso da metodologia do estudo de caso para coleta e análise dos dados através das seguintes técnicas e instrumentos: trabalho de campo com observação da infra-estrutura local, leituras de documentos oficiais e da literatura pertinente ao tema para levantar dados históricos sobre esta rota devocional e seus impactos no decorrer dos anos. Ao final, as respostas à investigação mostram que o que ainda predomina em Brusque é a rota devocional com caráter de peregrinação, ainda que o município tente organizar atividades que possam atrair peregrinos e turistas.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo; Peregrinação; Turismo Religioso; Santuário de Azambuja.

ABSTRACT

The present study had as focus, the analysis of the relation between pilgrimage and the phenomenon of religious tourism in the Azambuja Sanctuary in Brusque – SC. The main goal of the research is to characterize and analyze the relation between the religious manifestations in the Azambuja Sanctuary and the touristic activities that are carried out in the Brusque area – Santa Catarina, verifying and describing the historical path of the pilgrimages and devotional movement involving this sanctuary; identifying and analyzing the types of religious activities concerning this sanctuary and analyzing the local touristic activities and their relation with the Azambuja Sanctuary. The identity of this sacred place is identified as it appears in the analyzed documents for the local residents and the religious, who have followed in the past few years the growth and changes that it has suffered due to the people that come, not only to visit the religious sites, but also the city for shopping and other touristic activities. The methodologic procedures had as a predominant approach**,** qualitative research with the use of a case study methodology to collect and analyze data through the following techniques and instruments: field work with the observation of the local facilities, reading official documents as well as litterature pertinent to the topic to collect historical data about this devotional route and its impact throughout the years. In the end, the answers to the investigation, show that the devotional route with a pilgrimage character still predominates in Brusque, even though the local government tries to organize activities that may atract pilgrims, travellers and tourists.

KEY WORDS: Tourism, Pilgrimage, Religious Tourism, Azambuja Sanctuary.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Número de habitantes na Colônia Príncipe D. Pedro: 38

Quadro 02 - Súmula Histórica de Azambuja. 62

Quadro 03 - Perfil das Festas Religiosas realizadas no Santuário de Azambuja – 2005 68

Quadro 04 - Quadro síntese do perfil dos diocesanos entrevistados. 71

Quadro 05 - Síntese perfil dos moradores entrevistados. 74

Quadro 06 - Percepções dos diocesanos sobre turismo religioso. 78

Quadro 07 - Discursos dos diocesanos acerca do termo turismo religioso 78

Quadro 08 - Quadro das percepções dos moradores quanto ao termo "turismo religioso". 82

Quadro 09 - Discursos dos moradores acerca do termo turismo religioso 83

Quadro 10 - Quadro das percepções dos diocesanos quanto ao termo "peregrinação" 85

Quadro 11 - Discursos dos diocesanos acerca do termo peregrinação 85

Quadro 12 - Quadro síntese sobre as percepções dos moradores quanto ao termo "peregrinação". 87

Quadro 13 - Discursos dos moradores acerca do termo peregrinação. 88

Quadro 14 - Síntese das atividades religiosas referentes ao Santuário de Azambuja. 90

Quadro 15 - Discursos dos diocesanos acerca das atividades religiosas no santuário de Azambuja. 91

Quadro 16 - Quadro síntese sobre explanação dos moradores acerca da tipologia das atividades religiosas referentes ao Santuário de Azambuja 93

Quadro 17 - Discursos dos moradores acerca das atividades religiosas no santuário de Azambuja. 93

Quadro 18 - Síntese das atividades locais e sua relação com o santuário no ponto de vista dos diocesanos. 94

Quadro 19 - Discursos dos diocesanos acerca das atividades turísticas locais no santuário de Azambuja. 95

Quadro 20 - Síntese do evento "Cavalgada da Fé" referente ao Santuário de Azambuja. 97

Quadro 21 - Discursos dos diocesanos acerca da Cavalgada da Fé. 97

Quadro 22 - Síntese dos moradores sobre as atividades religiosas no Santuário de Azambuja. 99

Quadro 23 - Discursos dos moradores acerca da Cavalgada da Fé. 99

Quadro 24 - Síntese dos diocesanos acerca das primeiras peregrinações e como apresentam suas características atualmente. 101

Quadro 25 - Discursos dos diocesanos acerca das primeiras peregrinações no santuário de Azambuja. 102

Quadro 26 - Síntese dos diocesanos acerca do movimento de turistas e visitantes durante os eventos religiosos no Santuário de Azambuja. 104

Quadro 27 - Discursos dos diocesanos acerca do movimento de turistas e visitantes no santuário. 105

Quadro 28 - Síntese dos moradores acerca do movimento de turistas e visitantes durante os eventos religiosos ocorridos no Santuário de Azambuja. .....

Quadro 29 - Discursos dos moradores acerca do movimento dos turistas e visitantes no santuário 107

Quadro 30 – Síntese dos diocesanos acerca da identificação sobre turista e peregrino no Santuário de Azambuja. 108

Quadro 31 – Discursos dos diocesanos acerca da identificação entre turistas ou peregrinos no santuário.....109

Quadro 32 - Síntese dos moradores acerca da identificação sobre turista e peregrino no Santuário de Azambuja. 111

Quadro 33 – Síntese dos moradores acerca da identificação sobre turista e peregrino no Santuário de Azambuja. 111

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Localização do Estado dentro do Território Nacional 39

Figura 02 - Fórum Municipal de Brusque..... 45

Figura 03 - Prefeitura Municipal de Brusque..... 43

Figura 04- Marreco com repolho roxo 44

Figura 05- Vista geral do Vale do Azambuja 46

Figura 06- Vista frontal do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim. 47

Figura 07- Vista frontal do Santuário Nossa Senhora de Azambuja. 48

Figura 08 - Vista parcial do Vale do Azambuja. 49

Figura 09 Vista da Gruta de Nossa Senhora. 50

Figura 10- Vista do Hospital Arquidiocesano Cônsul Carlos Renaux..... 51

Figura 11- Vista frontal do Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes 52

Figura 12– Vista do Asilo de Nossa Senhora do Caravaggio. 53

Figura 13- Vista frontal do Morro do Rosário. 54

Figura 14- Vista próxima ao monumento do Campo Santo, no alto do Morro do Rosário. 55

Figura 15- Idéias Sínteses do DSC que permeiam os Diocesanos. 79

Figura 16- Idéias Sínteses do DSC sobre Turismo Religioso dos Moradores 83

Figura 17- Idéias Sínteses sobre peregrinação entre os diocesanos. 86

Figura 18- Idéias Sínteses sobre peregrinação entre os moradores. 88

Figura 19 Atividades Religiosas segundo os diocesanos..... 91

Figura 20- Atividades religiosas segundo os moradores. 93

Figura 21- Atividades turísticas segundo os diocesanos. 95

Figura 22 - Atividades religiosas x atividade turística 96

Figura 23 - Idéias sínteses que permeiam o evento “Cavalgada da Fé”. 98

Figura 24 - Idéias sínteses sobre a Cavalgada da Fé..... 99

Figura 25 - Idéias sínteses do “sentido” da peregrinação para os diocesanos. 102

Figura 26 - Idéias sínteses dos diocesanos quanto ao movimento de turistas e visitantes em Azambuja..... 105

Figura 27 - Idéias sínteses dos moradores quanto ao movimento de turistas e visitantes em Azambuja. 107

Figura 28 - Idéias sínteses dos diocesanos quanto à identificação entre turistas e peregrinos em Azambuja 109

Figura 29 - Idéias sínteses dos moradores quanto à identificação entre turistas e peregrinos em Azambuja 112

SUMÁRIO

RESUMO **5**
ABSTRACT **6**
LISTA DE QUADROS **7**
LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES **9**

1 INTRODUÇÃO **11**
1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEMÁTICA 11
1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 13
1.2.1 Tipo de Pesquisa **13**
1.2.2 Procedimento de coleta de dados **16**
1.2.3 Procedimento de análise dos dados **17**
1.2.4 Aspectos Éticos da Pesquisa **20**

2 TURISMO RELIGIOSO X PEREGRINAÇÃO **21**
2.1 TURISMO RELIGIOSO. 21
2.2 A PEREGRINAÇÃO E O CICLO DA HOSPITALIDADE: ALGUNS FATORES HISTÓRICOS 25
2.3 PEREGRINAÇÃO X TURISMO RELIGIOSO 29

3 CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO DE BRUSQUE: apropriação ideológica e política **35**
3.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS DE BRUSQUE. 35
3.2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DE BRUSQUE. 36
3.3 ATRATIVOS TURÍSTICOS EM BRUSQUE. 42
3.4 O BAIRRO DE AZAMBUJA 56
3.4.1 Origem do Bairro **56**
3.4.2 Caminhos históricos das peregrinações no santuário de Azambuja **64**

4 DISCURSOS E PERCEPÇÕES DAS ATIVIDADES RELIGIOSAS NO SANTUÁRIO DE AZAMBUJA. **70**
4.1 PERFIL E INFORMAÇÕES GERAIS DOS INFORMANTES E ATIVIDADES RELIGIOSAS 70
4.2 PERCEPÇÕES SOBRE O TURISMO RELIGIOSO E PEREGRINAÇÃO 77
4.3 ATIVIDADES RELIGIOSAS REFERENTES AO SANTUÁRIO DE AZAMBUJA. 90
4.4 PERCEPÇÕES DAS ATIVIDADES TURÍSTICAS LOCAIS E SUA RELAÇÃO COM O SANTUÁRIO DE AZAMBUJA. 94

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS **114**

REFERÊNCIAS **119**

APÊNDICES **123**
APÊNDICE 01 – ROTEIRO DE ENTREVISTA 01 124
APÊNDICE 02 – ROTEIRO DE ENTREVISTA 02 125
APÊNDICE 03 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 126

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEMÁTICA

O incremento no desenvolvimento dos estudos relacionados com os destinos religiosos, o aproveitamento e a exploração sustentável dos santuários para fins não só de devoção e penitência, mas também para fins turísticos, são formas de envolver e integrar os atos religiosos e a visitação a um local voltado para cultos religiosos.

Deste modo, os destinos religiosos não somente se restringem a um destino com arquitetura concreta, como é o caso dos santuários, mas também existem outros espaços visitados por seu interesse histórico, sua elaboração geográfica e também celebrações religiosas contempláveis do ponto de vista turístico como um elemento atrativo.

Esta realidade e a escolha pelo Programa de Pós-Graduação – *Stricto Sensu* – Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria, foram importantes no sentido de referenciar a escolha pela temática em questão, assim como o interesse em aprofundar estudos posteriores relacionados com o turismo religioso.

A Linha de Pesquisa em que foi desenvolvido o presente projeto é a de Planejamento e Gestão dos Espaços para o Turismo, que tem seu enfoque nos impactos e transformações psico-sócio-culturais, econômicas e ambientais onde ocorre a atividade turística. Envolve também estudos sobre as motivações e comportamentos de viagem dos visitantes e as interações com as comunidades receptoras.

A nossa atuação como profissional em uma empresa de Consultoria Turística, no município de Camboriú, desde 2003 até a atualidade, fez aumentar o interesse pelo tema. O recorte temático deu-se a partir de trabalho já desenvolvido por intermédio de uma Consultoria realizada para a 18ª Secretaria Regional de Desenvolvimento de São José, no qual, desenvolveu-se um roteiro de turismo religioso e cultural envolvendo treze municípios: Florianópolis, São José, Biguaçu, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, Antônio Carlos, São Pedro de Alcântara, Anitápolis, São Bonifácio, Angelina, Governador Celso Ramos e Rancho Queimado. Outro elemento importante à ser considerado é a inserção como docente da UNIDAVI – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, no município de Rio do Sul que, exige um aprofundamento do conhecimento científico pessoal permanente.

E ainda, a partir destes processos acadêmicos e profissionais, considerando o tema

exposto, faz-se a necessidade de estabelecer o objetivo principal deste estudo que foi analisar a relação entre as manifestações religiosas no Santuário de Azambuja e as atividades turísticas realizadas na região de Brusque - Santa Catarina.

Para tanto, traçou-se os objetivos específicos:

- Descrever os caminhos históricos das peregrinações e do movimento devocional envolvendo o Santuário de Azambuja;
- Identificar os tipos de atividades religiosas referentes ao Santuário de Azambuja;
- Analisar as atividades turísticas locais e sua relação com o Santuário de Azambuja.

O fenômeno turístico vem apresentando índices de crescimento expressivos e desenvolvendo-se de maneira extremamente veloz, consolidando-se no mercado mundial como atividade econômica, social e cultural bastante significativa. A expectativa é de que a atividade se expanda ainda mais neste século alcançando regiões sem tradições turísticas consolidadas.

Esta realidade vem tornando-se possível, porque o turismo vem adaptando-se e buscando padrões de qualidade e sustentabilidade adequados aos novos tempos. Em função deste novo modelo de fazer turismo é que a atividade turística enfrenta profundas mudanças de entorno, que vão desde as estruturas internas até a globalização (GANDARA, 1999). Os consumidores de serviços turísticos têm mudado seu comportamento, buscando novas experiências. Isso graças às inovações tecnológicas, que permitem que os turistas tenham acesso fácil e rápido a informação. Dessa forma, eles estão cada vez mais exigentes, informados e experientes.

Neste sentido, o fenômeno turístico deve ser visto em função dos elementos sócio-culturais tão importantes quanto os econômicos. Este olhar sobre a sociedade e a cultura permite a expansão do ser humano, através do divertimento ou da possibilidade de conhecer novas formas de viver ou, ainda, o enriquecimento do conhecimento intelectual e cognitivo através de viagens e experiências turísticas adquiridas nos diversos ambientes.

Considerando estas perspectivas, os rumos do turismo levam para uma visão administrativa moderna, de longo prazo e com postura responsável diante da integridade do meio ambiente e da cultura, que encontra no desenvolvimento sustentável do turismo, o caminho da consolidação da atividade e a lucratividade adequada dos investimentos realizados no setor (RUSCHMANN, 1997).

Atualmente, o mundo é uma aldeia global e as distâncias não são mais um empecilho

para os turistas. As informações chegam ao outro lado do planeta com uma velocidade espantosa. Os destinos turísticos são escolhidos de forma simultânea. As pessoas irão se deslocar por inúmeros motivos dentro da atividade turística: pela gastronomia, pelo artesanato, pelas festas folclóricas, religiosas, cidades históricas, enfim, o turismo é e será a atividade do século XXI.

A viagem motivada pela religião é um dos tipos de deslocamentos mais antigos do mundo e que movimenta um grande número de pessoas. Estes deslocamentos religiosos tomaram novas feições passando a denominar-se turismo religioso.

Salvo o turismo de férias e o de negócios, o Turismo Religioso é o que mais cresce porque, além dos aspectos místicos e dogmáticos, as religiões assumem o papel de agentes culturais pelas manifestações de proteção a valores antigos, de intervenção na sociedade atual e de prevenção no que diz respeito ao futuro dos indivíduos e da sociedade (ANDRADE, 2000).

Estudos sobre os impactos econômicos do turismo religioso, apesar de ainda insuficientes ou pouco disponibilizados, permitem inferir que essa modalidade turística contribui para o redimensionamento da economia local por meio de adaptações de equipamentos de hospedagens, serviço de comércio e gastronomia, lazer, e outras possibilidades, que tomam uma ampla configuração no espaço territorial (DIAS, 2003).

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.2.1 Tipo de Pesquisa

Pesquisar é construir o conhecimento original, de acordo exigências científicas. É um trabalho de produção de conhecimento sistemático, não meramente repetitivo, mas produtivo que faz avançar a área do conhecimento a qual se dedica. A pesquisa é talvez a arte de se criar dificuldades fecundas e de criá-las para os outros. Nos lugares onde havia coisas simples, faz-se aparecer problemas (GOLDENBERG, 2000, p. 78).

Considerando esta perspectiva foi escolhida a abordagem qualitativa como método de pesquisa. Conforme Flick (2004) as pesquisas qualitativas desenvolvidas na área de ciências sociais e áreas afins vêm contribuir para o estudo aprofundado do Ser Humano. O foco principal da pesquisa qualitativa é estudar o seu comportamento, atitudes, desejos, sentimentos, costumes, crenças, valores e saberes.

Para o mesmo autor o principal objetivo da pesquisa qualitativa é

> [...] compreender os valores culturais, os significados, as crenças, os motivos, os valores e as atitudes, onde o pesquisador interpreta determinados eventos observando a partir de falas, entrevistas, sentidos e significados o fenômeno estudado e ocorre uma integração entre o pesquisador e os informantes (FLICK, 2004, p. 18).

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (CHIZZOTTI, 2001).

O estudo abordado na presente dissertação reflete sobre esta dinâmica mostrando a religiosidade das pessoas e a associação de suas crenças, atividades de cunho turístico que estas vivenciam quando realizam suas visitações a centros religiosos. Por isso, considera-se viável a utilização da abordagem qualitativa para a coleta de dados, análise e apresentação dos resultados obtidos.

Por intermédio da adoção da pesquisa qualitativa foi possível realizar a observação de um fenômeno religioso e social em que há a integração (parcial) dos visitantes com a comunidade local e a questão da importância deste santuário como fenômeno antropológico, religioso e turístico.

O meio adotado para o desenvolvimento da pesquisa foi o Estudo de Caso (TRIVIÑOS, 1987), com abordagem histórico-antropológica nas manifestações religiosas durante a comemoração do Centenário do Santuário de Azambuja, que se realizou no decorrer do ano de 2005.

O cenário escolhido, Santuário de Azambuja fica no município de Brusque, sendo pertinente este recorte de estudo e a opção de não abordar todos os santuários da região ou do Estado, em função do tempo disponível para coleta e análise reflexiva com certo aprofundamento dos dados coletados. Conforme Goldenberg (2000), esta opção leva a:

> [...] adquirir conhecimentos do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso. O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos (GOLDENBERG, 2000, p. 33).

O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e

descrever a complexidade de um caso concreto. Através de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística (GOLDENBERG, 2000).

O desenvolvimento do método de Estudo de Caso foi elaborado em quatro partes:

1. **A seleção e a delimitação do caso**: que deve precisar os aspectos e os limites do trabalho a fim de reunir informações sobre o campo específico e fazer análises sobre os objetivos definidos a partir dos quais se possa compreender uma determinada situação (CHIZZOTTI, 2001). Neste caso, o campo específico em estudo foi o Santuário de Azambuja em um espaço temporal que abrangeu as comemorações do Centenário de Azambuja.

2. **O trabalho de campo**: que reuniu o organizou um conjunto comprobatório de informações. A coleta de informações em campo pode exigir negociações prévias para se aceder a dados que dependem da anuência de hierarquias rígidas ou da cooperação das pessoas informantes. As informações documentadas, abrangendo qualquer tipo de informação disponível, escrita, oral gravada, que se preste para fundamentar o relatório do caso que será objeto de análise crítica pelos informantes ou por qualquer entrevistado (CHIZZOTTI, 2001).

Em relação ao trabalho de campo, como já comentado, foi realizada a observação não-participante. Porém, foi também desenvolvido entrevistas semi-padronizadas com os representantes religiosos (diocesanos e moradores locais) atuantes no Santuário em estudo. As negociações sobre autorizações de identidades e de gravação da entrevista foram realizadas previamente com a documentação necessária para a legalização correta do trabalho de campo.

Criou-se uma relação dinâmica entre a pesquisadora e os pesquisados que não foi desfeita em nenhuma etapa da pesquisa, até seus resultados finais. Esta participação viva e participante foi indispensável para se apreender os vínculos entre as pessoas e os objetos e os significados que foram construídos pelos sujeitos.

3. **A organização e redação do relatório**: que poderá ser narrativo, descritivo, analítico, ser ilustrado ou não, filmado, fotografado ou representado. Seu objetivo é apresentar os múltiplos aspectos que envolvem um problema, mostrar sua relevância, situá-lo no contexto em que acontece e indicar as possibilidades de ação para modificá-lo (CHIZZOTTI, 2001).

4. A última etapa do estudo de caso é a **organização do relatório para posterior análise** e discussão dos resultados.

No que se refere à organização e redação do relatório do presente estudo, conforme colocado Chizzotti (2001), foi abordada a técnica descritiva e fotografada. Percebe-se que o estudo sobre o santuário de Azambuja é bastante novo e ainda não ocorre registro fotográfico acadêmico sobre a estrutura física do mesmo. A análise descritiva auxilia na identificação das atividades de cunho religioso no objeto em estudo e, por intermédio das entrevistas com os informantes selecionados, contribui para a futura análise histórico-antropológica em questão que capta os aspectos específicos dos dados e fatos no contexto em que acontecem. O resultado final da pesquisa não foi fruto de um trabalho meramente individual, mas uma tarefa coletiva, gestada em micro decisões, que se transformam em uma obra coletiva.

1.2.2 Procedimento de coleta de dados

Os dados se dão em um contexto fluente de relações: são fenômenos que se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos. É preciso ultrapassar sua aparência imediata para descobrir sua essência (CHIZZOTTI, 2001, p. 84).

Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações, sua ocasionalidade, a freqüência e a interrupção, a fala e o silêncio. É necessário, então, encontrar o significado manifesto e o que permaneceu oculto.

O procedimento da coleta de dados iniciou-se com um mapeamento de material bibliográfico de acordo com o tema de interesse da pesquisadora e o seu estudo. Este procedimento foi aplicado a pesquisa fundamental ou teórica, voltada ao interesse das atividades cotidianas dos santuários, para a análise endógena do município sede do santuário em estudo e para entender não só os fatos reais das manifestações religiosas, mas também entender os “macro fatos” e os “micro fatos”, ou seja, as características, eventos ou atividades que rodeiam os fatos reais (FLICK, 2004). Ao final, foi desenvolvido um diagnóstico descritivo e exploratório do santuário em estudo, além de um mapeamento das atividades e eventos religiosos ocorridos no mesmo.

O trabalho da coleta de dados foi feito com pessoas e atores sociais do Santuário em estudo, ou seja, 05 (cinco) moradores e 06 (seis) diocesanos.

No que se refere aos dados coletados, este ocorreu

> [...] interativamente, num processo de idas e voltas, nas diversas etapas da pesquisa e na interação com seus sujeitos. No desenvolvimento da pesquisa, os dados colhidos em diversas etapas são constantemente analisados e avaliados. Os aspectos particulares novos descobertos no processo de análise são investigados para orientar uma ação que modifique as condições e as circunstâncias indesejadas (CHIZZOTTI, 2001, p. 89).

O instrumento de coleta de dados adotado para a interação verbal com os informantes foi o da entrevista semi-padronizada.

O interesse neste instrumento está diretamente vinculado à expectativa de que o mais provável é que os pontos de vista dos informantes entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento relativamente aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário. Acredita-se que a entrevista semi-padronizada, proporciona uma abertura para a visão subjetiva dos informantes através de questões abertas, direcionadas para os objetivos específicos e questões confrontativas, estruturando e aprofundando o problema em questão, adaptando o método ao assunto e aos informantes (FLICK, 2004).

1.2.3 Procedimento de análise dos dados

A análise dos dados coletados foi realizada utilizando-se uma abordagem histórico-antropológica nas observações e registros sobre as ações, atividades e crenças, no santuário em estudo.

A relação entre as manifestações religiosas e atividades de turismo religioso no santuário foram exploradas através da observação não-participante de campo. Que reúne não apenas as percepções visuais, mas também aquelas baseadas na audição, no tato e no olfato (ADLER; ADLER apud FLICK, 2001).

A escolha deste tipo de observação proporcionou a união entre o observado (ambiente principalmente) e a visão subjetiva dos informantes. Este processo de ações e interações através do campo observado, mais as entrevistas proporcionaram uma focalização ampliada e uma observação seletiva do espaço investigado.

A análise dos dados não documentais foi realizada nos primeiros meses do ano de 2006, com o uso da técnica de Análise do Discurso do Sujeito Coletivo, baseados nos princípios teóricos de Lefévre e Lefévre (2003). Esta análise aconteceu após as entrevistas com os informantes com o uso do roteiro de entrevista (APÊNDICE 01).

Segundo Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 15-16) a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é "[...] uma proposta de organização de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas semanais, cartas, *papers*, revistas especializadas, etc." O DSC facilita a tabulação dos dados, a sistematização e análise das respostas, pois consiste em uma estratégia diferente de categorização, no sentido de não separar os discursos individuais dos coletivos, mas uni-los em um único discurso. Como Lefèvre e Lefèvre (2003) explicam, é uma soma de pensamentos na forma de conteúdo discursivo.

O pensamento coletivo precisa sempre ser pesquisado qualitativamente, justamente porque ele é uma variável qualitativa, que, ao contrário de variáveis quantitativas como peso, altura, renda, dentre outras, não é pré, mas pró-construída, isto é, não se configura como *input*, mas como *output* da pesquisa (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

O DSC busca justamente dar conta da discursividade, característica própria e indissociável do pensamento coletivo, buscando preservá-la em todos os momentos da pesquisa, desde a elaboração das perguntas, passando pela coleta e pelo processamento dos dados até culminar com a apresentação dos resultados. Ou, como Lefèvre e Lefèvre (2003; p. 16) comentam: "O DSC visa dar luz ao conjunto de individualidades semânticas componentes do imaginário social". Assim, poder-se-á afirmar que é uma estratégia metodológica que, utilizando os discursos, tem por objetivo tornar mais clara uma dada representação social, bem como o conjunto das representações que conforma um dado imaginário.

O DSC é utilizado para estudar conjuntos de discursos, formações discursivas ou representações sociais (LEFÈVRE ; LEFÈVRE, 2003, p. 16). Deste modo, a técnica adaptou-se a pesquisa, por propiciar o levantamento das representações (pensamentos) dos sujeitos, representações estas que devem ser consideradas como um discurso da realidade.

Por sua vez, o DSC é a manifestação do pensamento de um sujeito coletivo na forma de discursos. Esse discurso expressa os traços do pensamento da coletividade na qual o sujeito individual está inserido, exprime o que o grupo pensa e como pensa. "O sujeito coletivo se expressa, então, através de um discurso emitido no que se poderia chamar de primeira pessoa

(coletiva) do singular [...]" (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2003; p. 16). Estes autores referem-se a uma primeira pessoa coletiva, porque o sujeito individual fala em nome do grupo ao qual pertence. Suas considerações e análises a respeito de um tema dado são, ao mesmo tempo, individuais e coletivas.

Para a elaboração do DSC, é imprescindível a utilização de algumas figuras metodológicas como: expressões-chave, idéias centrais, ancoragem e discurso do sujeito coletivo.

> As expressões-chave (ECH) são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que devem ser sublinhadas, iluminadas, coloridas pelo pesquisador, e que revelam a essência do depoimento ou, mais precisamente, do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento [...] (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 17).

Estas expressões-chave, servem para comprovarem a veracidade das idéias com a integralidade do depoimento e do discurso, é com a matéria-prima das ECH que se constroem os DSC.

É chamada Idéia Central (IC) a descrição direta e precisa dos significados do conjunto dos discursos que foram analisados e destacados nas expressões-chave. A idéia central

> [...] é um nome ou expressão lingüística que revela e descreve, de maneira mais sintética, precisa e o mais fidedigna possível, o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECH, que vai dar nascimento, posteriormente, ao DSC (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 17).

"A Ancoragem (AC) é a manifestação lingüística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença que o autor do discurso professa e que, na qualidade de afirmação genérica, está sendo usada pelo enunciador para "enquadrar" uma situação específica" (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 17). Em outras palavras, poder-se-ia dizer que a AC é a figura metodológica que indica a teoria, o pressuposto, a corrente de pensamento e o fundo do conhecimento que o sujeito compartilha e aceita de uma maneira natural para representar um dado fenômeno da realidade. Essa figura metodológica é inspirada na teoria das representações sociais porque trata a ancoragem como um dos processos fundamentais para a construção das representações sociais de um grupo.

Os conjuntos destas figuras metodológicas nos levam ao Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), ou seja, "um discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas ECH que têm a mesma IC ou AC" (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 17). Apresenta

uma proposta crítica ao procedimento tradicional de categorização, proporcionando um discurso que resume o exposto nas várias expressões-chave, tomando por base as idéias centrais ou as ancoragens que são comuns a um determinado discurso; além disso, une os discursos semelhantes e, complementares dos sujeitos em um único discurso, que representa a manifestação do pensamento do grupo em relação a um tema específico. Na análise do DSC pode ocorrer que discursos sejam visivelmente diferentes ou antagônicos; estes devem ser apresentados separadamente, procedimento este obrigatório para a aplicação da técnica.

1.2.4 Aspectos Éticos da Pesquisa

Para realização desta pesquisa tomaram-se como base os procedimentos éticos recomendados pelas resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde, que regem a realização de pesquisas envolvendo seres humanos. Além de garantir o anonimato dos participantes, foi solicitado a todos os informantes que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 03) da pesquisa, deixando explícito que eles poderiam se recusar a participar e desistir em qualquer momento do processo.

2 TURISMO RELIGIOSO X PEREGRINAÇÃO

2.1 TURISMO RELIGIOSO.

Movidos pela crença, 15 milhões de brasileiros fazem suas malas todos os anos com um único objetivo: praticar a peregrinação a centros religiosos e santuários espalhados pelo mundo. Tal constatação advinda do Instituto Brasileiro de Turismo – Embratur (2000) – dá a dimensão da importância deste segmento, que se mostra em indiscutível escala ascendente. Em muitos locais do país, são as festas religiosas que movimentam e sustentam o comércio e a gastronomia de municípios que sobrevivem à custa da emoção religiosa, seja dos pagadores de promessa, seja daqueles que apostam tudo nas graças para a solução de problemas ou apenas dos visitantes informais. Proporcionando assim, um segmento em potencial relacionado com a atividade turística: o turismo religioso.

Motivados pela fé e pelas crenças, o fenômeno do turismo religioso propicia o sentimento de cultura e religiosidade ao mundo. Permite a reaproximação do tempo e do espaço, na medida em que rompe com o cotidiano e insere na dimensão da religião, tempo e os espaços reais.

A modalidade turístico-religiosa pode ocorrer de forma individual ou organizada, em programas como romarias, peregrinação e penitência, de acordo com os objetos religiosos, dogmáticos e morais de fiéis visitantes. A romaria ocorre quando o indivíduo, por disposição própria e sem esperar recompensas materiais ou espirituais, visita lugares sagrados. Já a peregrinação se dá através da visita a lugares sagrados para cumprir promessas ou pedidos anteriores feitos a divindades ou a espíritos bem aventurados. É considerado um ato de penitência quando o fiel se desloca a locais sagrados, com intenção de redimir-se de seus pecados e culpas, de forma livre ou por meio de conselhos religiosos.

A dimensão espiritual e religiosa do fenômeno turístico é destacada por Llieda (1993) que afirma:

> O Ano Santo, os congressos eucarísticos, o Caminho de Santiago, a Semana Santa, as festas de caráter religioso, as procissões, etc. são algumas das várias atividades que integram o subsetor turístico religioso. A este grupo

> não se agrega somente o valor religioso bastante transcendente, mas também o artístico, o arquitetônico e ambiental. Entretanto, para fins turísticos, é melhor projetar e organizar os itinerários nos quais se encontram as catedrais, os santuários e os mosteiros importantes ligados às típicas festividades desses lugares (LLIEDA, 1993, p. 26).

Para que estes itinerários consigam suportar tal demanda de fiéis, visitantes e turistas, faz-se necessário à realização de estudos sobre os impactos econômicos e sócio-culturais do turismo religioso para superar eventuais obstáculos, divergências e pensar da geração de riqueza vinculada ao movimento de grupos sociais regionalmente organizados, que demandam espaço de participação no processo de decisão e gestão. Onde igualdade social, processos produtivos ambientalmente sustentáveis, respeito a valores éticos e culturais e relações comerciais justas são conceitos cada vez mais demandados, que se refletem na escolha do destino ou produto.

Dentro do processo de planejamento de destinos turísticos, sejam eles relacionados com qualquer tipo de segmentação de mercado, neste caso, inseridos no processo de discussão, o turismo religioso percebe-se a importância da conceituação deste termo. Podemos destacar as considerações de Andrade (2000), quanto ao termo em questão:

> Turismo Religioso é o conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a lugares ou regiões que despertam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade nos fiéis de qualquer tipo ou em pessoas vinculadas a religião (ANDRADE, 2000, p. 125).

Porém torna-se complicado esta conceituação por motivos divergentes dos envolvidos no processo. A religião permanece e frequentemente exibe uma vitalidade que se julgava extinta. Trata-se da confissão de espera, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza. Há coisas a serem consideradas: altares, santuários, comidas, perfumes, lugares, capelas, templos, amuletos, colares, livros... e também gestos, como os silêncios, os olhares, rezas, encantações, renúncias, canções, poemas, romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações (ALVES, 1990).

Estas propriedades especiais destas coisas e gestos, que fazem deles habitantes do mundo sagrado, nos levam a pensar quanto à atividade de visitação à estes templos sagrados, à estas crenças à coisas e gestos inseridas nas religiões. Dentro deste processo, destacamos que:

> O turismo religioso não é de religiosos, nem de religião. É um turismo motivado pela religiosidade, pela cultura religiosa. Portanto, onde quer que

> essa cultura se manifeste – seja na área rural, natural ou urbana, seja no cotidiano ou em momentos festivos – poderá existir um turismo religioso (com ou sem profissionalismo). (OLIVEIRA, 2004, p. 52).

Esta reflexão nos mostra que, apesar da devoção, da fé e da religiosidade, quando ocorre um deslocamento de pessoas fora do seu local de residência, seja por motivos de lazer, religião ou negócios, sempre ocorre o consumo de serviços que estão relacionados com a prestação de serviços da atividade turística. Hospedagem, alimentação e transporte são indispensáveis para os mesmos e também são identificáveis como serviços turísticos.

O moderno turista religioso busca reverenciar o objeto de sua fé, sem deixar de lado, porém, os requisitos básicos de conforto para atingi-la: como meios de hospedagem, transporte, segurança, restaurantes, dentre outros serviços.

Desse modo, embora com motivações de viagem diferentes, ambos os viajantes utilizam-se de serviços e produtos comuns, provocando surgimento ou desenvolvimento de inúmeras atividades econômicas que geram empregos e renda para uma determinada região (OLIVEIRA, 2004).

O conjunto de locais e atividades religiosas provoca o deslocamento de pessoas e pode ser considerado como atrativo turístico quanto à demanda de visitantes e peregrinos. Este fenômeno, do deslocamento de pessoas para fins religiosos, de penitência, de promessas ou por simples curiosidade e visitação, pode ser considerado como tipo particular de turismo, o religioso.

Quanto aos atrativos de turismo religioso, Dias e Silveira (2003, p. 15), comentam que: “Os locais e eventos religiosos apresentam uma característica de multifuncionalidade importante para um melhor aproveitamento da infra-estrutura”. Ou seja, todo Santuário, ao mesmo tempo em que provoca um deslocamento de fiéis pelo culto, também provoca o surgimento de uma demanda cultural, de pessoas que irão apreciá-lo pelo que contém de histórico e cultural. Do mesmo modo, os eventos incorporam-se à cultura local, tornando-se fonte de identidade de determinada comunidade.

Porém parece que as religiões, como as culturas, não podem mais manter aquela rigidez clássica que lhes permitia uma maior identidade. Em termos éticos, elas podem se tornar atrativos excepcionais da humanidade a partir de um lento, mas aprofundado deslocamento dos limites, sem que seja afetado o núcleo das respectivas doutrinas.

É de suma importância deslocar os limites das culturas e será igualmente necessário

deslocar as fronteiras dos mundos religiosos. Com efeito, a dinâmica que protege e ao mesmo tempo favorece a cultura como um todo, estruturado e capaz de organizar o sentido do mundo parece análogo também no mundo das religiões (TERRIN, 2004).

Está em curso um processo de globalização em todos os níveis que parece irrefreável, em relação aos mercados mundiais, mas também aos valores, à percepção de grandes ideais, aos motivos éticos e religiosos comuns. As religiões parecem, portanto, uma subcamada do mundo das culturas. Terrin (2004), quanto a este processo irreversível, nos coloca que:

> [...] num tempo em que as culturas se fragmentam e se entrecruzam, se constroem e se dissolvem, as religiões têm o dever de tentar um caminho paralelo de ecumenismo e de globalização de forças, caminho indicado pelo próprio mundo atual, mas tem também o dever de realizar esse percurso em sentido unitário e convergente para ainda servirem de ponto de referência e de farol de luz a humanidade (TERRIN, 2004, p. 87).

A experiência religiosa entendida como sentimento criatural, pelo qual se ficam encantados diante do mundo ou a experiência de fé em que se afirma que Jesus é o Cristo, não parece fazer parte da estrutura de uma cultura e de uma religião organizada. Quando, porém o discurso se refere à religião em todo o seu conteúdo institucional, parece que, pelo menos em nível fenomenológico, só pode ser movimentado num contexto análogo e paralelo ao próprio da cultura.

Portanto, se uma religião, no seu aspecto institucional, é como uma cultura, um sistema sub-cultural, com uma rede de signos e uma fronteira, com textos e normas como uma cultura, então se poderia aplicar os mesmos modelos de comportamento de uma mesma cultura.

Se o espaço, é uma das mais originárias formas de percepção que o homem tem de si e do mundo que o circunda; ele é continuamente levado a traduzir a própria linguagem em termos espaciais, pois o espaço faz parte do ar que respira em nível fisiológico e biológico como faz parte da antropologia epistemológica; se realmente é um fator inalterável em toda a experiência e constitui uma experiência primaria, é evidente que essa dimensão originária que permite habitar o mundo e exprimir ao homem, orienta também as suas experiências religiosas.

Quanto à atividade turística, pode-se dizer que o turismo contribui para o desenvolvimento dos valores espirituais e deve ser considerado como um fator de restauração

da personalidade e dignidade humana. No turismo, corpo e espírito humano se restabelecem da fadiga do trabalho e ritmo cotidiano da vida. O homem reafirma sua necessidade vital de liberdade e movimento e estabelece relações interpessoais em um contexto de serenidade particular, de maior confiança de a mais completa disponibilidade para reencontro e diálogo (DIAS, 2003).

O turismo não é, pois, uma simples evasão ou simples distração unicamente para romper com a monotonia de uma vida de trabalho. É um fator de solidariedade do homem com o homem e universo envolvendo o processo da hospitalidade, já que permite em contato direto do homem com a natureza e com culturas diferentes da sua, contribuindo para a promoção dos valores dos recursos naturais e culturais.

2.2 A PEREGRINAÇÃO E O CICLO DA HOSPITALIDADE: ALGUNS FATORES HISTÓRICOS

Reafirmando-se, o exame desse tópico e o valor posto sobre ser hospitaleiro em relação a forasteiros variam através do tempo e entre as sociedades. Assim, suas atuais perspectivas e definições de hospitalidade representam apenas uma possibilidade entre muitas outras. Este capítulo visa proporcionar certos aspectos de algumas questões que podem acrescentar perspectivas teóricas ao estudo da hospitalidade e sua relação com o ato de peregrinar, da oferta de alimento, bebida e do bem acolher.

Os fluxos migratórios são alavancados por fatores diversos e podem ocorrer isoladamente ou em combinações múltiplas. Alguns deles são de ordem física, como longas estiagens, inundações, nevascas, oscilações climáticas e terremotos; outros decorrem de fatos relativos à organização social, política e econômica, como a imposição de altos tributos, miséria e outras possibilidades tais como surtos epidêmicos, pestes e medo de contaminação; perseguições étnicas, religiosas, ideológicas, morais e cerceamento de liberdade também têm ao longo da história impulsionados deslocamentos de grupos sociais. A esse conjunto de fatores objetivos somam-se, por vezes, o desejo de aventura, a busca pelo novo, a atração pelo desconhecido, a esperança de possibilidades inauditas, potencializados pelo desencanto em relação ao efetivamente experienciado, pela imaginação criadora, pelo sonho e pela fantasia.

Tanto nos continentes do Oriente quanto nos continentes e países do Ocidente os deslocamentos territoriais e sustos civilizatórios aconteceram simultaneamente. Impérios se formaram e expandiram com a mesma intensidade com que outros foram destruídos. Cidades foram edificadas e outras arrasadas; e assim o envolvimento com o sagrado fez parte deste envolvimento.

As religiões são consideradas sob o aspecto dinâmico e histórico; dessa perspectiva, não são figuras estáveis, fixas, mas figuras em movimento. São formações nascidas num certo clima histórico, têm uma identidade própria adquirida com o tempo e uma verdade que se modifica também com o tempo, embora numa coerência interna fundamental (TERRIN, 2004).

Precisa-se repensar o "religioso" e de modo especial o mundo cristão de maneira nova e mais criativa vendo o homem, as culturas e as alteridades culturais simbólicas e religiosas não com sentimentos de auto-suficiência e superioridade, mas com espírito de acolhimento de "hospitalidade".

Poderia-se dizer que, se a pós-modernidade tem algum sentido, ela significa a capacidade de compreender as culturas a partir das suas subjetividades particulares. Essa sensibilidade e atenção nascem da vontade de desnudar de compreender novos conjuntos de significado, nasce um sentimento tão profundo quanto simples de dar hospitalidade ao outro diferente de nós.

É preciso compreender conceitos particulares e ao mesmo tempo abrir-se a um horizonte global de significados, retornando hoje em última instância a certa concepção holística do mundo e das culturas. Só assim, talvez, possa-se fazer de modo menos impróprio antropologia cultural e descobrir os significados e também especificamente os significados religiosos (TERRIN, 2004).

É o deslocamento pela Terra na procura pelo sagrado com vistas à adoração, consulta, festejo ou o simples conhecimento para a realização deste desejo de busca, gradativamente ocorreram estruturas de hospedagem e acolhimento em torno dessa demanda. Na Idade Média, muitas cidades dependiam das peregrinações para movimentar a economia local (DUBY apud ABUMANSSUR, 2003, p. 53).

O fenômeno das peregrinações, das romarias e devoções incentivou diversas modalidades e estruturas de hospitalidade. Entretanto, vale recordar, que no mundo grego, assim como em Roma, na Idade Antiga, o culto da boa hospitalidade existia com claro

direcionamento as elites compostas de homens livres (SILVA; FEDER; CYRILLO, 2004). Algo que, vai permanecer nas eras seguintes, porém com outras formas de manifestação do que se considera boa hospitalidade.

Heal (1990) destaca os diversos papéis que a hospitalidade desempenha ao longo do tempo. Além dos "valores relativos ao tratamento dado a forasteiros e viajantes, a hospitalidade desempenhava um papel importante na economia política local" (LASHLEY; MORRISON, 2004, p. 9).

A expressão da hospitalidade na Inglaterra Moderna (1400-1700) tinha muito em comum com a Roma Clássica. Uma poderosa ideologia de generosidade se formulava em um *ius hospitti*, mas que se baseava em benefícios práticos em que estava presente a integração dos forasteiros e a inclusão de hóspedes-amigos. Tanto em Roma quanto na Inglaterra Moderna, "o bom acolhimento ocupava uma parte necessária da conduta cotidiana dos principais cidadãos" (HEAL apud LASHLEY; MORRISON, 2004, p. 2).

Esta idéia de hospitalidade como acolhimento é parte dos valores nas sociedades pré-industriais, e ocupa uma posição central no Reino Unido e em outras sociedades ocidentais, "[...] a hospitalidade é, predominantemente, uma forma privada de comportamento, exercida como uma questão de gosto pessoal, dentro de um limitado, círculo de amizade e relação". Diferente dos períodos históricos anteriores às sociedades ocidentais pré-industriais, a hospitalidade e o dever de acolher tanto os vizinhos quanto os forasteiros representavam um maior imperativo moral. "Habitualmente, o dever de proporcionar hospitalidade, atuar com generosidade enquanto anfitrião e proteger os visitantes eram mais do que uma questão deixada ao gosto dos indivíduos" (HEAL, 1990, p. 1).

O entendimento mais amplo a respeito de hospitalidade sugere, em primeiro lugar, que esta é, fundamentalmente, o relacionamento construído entre anfitrião e hóspede. Para ser eficaz, é preciso que o hóspede sinta que o anfitrião está sendo hospitaleiro por sentimentos de generosidade, pelo desejo de agradar e por ver, a ele, hóspede, uma pessoa merecedora de acolhimento de proteção.

A hospitalidade deriva do ato de dar e receber. A hospitalidade transforma: estranhos em conhecidos, inimigos em amigos, amigos em melhores amigos, forasteiros em pessoas intimas, não-parentes em parentes. Estes princípios ganham expressão em descrições etnográficas de uma grande variedade de sistemas sociais. No que se refere à conceituação do termo hospitalidade relacionado do ato de receber e integrar pessoas estranhas destaca-se que

“a hospitalidade é o nome que se dá à característica das pessoas hospitaleiras. [...] É a oferta de alimentos, bebidas e, ocasionalmente, acomodação para pessoas que não são membros regulares da casa” (LASHLEY; MORRISON, 2004, p. 54).

Um filão envolvendo o estudo da hospitalidade refere-se ao tratamento dado ao forasteiro. Beardsworth e Keil (1997) afirmam:

> [...] em todos os balanços, tanto antropológico-social quanto histórico, das sociedades tradicionais, há uma grande ênfase sobre a importância da hospitalidade. Esta se concederia aos viajantes (muitas sociedades possuem obrigações culturalmente definidas e particularmente fortes para recepcionar os forasteiros). (BEARDSWORTH; KEIL apud LASHLEY; MORRISON, 2004, p. 101).

O dever de ser não só generoso em relação ao forasteiro, mas também protetor, é um importante aspecto desse filão de hospitalidade. Em muitos casos, via-se essa conduta como um dever sagrado do anfitrião de proteger tanto a família imediata quanto os hóspedes. Nas comunidades beduínas, esse dever abarcava todas as ameaças ao hóspede, e isto incluía o futuro relacionamento, até porque esta era a função básica da hospitalidade,

> [...] estabelecer um relacionamento ou promover um relacionamento já estabelecido. Os atos relacionados com a hospitalidade obtêm este resultado no processo de troca de produtos e serviços, tanto materiais quanto simbólicos, entre aqueles que dão hospitalidade (os anfitriões) e aqueles que a recebem (LASHLEY; MORRISON, 2004, p. 26).

Mas a hospitalidade envolve mais do que estabelecimento de relações, é o desejo de agradar a outras pessoas, a preocupação ou a compaixão em face das necessidades alheias e o sentimento assumido do dever de ser hospitaleiro. Os motivos não-pertinentes podem dizer respeito à tentativa de conquistar o favor de terceiros, seduzi-los ou, em contextos comerciais, a ganhar maior valor de troca (LASHLEY; MORRISON, 2004).

Entretanto é importante saber que ao contrário de algumas formas de caridade, a hospitalidade não é nem voluntária, nem altruísta, mas, em certo sentido, é tanto necessária quanto compulsória. Decididamente, a hospitalidade é o meio, acima de todos os outros, de criar ou consolidar relacionamentos com estranhos. Desse ponto de vista, surge como um dos meios pelos qual a sociedade muda, cresce, renova-se e se reproduz (LASHLEY; MORRISON, 2004).

2.3 PEREGRINAÇÃO X TURISMO RELIGIOSO

A dinâmica da linguagem religiosa é a mesma dinâmica que se exprime na linguagem espacial através de experiência de Deus que está mais além. É outro, está em outro lugar. Neste sentido, a peregrinação torna-se uma expressão realizada da linguagem religiosa. Torna-se a verificação da experiência religiosa autêntica, a única verdade em que se deparam os habitantes da Terra. Homens a caminho, em busca do absoluto e consciente de que Deus não pode ser uma transcendência pura, convencidos de que de algum modo antes ou depois de conseguirem alcançar o Altíssimo e de poderem habitar na sua presença.

O homem religioso é, portanto, aquele que é constantemente levado para dentro de si à procura de um pólo que seja verdadeiro referente em torno do qual dever dispor-se ordenadamente toda a realidade.

Terrin (2004), destaca que:

> [...] a experiência religiosa é uma experiência de organização da realidade com base em um centro. Também aqui a experiência interior é o reflexo, é a interface daquela exterior numa unidade às vezes inconfessada, inconsciente, mas profunda e real. A experiência religiosa organiza o real, uma vez que confere sentido, batiza toda a realidade, dando significado à tudo que existe. A experiência religiosa é a experiência que descobriu um refúgio, um lugar "seguro", um centro, um pólo de referência e, portanto é uma experiência que sabe vencer o caos e os vários monstros do caos de que fala a história das religiões (TERRIN, 2004, p. 372-373).

O centro, a polaridade de que a alma tem necessidade, sintetiza todos esses significados e encontra o seu preenchimento mais concreto na peregrinação, em que há um pólo de atração, há a necessidade de encontrar um "centro do mundo" e o homem se põe a caminho desse centro de proteção, de segurança, de salvação. Nesse sentido, a peregrinação é também uma forma de criar experiências de convergências, de condensação de significados, e no seu âmago também tem uma forte caracterização "iconófila": ama as imagens do divino, ou, antes constrói imagens do divino, mesmo que depois as reconheça como simulacros no caminho para a realização suprema.

A princípio, toda peregrinação implica numa tríplice estrutura: um homem que transita por uma rota; uma meta, escolhida por sua relação com o sagrado; e, uma motivação para encontrar-se com a realidade misteriosa e invisível. Inseparável da arte de viajar está o anseio

de romper com os hábitos da nossa vida comum, de se afastar pelo tempo necessário até ver realmente o mundo em casa, e de se afastar pelo tempo necessário até ver realmente o mundo ao seu redor.

As ciências sociais, que até meados do século XX não viam o turismo como algo digno de um esforço reflexivo, percebiam sua importância e sua implicações para as culturas e sociedades, emissivas e receptivas, afetadas pelo trânsito humano originado no turismo de massas. Particularmente, os estudos sobre as peregrinações contribuíram para o entendimento do fenômeno turístico ao confrontá-lo com o pano de fundo dos rituais e dos processos de interação social. Em certa medida, peregrinação e turismo suscitam as mesmas questões quanto aos seus significados e, segundo alguns autores, quanto às motivações. (ABUMANSSUR, 2003).

A peregrinação é comumente vista como uma busca universal do eu. Embora a forma da trilha mude de cultura para cultura e das diferentes épocas da história, um elemento permanece o mesmo: a renovação da alma (COUSINEAU apud OLIVEIRA, 2004).

A finalidade expressa da peregrinação é tornar a vida mais significativa. Pela viagem sagrada, as pessoas podem encontrar o caminho do divino, a fundamental fonte da vida. A essência do caminho sagrado é traçar uma rota sagrada de testes e escolhas, provações e obstáculos, a fim de chegar a um lugar sagrado e tentar alcançar o segredo do seu poder. Por meio da partilha desse território sagrado que as pessoas chegam não somente a descobrir a idéia de sua origem e o seu destino, mas a de ter experiências daquilo que revela o significado de suas vidas. Um processo de despertar e se transformar que precisa ser experimentado diretamente, o que cada um terá de fazer por si mesmo.

Como Cousineau (apud OLIVEIRA, 2004), citando Otavio Paz lembra, a experiência e o caminho do sagrado são similares porque elas jorram da mesma fonte. Essa fonte é o desejo. Desejo profundo de ser outra coisa, diferente daquilo que se parece ser. Assim, "a verdadeira jornada é feita com fé e a pé".

A peregrinação é uma passagem com o é a vida: um percurso. É uma iniciação e não pode adequadamente refletir-se numa instituição sócio-religiosa, não pode se tornar parcela desse mundo, embora organizado pelas Igrejas e Religiões. Ela tem uma forte propensão ao amor às imagens (iconofilia), mas tem uma igualmente forte necessidade de superar todos os obstáculos, de “ir além”, de continuar o caminho, de viver a procura daquilo que não se pode encontrar a não ser de maneira provisória, temporária.

Neste sentido, peregrinar é aceitar viver numa condição "liminal" na qual não se está mais integrado numa sociedade, mas se está a caminho de alguma outra coisa, e para isso é preciso fazer sacrifícios, submeter-se a fadigas, aceitar dificuldades. O turista dificilmente pode ser considerado um peregrino. O que impele o turista é a curiosidade, a diversão, a vontade de sair do seu ambiente. O peregrino é um buscador, um penitente, um marginalizado social, mesmo que apenas por certo período de tempo. Vive o verdadeiro conceito de liminalidade[1] e por isso sabe aceitar os sofrimentos para poder chegar àquele lugar ou àquele não-lugar que constitui para ele um ponto de chegada, o ponto de saturação do sagrado, capaz de transformá-lo interiormente.

Como tem sido ressaltado por muitos antropólogos, o ritual marca o tempo, organiza o espaço - duas maneiras de definir o que se quer dizer com o sagrado. Assim como tem-se de estar atentos para identificar a fonte do desejo, também é importante para o viajante ver claramente como e quando realizar a viagem.

O sentido do sagrado despertado no Caminho revela a realidade que tem o poder de transformar as vidas. Seja lá o que for essa realidade: uma deidade, a base do ser, o vazio, o inconsciente, o *self,* a natureza, o absoluto - o encontro com ela liberta quem a encontra das concepções formuladas pelo ego. O despertar de um sentido de sagrado torna as pessoas conscientes de uma realidade mais profunda e de uma vida mais significativa

A confiança e a força que podem vir durante o percurso de uma peregrinação, levam os peregrinos a querer levar estes sentimentos para a vida diária. Muitos experimentam desapontamentos, todos se sentem tocados, ninguém é indiferente à experiência.

Nesta perspectiva os elementos de identidade com a peregrinação, freqüentemente acionados pelos peregrinos, não são regidos somente pelo particularismo católico, mas, sobretudo por valores e práticas centradas no compromisso social com o próximo, numa profissão de fé que é traduzida no *ethos* peregrino, no ser peregrino.

A modernidade separou os ritmos de tempo dos ciclos culturais. E este reencontro é vital para o reencontro da própria humanidade. A afirmação da identidade cultural adquire assim umas possibilidades ontológicas, que transcende o meramente físico, possibilitando um

[1] O sinal do sagrado não se define em si como um espaço, nem é um lugar, mas é o limite entre um lugar e outro, é o intrínseco entre dois espaços, é, portanto, o que divide duas modalidades de ser. Divide o espaço entre o espaço de dentro: o espaço sagrado e o espaço de fora: o espaço profano. Terrin (2004) coloca que "liminalidade" seria o mesmo que "cruzar a porta", passar além da imaginação, o tangível, do palpável. Em temos dinâmicos, a porta representa a passagem e gera, portanto, o momento de separação, da ruptura, da morte, necessário para introduzir num outro estado de vida e de realidade. Simboliza na verdade, a idéia de purificação, de transformação.

encontro identitário do ser humano com a sua fé e consigo mesmo.

Por outro lado, há a valorização dos locais, com a procura e o interesse dos turistas pela fé e pela cultura local, resgatada dos colonizadores da região e pelos serviços feitos por sujeitos da comunidade.

No Brasil, a maioria dos centros de peregrinações surgiu no início da conquista portuguesa – especialmente nos séculos XVII e XVIII – mas pode-se encontrar também outros mais recentes – dos séculos XIX e XX. A obrigatoriedade da existência de uma religião oficial durante a Colônia – quando o Estado incluía a Igreja – e que se prolongou até o fim do Império, foi fator primordial para a manutenção dos valores católicos em todas as regiões. Dessa forma, as peregrinações se dirigem para santuários ou locais próprios de adoração ou devoção católicos, como é o caso da Basílica de Aparecida do Norte, em São Paulo ou de Juazeiro do Norte onde se cultua Padre Cícero, no Ceará (DIAS, 2002).

É fundamental, portanto, reconhecer que as idéias de fé e sacrifício estão na origem do ato religioso que motiva uma peregrinação. O ato de peregrinar tende a ser, antes de tudo, um ritual das origens nômades dos grupos humanos. Peregrina-se em busca de algo mais significativo; em busca da vida que supera a simples sobrevivência (OLIVEIRA, 2004).

"Peregrinar é voltar ao campo, ao espaço aberto, ao lugar de origem, à terra de antepassados; ao centro ou umbigo do mundo" (ELIADE, 1963, p. 46). Por esta razão é que se pode vincular diretamente a peregrinação ao sacrifício (ofício sagrado) e à fé.

A peregrinação, portanto, não é uma escolha individual do sujeito peregrino, mas retribuição manifesta deste sujeito à divindade (o santo) que o agraciou. Sua realização dá-se, na maioria das vezes, em espaços profanos, ligados ao mundo cotidiano do trabalho e do consumo. Mas seu auge, sua principal destinação, está nos lugares especialmente delimitados pelas forças divinas, sagradas.

Deve-se observar, acima de tudo, os vínculos culturais do peregrino, no contexto de uma sociedade contemporânea, em diferenciados graus de mutação. A identificação deve pautar-se pelo contexto devocional; por aquilo que denominamos de religiosidade: a maneira como a cultura religiosa é geograficamente vivenciada (MIRCEA ELIADE, 1963).

A peregrinação pode ser definida como:

> [...]viagens a lugares sagrados, assumidas com o intuito de conquistar mérito espiritual ou cura como ato de penitência ou agradecimento. Uma definição formal também incluirá a idéia de que a peregrinação deve incorporar certas etapas, como o começo da jornada; a jornada em si mesma; a permanência

> no templo ou local onde o sagrado é encontrado e a volta para casa. (HOGGART, 1992, p. 236).

Aceitar um significado um pouco mais amplo para o termo peregrinação, seria incluir a idéia de prestar tributo aos centros culturais, em vez de aos religiosos, então os turistas podem avançar (em um sentido social e intelectual) de seu consumo de lazer para uma gama de benefícios similares àqueles obtidos pelos seguidores devotos de uma religião (BURNS, 2002).

> Para o *homo religiosus*, toda a vida do humano vivo no mundo pode ser entendida como peregrinação a caminho da outra vida, a que realmente vale a pena, a penalidade de viver neste mundo. Assim, a vida terreal como seus desconfortos, dificuldades e sofrimentos são entendidos como provação necessária para que se possa chegar à verdadeira pátria, à terra feliz, ao paraíso onde não mais se conhecerá o cansaço, a dor e a morte. (ABUMANSSUR, 2003, p. 19).

Antigamente, as peregrinações estavam diretamente ligadas à comunhão e penitência como uma forma de purificação. Atualmente os peregrinos passaram a utilizar o momento da peregrinação, antes destinado apenas às práticas religiosas, para o lazer e opção de um conhecimento mais profundo da religiosidade.

A exemplo de qualquer viajante dos outros destinos turísticos, os peregrinos são consumidores de bens e serviços, num movimento de fluxo praticamente ininterrupto. Ainda que determinados destinos sejam procurados em função de datas específicas, quando se realizam festas ou espetáculos de maior apelo de atração, as principais rotas da fé mantém um movimento turístico praticamente contínuo durante grande parte do ano. Conforme destaca Dias e Silveira (2003):

> [...] os locais e eventos religiosos apresentam uma característica de multifuncionalidade importante, para um melhor aproveitamento da infra-estrutura. Todo o santuário, ao mesmo tempo em que provoca um deslocamento de fiéis que se deslocam para o culto, também provoca um surgimento de uma demanda cultural, de pessoas que irão apreciá-lo pelo que contém de histórico e cultural [...]. Os eventos que se incorporam à cultura local tornam-se parte da tradição cultural, fonte de identidade de determinada comunidade. Desse modo, há uma forte identificação entre turismo religioso e cultural, sendo o primeiro, na realidade, integrando a este último (DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 15).

Em diversas partes do mundo as peregrinações e festas religiosas passam a ser utilizadas pelo marketing turístico, incluídas no calendário de eventos oficiais como um

produto turístico de cunho cultural e religioso. Assim, as peregrinações se tornam uma dupla fonte geradora de renda – enquanto fornecedora de consumidores em potencial e como atrativo turístico em si. Embora o caráter comercial não elimine o elemento religioso – uma vez que a participação na peregrinação decorre de uma atitude de fé – as atividades paralelas às manifestações religiosas ganham nova dimensão, como forma de atrair mais visitantes.

Em geral, os visitantes se dirigem a um santuário ou local consagrado pela religião. Cada movimento das peregrinações pode variar de direção e intensidade ao longo do tempo e por diversos fatores de influência, que sempre estarão atrelados direta ou indiretamente à história da região ou mais recentemente aos apelos dos meios de comunicação.

3 CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO DE BRUSQUE: APROPRIAÇÃO IDEOLÓGICA E POLÍTICA.

3.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS DE BRUSQUE.

No Rio Itajaí Mirim foi criada, em 1860, a Colônia Brusque, com imigrantes alemães, além de outras colônias em sua bacia. Em território anexo, ainda no Itajaí Mirim, fundou-se, em 1866, a Colônia Príncipe D. Pedro, com imigrantes norte-americanos e irlandeses, contando com alguns franceses, alemães, suecos e dinamarqueses. Enquanto a Colônia Brusque, no período que foi de contínuas revoltas e de fugas, até em 1869 foi anexada a Colônia Brusque. É de salientar-se que a Colônia Brusque extravasou dos limites de bacia do Itajaí, atingindo, com Nova Trento, a bacia do Rio Tijucas, onde foram localizados imigrantes tiroleses e polacos.

Com relação a sua localização geográfica, o município de Brusque situa-se no estado de Santa Catarina - Brasil, no Vale do Itajaí Mirim. Sua distância de Florianópolis, a capital do Estado, é de 65 km em linha reta e 126 km por meio rodoviário. Os principais centros urbanos em sua proximidade são Blumenau, ao Norte, distante 41 km pela rodovia SC - 411 e Itajaí, a Nordeste, distante 35 km pela rodovia SC-486.

A área total do Município é de 292,75km^2, sendo que 146,89 km^2 pertencem ao perímetro urbano e 145,85 km^2 pertencem à área rural. A altitude média de Brusque, em seu núcleo urbano, é de 24 metros acima do nível do mar, sendo aproximadamente 52,9% pertencentes à planície do Itajaí Mirim; 14,8% dos terrenos de encostas e 32,3% as áreas de montanhas. O município tem os seguintes limites municipais: ao norte – Gaspar e Itajaí, ao sul – Canelinha e Nova Trento, ao oeste – Botuverá e Guabiruba e ao leste – Camboriú e Itajaí.

> O município de Brusque localiza-se dentro da área regional constituída de terrenos considerados de idade algonquiana e que são conhecidos como Série Brusque; todo o município está encaixado no trecho médio do Rio Itajaí - Mirim. As rochas da série Brusque sofreram um metamorfismo de grau médio a elevado com fenômenos de granitização. Por seus característicos litológicos e estruturais é correlacionado com a Série Minas. (TAKEDA apud CABRAL, 1960, p. 13).

Brusque é um município tem sua economia quase que exclusivamente baseada nas indústrias têxteis e empresas multinacionais de peças para equipamentos industriais. Apesar de ser um município parcialmente industrial, não são percebidas edificações de grande porte no centro do município. Trata-se de uma área formada pelo Vale do Itajaí com a presença significativa da mata atlântica.

3.2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DE BRUSQUE[2]

A ocupação do solo em Santa Catarina, que marca a construção de um novo modelo, principiou no século XVII, com a instalação, em São Francisco, Desterro e Laguna, de povoadores vicentistas. No século XIX, foram os imigrantes europeus, entre os quais predominaram alemães e italianos, que aqui chegaram, criando núcleos coloniais que se encontram entre o litoral e o planalto (SILVA et al., 1970).

As etapas da colonização alemã em Santa Catarina foram definidas por vales. Temos em 1850, Blumenau e o Vale do Itajaí. Cada época da colonização alemã é a época de ocupação de um vale, e se mais tarde estes vales foram extravasados, é porque houve um problema e fizeram com que os excessos populacionais fossem se integrando em outras áreas.

[2] Dados descritos a partir das observações *in loco* e documentos da Prefeitura Municipal de Brusque.

Alguma coisa muito estranha devia estar acontecendo a estes alemães, para que eles se lançassem com tanto afinco em busca de outras terras sem considerarem a enorme separação da velha pátria e o futuro ainda desconhecido. Não foi somente por motivo político que imigraram para o Brasil, mas muito mais pela situação social e econômica que estava bastante confusa. Pois durante anos seguidos lutaram com suas forças e não viam progresso, sentiram-se cansados e desanimados por não conseguirem ser donos dos seus próprios negócios. [3]

Por volta de 1914, Brusque tinha recebido 54 alemães em sua maioria de Badenou Westphalia, recebendo esse nome em homenagem ao antigo Presidente da Província de Santa Catarina, Francisco Carlos de Araújo Brusque. Em janeiro de 1861 chegaram outras famílias de colonos a Itajaí, onde a maioria era oriunda de Holstein, os quais subiram o rio Itajaí-Mirim por lanchas. Ao chegarem, foram alojados em um rancho construído de palmitos, considerado Galpão de recepção, onde puderam abrigar-se até receberem seus lotes. Recebiam alimento do Governo para sua manutenção, sendo farinha de mandioca, carne seca e toucinho de Minas Gerais; e para sua iluminação à noite, receberam lamparinas a querosene. Por muitos anos os colonos viveram à custa do trabalho em construção de estradas, porém, já no ano de 1865 foi possível auto sustentar-se da sua própria lavoura (SILVA et al., 1970).

O primeiro diretor da Colônia foi o Barão V. Schneeburg. Foi seguido primeiramente pelo Sr. Tetzi (1868 – 1871), pelo Barão V. Klitzing (1871 – 1874), sendo que este último foi destituído do cargo devido uma fraude que cometera depois transportado a Desterro e em seguida conduzido à Europa. E seu lugar foi ocupado por Dr. Luiz Betim Paes Leme para conduzir os negócios dos brasileiros. Também foi considerado, pelo seu empenho, o melhor Diretor da Colônia (SILVA et al., 1970).

No período em que administrou a Colônia, por sua iniciativa, fora construída a Igreja Católica e o fundamento para a Igreja Evangélica foram lançados. Dele surgiu também, a escola para meninos e meninas, assim como a construção de estradas que davam acesso à Itajaí e Blumenau para seu intercâmbio. Naquele tempo, anualmente eram organizadas exposições de produtos agrícolas. Em 23 de março de 1881, Brusque foi elevada a município e a 23 de novembro de 1891 elevados a categoria de comarca (SILVA et al., 1970).

Em 1868 aportaram algumas famílias francesas em Santa Catarina, vindo instalar-se na localidade de Cedro (hoje Dom Joaquim). A imigração italiana aconteceu durante o ano de 1874, prolongando-se até 1879. Em 1866 foi fundada por ordem do Governo Estadual a

[3] Informações retiradas da revista de cultura histórica do Vale do Itajaí-Mirim "Notícias de Vicente Só", pertencente à Sociedade Amigos de Brusque no ano de 1996.

Colônia Príncipe D. Pedro, ao lado direito do Rio Itajaí Mirim a uma distância de aproximadamente 4 km (hoje Barra de Águas Claras), também habitada por ingleses, cuja população somou 98 imigrantes. Entre os imigrantes da nova colônia estavam também alguns americanos escolhidos pela Steamship Company dos Estados Unidos, os quais não possuíam a mínima condição de colonizadores. Em Ribeirão do Ouro diversas famílias polonesas imigraram, mas os mesmos abandonaram os lotes recebidos, procurando outros lotes para se estabelecerem. Sobre a população existente nesta época, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 01 – Número de habitantes na Colônia Príncipe D. Pedro:

ANO	N° PESSOAS	ANO	N° PESSOAS
1861	406	1864	938
1968	1517	1869	1673
1871	2100	1875	4568

Fonte: Revista "Notícias de Vicente Só", editada pela Sociedade Amigos de Brusque, 1996.

Da história sobre a Igreja Católica e comunidade escolar, pode-se destacar que o primeiro pastor Pe. Alberto Gattoni se deslocava duas vezes por ano de Blumenau até Brusque para desempenhar suas funções espirituais, o que acontecia no então no Galpão dos Imigrantes. Mais tarde, o mesmo veio residir em Brusque, e logo assumiu a direção da construção de uma capela, a qual foi erguida no lugar de onde bem mais tarde fora construída a Casa Paroquial. Durante o ano de 1873 foi iniciada a construção da Igreja Católica cuja conclusão aconteceu em 1878 e assim que estava terminada foi inaugurada. [4]

A primeira escola da comunidade católica foi chamada à existência pela vontade das freiras em 1893. A mesma funcionava na casa do Sr. Peiter e por motivo da mudança deste a Blumenau, passou a funcionar na casa do Sr. Carl Krämer, onde permaneceu até 1909, quando foi possível inaugurar a nova escola. Naquela época foi aproveitada a oportunidade de assumir o compromisso da Igreja Católica com Azambuja pelo Sr. Pe. Grabriel Lux, de construir um hospital e instalações para recuperação de pessoas com doenças mentais. Ainda nesta mesma época, a comunidade contava com 80 famílias. Mas com a presença do pastor, houve um crescimento enorme nos próximos anos e em 1870 já somavam 220 famílias (SILVA et al., 1970).

Somente em 1874 é que se inicia a grande imigração italiana para o sul do Brasil, exceto para o Rio Grande do Sul. É bom frisar que a grande imigração italiana para o sul do

[4] Informações retiradas da revista de cultura histórica do Vale do Itajaí-Mirim "Notícias de Vicente Só", pertencente à Sociedade Amigos de Brusque no ano de 1996.

Brasil foi fruto de um contrato celebrado pelo Governo Imperial com o Comendador Joaquim Caetano Pinto Júnior, pelo Decreto n° 5.663, de 17 de junho de 1874. Este cidadão tem papel relevante na colonização de Santa Catarina, pelo fato de ter sido um contratante do Governo Imperial para a introdução de 100.000 europeus em 10 anos para o sul do Brasil, fez a organização da futura colônia do Grão Pará, que hoje se constitui em município autônomo da área do sul catarinense (SILVA et al., 1970).

Como destacam os autores,

> [...] o contrato de Joaquim Caetano com o Governo Imperial possibilitou a introdução de colonos italianos em todo o Vale do Itajaí. Houve a ocupação das áreas rurais pelos colonos italianos, ao passo que os colonos alemães se fixaram nas áreas urbanas, o que dá o contraste na atual estrutura social e econômica da área, com os centros urbanos de maior projeção considerados como áreas de colonização alemã, e a volta deles, os núcleos agrícolas italianos. Então, fixaram-se no Vale do Itajaí, no Vale do Itajaí Mirim, no Vale do Tijucas, no Vale do Tubarão, no Vale do Mãe Luiza e no Vale do Araranguá (SILVA et al., 1970, p. 42).

A massa de colonos italianos entrados sé de 1875 a 1880 ultrapassa em muito a casa dos 30 mil, quando Joaquim Caetano tinha um contrato para introduzir 100 mil imigrantes europeus no Sul do Brasil, ele enviou para Santa Catarina, num período de 5 anos, 30 mil italianos. É importante que se note que dentro deste processo de integração territorial surgiu concomitantemente, a colonização italiana no Sul de Santa Catarina o problema da exploração carbonífera.

O Estado de Santa Catarina possui um multiculturalismo particular, pois sintetiza um verdadeiro mosaico humano apresentando inúmeras etnias que colonizaram o Estado.

Figura 01 – Localização do Estado dentro do Território Nacional

Fonte: www.belasantacatarina/mapas.asp

Ao longo de sua história, sucessivas correntes migratórias moldaram a ocupação do território com uma rica diversidade de costumes. Esta contribuição deixou marcas profundas no cotidiano e na economia.

Nos tempos mais recentes, o Estado têm atraído brasileiros e estrangeiros das mais diversas regiões. Os novos imigrantes vêm em busca de excelência do ensino nas universidades, de oportunidades profissionais nas suas áreas de atuação e de um estilo de vida mais saudável.

A imigração alemã no Brasil, especialmente no sul, deixou marcas importantes na produtividade, no traçado das cidades, no estilo das casas, sem falar na miscigenação que ela provocou juntando mais um rosto ao amplo painel étnico que compõe o nosso país. Estes brasileiros de cabelos claros e olhos azuis têm nos seus antepassados, homens que contribuíram de forma decisiva na formação da nacionalidade, elegendo o Brasil sua pátria adotiva e a ele dedicando-se de corpo e alma.

Os efeitos positivos do desenvolvimento regional dependem da incorporação do território social organizado, da capacidade das populações locais agirem com criatividade a partir da produção do conhecimento e das inovações geradas pelo seu tecido produtivo.

A construção de ambientes inovadores e criativos está diretamente relacionada ao movimento dos grupos locais quando percebem as diversas maneiras de se produzir e reproduzir o desenvolvimento a partir do relevante papel de cada grupo no conjunto dos territórios e da sociedade.

Em outras palavras, é transformar o “modelo mental” de pensar o território a partir do município e aceitar que as características históricas, culturais, ambientais, humanas, sociais, econômicas e políticas se constituem em um conjunto de relações de interdependência além das fronteiras geográficas.

A oferta de novos destinos e produtos turísticos responde aos principais desafios da redução das desigualdades sociais, da distribuição de renda, da geração de empregos e ocupações e do equilíbrio da balança de pagamento. O enfrentamento desses desafios requer políticas públicas apropriadas, que exigem em nova institucionalidade para o desenvolvimento local, estabelecida estrategicamente nos diversos agentes territoriais (MTUR, 2004).

A perspectiva de territórios socialmente organizados e a divulgação de suas características ambientais, culturais e históricas tornam-se aspectos relevantes para a

comercialização.

O Estado de Santa Catarina possui um potencial enorme para o desenvolvimento da atividade turística religiosa, porém, ainda são poucos os locais explorados para fins de atividade cultural e turística. São mais freqüentados por fiéis e peregrinos que se deslocam de suas origens por motivos da fé e da religião.

O Santuário de Nossa Senhora de Azambuja promove duas festas anualmente: uma delas é a Festa de Nossa Senhora de Azambuja que acontece no terceiro domingo de agosto (21/08/2005) e a Festa de Nossa Senhora do Caravaggio, que acontece no dia 28/05/2005.

Além destas festas, ocorre um evento religioso, entre os municípios em estudo, que é chamado de Cavalgada da Fé, acontecendo nos dia 27 e 28/08/2005.

Acredita-se que o ponto crucial reside no grau de imersão e de externalidade que cada uma dessas experiências pode proporcionar. Enquanto as peregrinações e romarias tendem a ser vivenciadas como um ato religioso de imersão no sagrado, o turismo, mesmo quando adjetivado como religioso, caracteriza-se por uma externalidade do olhar, fundamental para que um evento possa ser considerado como turístico. Ou seja, se a experiência da peregrinação e romaria está centrada na participação, o turismo está associado ao espetáculo (ABUMANSSUR, 2003).

O território de Brusque apresenta peculiaridades herdadas dos imigrantes europeus. Conhecida como o “Berço da Fiação Catarinense”, “Cidade dos Tecidos” e “Capital da Pronta Entrega”, o município foi colonizado por alemães, italianos e poloneses em 1860. Inicialmente recebeu o nome de Colônia de Itajahy, somente em 17 de janeiro de 1890 numa homenagem a Francisco Carlos de Araújo Brusque recebeu o nome de Brusque.

A colonização do Vale do Itajaí Mirim, onde Brusque se situa, recebeu europeus no século XIX, principalmente alemães. Outros imigrantes, tais como os poloneses representaram um papel muito importante no desenvolvimento da Colônia. Trouxeram da sua terra natal a arte da manufatura têxtil, com teares manuais, o que resultou no início das indústrias têxteis da cidade. Já os italianos só começaram a chegar em 1875, instalando-se nas regiões periféricas da cidade. Embora o território catarinense se apresentasse relativamente fora do centro econômico colonial, a partir do século XVIII, ocorreu uma dinamização do processo produtivo ligado diretamente à incorporação de novas levas de povoadores e à própria criação da capitania, em 1738.

As mudanças ocorridas no contexto global no período do século XIX se refletem até hoje, em nosso cotidiano. Sistematicamente, é possível caracterizá-lo da seguinte forma: nos

anos de 1830 a 1848, na Europa, temos a consolidação do poder político da burguesia, com o advento das “Revoluções Liberais”, o capitalismo consolida-se com a expansão da Revolução Industrial, bem como, uma disseminação do ideário socialista; a independência das políticas das colônias latino-americanas se torna uma realidade e os ideais nacionalistas consolidam-se com as unificações italianas e alemãs (HERING, 1987).

Em meio a esta realidade na Europa, no Brasil o processo de ocupação do território catarinense se intensifica no período imperial. O governo brasileiro, através de campanhas publicitárias na Europa, incentiva a vinda de imigrantes, para substituir a mão-de-obra escrava, a partir da extinção de tráfico negreiro, e a fixação em áreas pouco povoadas, como no território catarinense. Vários grupos de imigrantes instalaram-se nos vales fluviais e a colonização alemã começa basicamente com a instalação dos primeiros colonos, oriundos de Bremem, e a fundação da Colônia de São Pedro de Alcântara (1829). O fluxo imigratório cresce, consideravelmente a partir da segunda metade do século XIX. No Vale do Itajaí Mirim, a partir de 1860, começaram a chegar as principais levas de imigrantes, principalmente alemães e italianos, que dinamizaram a colônia de Itajaí, posteriormente denominada Brusque (CARDOSO; SCULZ, 2002).

A evolução econômica e sócio-espacial da região de Blumenau, do inicio da colonização à Guerra de 1914, em que os municípios de Brusque e Nova Trento se inseriam, foram divididas em dois períodos ou fases. A fase “colônia - venda” que vai de 1850 a 1880, e a fase da “pequena indústria” que ocorreu de 1880 a 1914.

Na região de Brusque, temos a presença “vendista”, caracterizada pelo agricultor-comerciante, e que na fase chamada “colônia-venda” foi quem carreou o excedente agrícola que mais tarde seria investido na indústria. Progressivamente o “vendista” deixou de ter no comércio apenas um suplemento da agricultura passando a ser basicamente um comerciante, assumindo sua atividade e dominando a economia da região (CEAG, 1980).

3.3 ATRATIVOS TURÍSTICOS EM BRUSQUE.

No que se referem aos equipamentos turísticos potenciais, destaca-se o Parque de

Exposições da Fenarreco[5], localizado no centro do município com grande diferencial para a arquitetura em estilo germânico que resgata um pouco da cultura alemã bastante forte na região.

Outro atrativo que merece destaque é o Orquidário e o Parque Zoobotânico Municipal, onde poderão ser encontradas várias espécies de animais e plantas características desta região. Para estudos acadêmicos e pesquisas astronômicas, o município conta com um Observatório Astronômico Municipal.

Como uma análise rápida da região urbana e interiorana do município, nota-se a preocupação com a estética da cidade, não apresentando, em região urbana índices de terrenos desocupados ou construções e edificações abandonadas. A parte central do município tem algumas edificações em estilo europeu, principalmente as que são sede do poder público municipal como a prefeitura, o fórum e o ginásio de esportes.

No interior do município, embora seja possível reconhecer a construção de espaços em que se percebe a dificuldade do colono. Suas casas são limpas e organizadas, com terrenos e quintais bem cuidados com uma variedade de plantas características da região e muitas flores, o que traz uma sensação agradável ao percorrer estradas que ainda não apresentam pavimentação com asfalto. Identificando o modelo industrial que se preteriu.

Figura 02 – Fórum Municipal de Brusque

Fonte: www.belasantacatarina.com.br

Figura 03 – Prefeitura Municipal de Brusque

Fonte: www.belasantacatarina.com.br

No que se refere ao comércio dos produtos têxteis fabricados no município, as edificações e lojas apresentam um visual agradável e uma infra-estrutura adequada para suportar a demanda de consumidores. Toda esta região é afastada do centro do município

[5] FENARRECO: Festa Nacional do Marreco procura apresentar a cultura alemã e o processo de colonização na região do Vale do Itajaí. Está inserida no calendário das festas de outubro da Santur.

evitando que situações desagradáveis aconteçam, tais como a falta de segurança relacionada ao excesso de pessoas e ao trânsito de carros e ônibus.

Neste sentido, o município de Brusque apresenta uma paisagem edificada que não agride o meio urbano. Nota-se a presença de muito verde ao redor da cidade, com áreas rurais bem preservadas e organizadas e no centro do município, a preservação de espécies animais e vegetais da mata atlântica. A preocupação com a imagem da cidade está visível nas novas construções turísticas no centro do município e nas melhorias da infra-estrutura básica voltada para a população local e seus visitantes.

O município de Brusque como colocado em tópicos anteriores, apresenta peculiaridades herdadas dos imigrantes alemães, italianos e poloneses. Esta peculiaridade faz com que o município apresente características européias na sua gastronomia, na arquitetura e na estrutura social.

No que se refere à infra-estrutura direcionada para a atividade turística, pode-se considerar que o município apresenta uma quantidade razoavelmente adequada para a acomodação e recepção dos turistas. Dentre toda a infra-estrutura pesquisada destacam-se dois (02) hotéis de categoria superior, dois (02) de categoria média e sete (07) hotéis de categoria popular[6].

Em relação à gastronomia local, destacam-se três (03) chopeiras, cerca de dez (10) confeitarias com café colonial preparado conforme os costumes italianos e germânicos. Quanto aos restaurantes, destacam-se cerca de doze (12), apresentando na sua maioria a especialidade típica da região: o marreco recheado e o repolho roxo[7]. Além destes equipamentos de alimentação, nota-se a presença de churrascarias, em torno de nove(09) e pizzarias, em torno de oito (08).

Figura 04 – Marreco com repolho roxo

Fonte: www.belasantacatarina.com.br

[6] Os critérios estabelecidos para esta afirmação, estão baseados nas informações seguidas pelos hoteleiros do município de Brusque com as exigências e classificações da EMBRATUR, conforme estatutos legais de classificação hoteleira.

[7] O repolho roxo é um prato típico da etnia alemã e o marreco surgiu de uma criação prévia dos associados do clube Caça e Tiro, quando o mesmo foi inaugurado no município de Brusque. Com o surgimento e a idéia da festa tradicional alemã do município, se optou por agregar o prato típico alemão com o marreco criado no município. Estas informações foram passadas via entrevista informal com o Sr. Cláudio Schumacher, proprietário de um restaurante típico que abastece a Fenarreco 2005.

Quanto ao serviço de informação ao turista, devidamente apropriado para recepcioná-los e acomodá-los no município[8], destacam-se três, localizados na região central do município. Brusque possui ainda, cerca de sete (07) agências de viagens dos tipos receptivo e emissivo. E como alternativa de consumo dos produtos locais, Brusque conta com uma gama de centros comerciais e oferece o roteiro de compras direcionado a produtos têxteis, sua maior fonte de renda. São ao todo, cerca de seis (06) centros comerciais com várias lojas de roupas e calçados.

Na área de eventos, a cidade está apostando em públicos segmentados, como a terceira idade, jipeiros, fãs de chocolate, desportistas, descendentes de italianos, apreciadores da gastronomia típica germânica, dentre outros. Brusque apresenta vários pontos turísticos importantes para a exploração da atividade como: Igreja Matriz São Luiza Gonzaga, Colina Evangélica, Clube Caça e Tiro Araújo Brusque, Museu Histórico e Geográfico Vale do Itajaí Mirim, "Cada de Brusque", Praça Gilberto Colzani, Praça Barão Von Schneéburg, Prefeitura Municipal e Fórum, Observatório Astronômico Tadeu Cristóvan Mikwsky, Parque Ecológico e Zoobotânico Padre Raulino Reitz, Orquidário e Bromeliário, Teleférico, Parque Municipal Leopoldo Moritz, Mineral Água Park. E dos eventos realizados no município ao longo do ano, pode-se destacar os de maior expressão turística tais como: Feira Industrial de Brusque – nos meses de janeiro e fevereiro, Pascolândia – nos meses de março e abril, Encontro da Melhor Idade – no mês de maio, Fenajeep – no mês de maio, Rodeio Crioulo Estadual – em agosto, Festa de Nossa Senhora de Azambuja – em agosto, Brusquitália – em setembro, Fenarreco – em outubro.

No que se refere aos atrativos turísticos religiosos do município de Brusque, pode-se destacar os seguintes:

a) Igreja Matriz São Luiz Gonzaga: no centro do município, em frente a Praça Barão Von Schneéburg, esta a igreja de São Luiz Gonzaga, construída com blocos de granito da região. Com capacidade para duas mil pessoas, sua construção iniciou em 1955 e terminou em 1961.

b) Colina Evangélica: no alto da colina, no centro do município, em estilo gótico, o centenário templo da comunidade evangélica luterana, concluído em 1896. Tem como principal atração um órgão alemão com 1200 flautas.

[8] Embora o modelo apresentado pela Santur – Secretaria de Turismo do Estado de Santa Catarina seja mais aprofundando nos serviços prestados, podemos considerar que os postos de informações turísticas do município de Brusque, estão enquadrados nos trâmites legais das exigências na prestação de serviços ao turista como algo apropriado porque exercem seus serviços adequadamente conforme padronização exigida.

c) Vale do Azambuja: Conhecido como "Vale dos Milagres" abriga o Museu Arquidiocesano, o Santuário, uma gruta com fonte de água e a imagem de Nossa Senhora do Caravággio, Morro do Rosário, Seminário e Hospital. O Vale de Azambuja é palco de peregrinação de turistas e devotos de todo o Brasil para rezar, agradecer e fazer pedidos à Nossa Senhora. Em 1885, os imigrantes italianos construíram uma capela em honra a Nossa Senhora de Caravággio, devoção que cultivam no norte da Itália.

Figura 05– Vista geral do Vale do Azambuja

Fonte: ARNT, 2005.

d) Museu Arquidiocesano Dom Joaquim

Fundado em 11 de fevereiro de 1933 por iniciativa do Sr. Joça Brandão e com a finalidade de manter coleções culturais e científicas expostas ao público, promover e desenvolver realizações científico-culturais. Registrou seus estatutos somente em 1958 e em 1960 passou a denominar-se Museu Arquidiocesano (CABRAL, 1960). Localizado no Vale de Azambuja, é considerado o maior e mais completo museu de arte sacra popular do Brasil. Ocupa um prédio construído em 1907, onde podem ser visitadas sacristias com objetos populares autênticos, imagens e crucifixos rústicos talhados de forma rudimentar por antigos

colonos. Além de altares, vias-sacras, castiçais, lampadários, lamparinas, andores, livros, paramentos, confessionários, imagens, oratórios, Zoologia, Mineralogia, Botânica, Etnologia e Arqueologia.

Figura 06 - Vista frontal do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim.

Fonte: ARNT, 2005.

e) Santuário de Azambuja

Em estilo romântico, ostenta duas torres de 40 metros de altura, três naves de 45 metros de comprimento por 16 metros de largura, altar-mor em mármore, dois altares e duas capelas laterais (São Judas e Santo Antônio), quatro confessionários, um púlpito e 72 bancos de madeira. No que se refere aos eventos e atividades de cunho turístico religioso no município de Brusque, se tornou necessário uma série de medidas de investigação, adotados e vários processos da pesquisa social, quer direta, quer indiretamente e chegou-se ao retrato mais claro das manifestações folclóricas da comunidade brusquense. Do calendário folclórico do município, pelo seu significado, ressaltam como mais expressivas da comunidade brusquense, as Festas de Páscoa, a Festa do Tiro ao Alvo e as Festas de Azambuja.

(CABRAL, 1960).

Figura 07 - Vista frontal do Santuário Nossa Senhora de Azambuja.

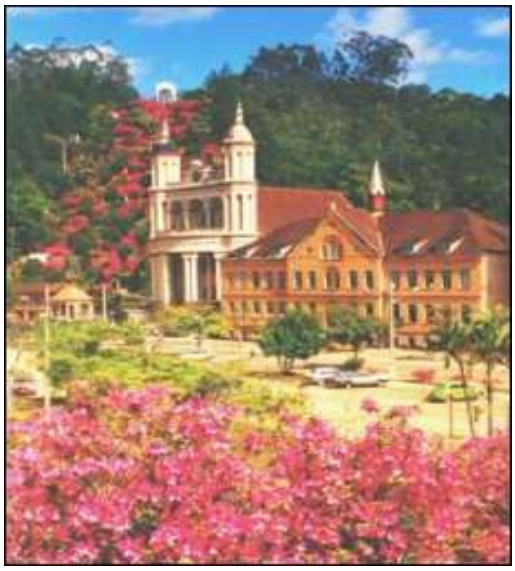
Fonte: ARNT, 2005.

f) Domingo de Páscoa

As religiões cristãs emprestam ao acontecimento da Ressurreição a maior e mais significativa das expressões e tudo fazem para celebrá-la, condignamente, nas suas igrejas. Na comunidade brusquense os "ovos de páscoa" são cascas de ovos, sejam de aves ou de madeira, ou ainda de chocolate, com recheios de chocolate, de balas, de amendoim, de amêndoas açucaradas ou então ovos cozidos, profusamente enfeitados com papel de seda. No domingo de páscoa têm lugar, nas famílias brusquenses, grandes jantares. A sociedade, nesse dia, realiza grandes bailes e tem lugar a festa do Tiro ao Alvo. E assim, a Páscoa representa a mais importante data anual da comunidade brusquense, pelo seu significado social, religioso e

profano (CABRAL, 1960).

Figura 08 - Vista parcial do Vale do Azambuja.



Fonte: www.belasantacatarina.com.br

g) Festa de Azambuja

Este costume veio da Itália para Santa Catarina, para a comunidade brusquense, primeiramente, e hoje para todos os catarinenses. A devoção transplantou-se, quando, no Vale do Antigo Ribeirão, atualmente Azambuja, localizaram-se os primeiros imigrantes italianos, em 1875, oriundos da Província de Monza (CABRAL, 1960). Com pequenas variações, os festejos populares são precedidos por novenário e o dia da festa, propriamente, com a vibração popular de milhares de peregrinos. Na praça do santuário funcionam barracas para a venda de comidas e bebidas, prendas, rifas e música. É maior demonstração do ano católico brusquense a data de 15 de agosto. As datas de 26 de maio a 15 de agosto representam festas neste santuário.

h) Gruta de Nossa Senhora

Em 1828, em substituição à antiga ermida, foi edificada sobre a fonte de água, muito procurada pelos devotos, uma capelinha de material, toda aberta e onde foi colocado o painel histórico de Nossa Senhora do Caravaggio que os primitivos colonos trouxeram. Sob a capela existe uma cripta, toda de granito, onde está exposta uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes. É no interior da cripta que corre sem cessar a água, já há decênios considerados miraculosa. Capela e cripta se acham localizadas à direita do Santuário e são objetos de

contínuas visitas (CABRAL, 1960).

Figura 09 - Vista da Gruta de Nossa Senhora.

Fonte: ARNT, 2005.

i) Hospital Arquidiocesano Cônsul Carlos Renaux

O Governo arquidiocesano resolveu construir um novo hospital, ao lado da estrada e fazendo frente ao santuário. O empreendimento viu sua realização facilitada pela doação do Sr. Cônsul Carlos Renaux. O prédio foi inaugurado em 11 de março de 1936. A construção em estilo sóbrio divide-se em três alas: no subsolo estão instalados uma lavanderia e um depósito, no andar térreo, além da sala de cirurgia localizada na parte central e das salas de curativos, existem três enfermarias e diversos quartos de 1ª e 2ª classe para enfermos, um laboratório de análises clínicas, gabinete de Raios X e diatermia, cozinha e instalações sanitárias. No andar superior está localizada a capela interna do hospital, a farmácia, uma sala de curativos, quartos para enfermos e a clausura das Irmãs da Divina Providência que atendem aos serviços de Azambuja (CABRAL, 1960).

Figura 10 - Vista do Hospital Arquidiocesano Cônsul Carlos Renaux.

Fonte: ARNT, 2005.

j) Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes

Fundado em 11 de fevereiro de 1927, em Florianópolis, o Seminário da Arquidiocese foi transferido para Azambuja por provisão de 14 de abril do mesmo ano. Desde 1951 foi unificada a administração de Azambuja, centralizada nas mãos do Padre Guilherme. O seminário conta com capela própria, grande salão de estudos, salas de aulas, salas de visitas, enfermaria, dormitórios, refeitório, quartos residenciais para os professores, pátio de jogos e cozinha própria. Possui biblioteca, um completo gabinete de física, química e ciências naturais, aparelhos de projeção fixa e sonora, salas de música e salão de teatro (CABRAL, 1960).

Figura 11 - Vista frontal do Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes

Fonte: ARNT, 2005.

l) Asilo de Nossa Senhora do Caravaggio

A caridade é a mola mestra que mantém em movimento o Vale do Azambuja. Desde início de sua fundação foram ali se fixando diversas obras de caridade. Assim, desde 1902, existe em Azambuja, fundado pelo Padre Antônio Eising, um asilo para velhos e desvalidos da sorte. A princípio recolhidos em pequena casa de madeira, os asilados receberam em 1917 um prédio de alvenaria para morada. Em 1936 foi construído o prédio atual do asilo, localizado ao lado do hospital. (CABRAL, 1960)

Figura 12 – Vista do Asilo de Nossa Senhora do Caravaggio.

Fonte: ARNT, 2005.

m) Morro do Rosário

Desde 1950, o Morro do Rosário está localizado ao lado direito do santuário na encosta do morro que ali se eleva, foram erguidos, 15 monumentos recordando os mistérios do Rosário. No alto da colina, um bloco forma a capela de encerramento onde se pode apreciar a Coroação de Maria Santíssima feita pela três pessoas da Santíssima Trindade (CABRAL, 1960). Em 8 de dezembro de 1954, Ano Mariano, Centenário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, estava completo o conjunto do Morro do Rosário, e os mistérios dolorosos da Prisão, Flagelação, Coroação de espinhos, Carregamento da Cruz e Calvário, e os mistérios gozosos da Anunciação, Visitação, Presépio, Apresentação e Encontro no Templo (BESEN, 1977).

Figura 13 - Vista frontal do Morro do Rosário.

Fonte: ARNT, 2005.

n) Campo Santo

Azambuja preparou na colina fronteira ao seminário um cemitério. Ali, no Campo Santo, descansam Sacerdotes e Irmãs que trabalharam no vale e agora repousam junto àqueles que prestaram assistência de suas ações. Uma capela onde se ergue o toque da alvorada para o juízo final. O cemitério foi preparado em 1927 (CABRAL, 1960).

Figura 14 - Vista próxima ao monumento do Campo Santo, no alto do Morro do Rosário.

Fonte: ARNT, 2005.

o) Edifício do Peregrino

São grandes as multidões que, em maio e agosto, se deslocam para Azambuja, a fim de assistirem ás festas de Nossa Senhora do Caravaggio. Vindos de longe, os peregrinos sempre encontram locais de abrigo para acomodarem-se. Antigamente todos os prédios, engenhos e depósitos serviam de alojamento aos romeiros. Mas Azambuja foi-se modificando, foi-se modernizando, e preparou um local onde os peregrinos pudessem descansar. Na festa de 15 de agosto de 1952 foi fundado o Edifício do Peregrino (CABRAL, 1960).

3.4 O BAIRRO DE AZAMBUJA[9]

3.4.1 Origem do Bairro

A imigração alemã, iniciada em 1824 no Rio Grande do Sul e interrompida com a Revolução Farroupilha em 1835, foi retomada em meados do século XIX, tomando maior impulso com a fundação de colônias que, mais tarde, se tornariam importantes, como Santa Cruz (1849), Blumenau (1850), Joinville (1851), Brusque (1860). As condições de assentamento dos colonos foram muito precárias, houve problemas de toda ordem nas colônias, inclusive manifestações contra as autoridades e levantes armados com algumas delas, o que motivou as críticas à imigração alemã tendo como argumento principal as diferenças religiosas e culturais (SEYFERT, 1989).

Por volta de 1889, a liberdade de culto e a instituição do casamento civil tornaram-se argumentos centrais do discurso imigrantista[10], em sua maioria não católica. Havia, portanto, defensores da imigração alemã, cujas propostas reformistas tinham o propósito de modificar a opinião contrária prevalecente nos estados alemães em relação à emigração para o Brasil (Idem, 1989).

Apesar das opiniões contrárias, o governo imperial e os governos provinciais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, promoveram a colonização. Na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, houve um fluxo pequeno, mas relativamente constante, de imigrantes de origem alemã, em grande parte dirigida para regiões de colonização no sul do Brasil. Ao final do século XIX, estas "colônias alemãs" formavam uma sociedade brasileira onde predominava uma economia camponesa, valores e tradições germânicas (SEYFERT, 1989).

A característica mais evidente destas áreas de colonização alemã foi a manutenção de hábitos, costumes e elementos culturais de origem, inclusive o uso cotidiano da língua alemã. Criaram-se numerosas associações, beneficentes, culturais, esportivas, cujo objetivo principal

[9] Todo este tópico foi construído a partir de dados de Besen (2004) e alguns depoimentos.
[10] A questão da liberdade de culto e seus efeitos sobre a propaganda para atrair imigrantes da Alemanha e do Norte da Europa, bem como o casamento civil, foram amplamente discutidas pelos liberais do Império, como Abrantes, o Visconde do Uruguay, Nabuco de Araújo e outros – de cuja ação resultou uma lei, promulgada em 1861. que distinguia os casamentos católicos dos não católicos, dando a estes um caráter de ato civil, desde que referendados pelo poder público.

estava relacionado à perpetuação de valores nacionais alemães, além de uma vasta rede de ensino particular comunitária em parte vinculada às igrejas católica e luterana, onde as aulas eram ministradas em alemão

(SEYFERT, 1989).

Entretanto e invariavelmente, mestiços, negros e índios são considerados apenas coadjuvantes, desbravadores das matas para que os imigrantes brancos colonizem. Portanto, nada mais germânicas que as regiões de colonização alemã do sul do Brasil. A partir daí, a especificidade étnica é defendida com veemência, tendo como principal argumento a convicção de que o Brasil não é uma nação, mas apenas um Estado etnicamente heterogêneo (SEYFERT, 1989).

Segundo os princípios defendidos em artigos de jornais de origem germânica, porém que circulavam em território nacional, a miscigenação não terá como resultado um produto uniforme ou uma nova linhagem mais capaz, uma cultura particular mais apta, sobretudo porque

> no solo do Brasil não se encontram apenas meia dúzia ou mais de diferentes nacionalidades, mas também três raças essencialmente diferentes, a original (índios), as que imigraram voluntariamente (índio-europeus) e a importada à força (negros). (URWALDSBOTE, 1902 *apud* SEYFERT, 1989; p. 141).

Já, no ano de 1875, começaram a chegar à Colônia de Brusque (Antiga Colônia Itajaí) colonos de proveniência italiana. Como chegaram também franceses e poloneses, tornou-se sempre mais difícil arranjar terra para todos e cumprir o contrato assinado na Europa, antes da partida, que lhes assegurava seis meses de alojamento e sustento grátis (BESEN, 2005).

Este foi o principal motivo que levou à separação de algumas famílias vindas do distrito de Treviglio (Itália), que prometeram entre elas, sempre se manterem unidas na vinda para o Brasil, para isso, seria levantado uma igrejinha ou capela em honra a "Madonna de Caravaggio". Desse modo, foram constrangidos a se instalar conforme os próprios interesses do Governo e separaram-se quase todos: alguns foram para a Argentina; outros voltaram para sua pátria; outros se espalharam por diferentes províncias do Brasil. Restaram apenas 9 (nove) famílias que tinham ficado no vale do Azambuja (valata Azambuja) (BESEN, 2005).

A história destes primeiros colonos que se fixaram em Azambuja confunde-se com a história da pobreza dos pioneiros que trocam seu torrão natal para viver melhores dias em outras terras. Em Azambuja encontraram um terreno difícil onde pouca coisa se poderia

cultivar.

Besen (2004, p. 17) destaca que

> [...] os terrenos foram divididos em 16 lotes coloniais, ao longo do Ribeirão Azambuja pelas margens direita e esquerda do rio. Já se encontravam três famílias morando em Azambuja, delas destaca-se Jacob Knihs, dentista-sapateiro que residia no local onde hoje está construído o santuário. Era proveniente do Tirol italiano e foi para Nova Trento logo depois da chegada de outras famílias. Anos mais tarde, devido às precárias condições do Vale alguns colonos procuraram outras regiões como Luiz Alves, Pedras Grandes e Porto Franco (hoje Botuverá), porém alguns filhos já haviam se casado deixando portanto descendentes em Azambuja.

Plantavam mandioca, banana, cana-de-açúcar e feijão. Possuíam engenhos de açúcar e de farinha, movidos a água. Vendiam os produtos na cidade, a maior parte dos produtos, porém, destinava-se à subsistência. As comidas principais eram: o feijão cozido com canjica, alface e polenta, polenta com abóbora frita, lingüiça e pouca carne (BESEN, 2005).

Os três quilômetros para chegar à cidade de Brusque eram quase intransitáveis. As estradas freqüentemente se enlameavam, atolando qualquer condução. Às vezes, tinha-se que parar as construções porque não era possível o transporte de material da cidade para o Vale. Somente em 1908, foi construída uma nova estrada, melhorando o trajeto tão necessário para as obras de Azambuja. (BESEN, 2005).

Com a construção do Hospital e Hospício (1907-1911), fizeram-se muitos aterros, cobrindo-se boa parte dos pântanos que ocupavam as terras. A eletricidade chegou no ano de 1913 e foi uma conquista do Pe. Gabriel Lux. Quando foi construída a Gruta de Nossa Senhora, em 1928, fez-se uma praça, a qual, nos dias de semana, servia de pátio de jogos para os seminaristas, chegados no ano anterior (BESEN, 1977).

Em 1892 não eram mais somente os colonos que freqüentavam a Capela de Azambuja. A fama das grandes graças alcançadas pela intercessão de Nossa Senhora de Azambuja ultrapassava os acanhados limites da vila Brusque, chegando aos lugares vizinhos. Já não se invocava mais Nossa Senhora do Caravaggio, se invocava Nossa Senhora de Azambuja. A devoção foi crescendo. Eram sempre mais numerosos os devotos que acorriam das regiões vizinhas. Crescendo o número de romeiros e vendo a importância espiritual que alcançava Azambuja, Pe. Antônio Eising iniciou a construção de uma nova Igreja. O povo devoto não mediu esforços para ajudar na construção. A pobreza não inibia ninguém, as mães de família, no intervalo de seus trabalhos domésticos, amassavam barro com os pés e depois colocavam

numa forma-padrão que quase todas tinham em casa. Depois do almoço, iam à igreja e colocavam o tijolo para queimá-lo num forno localizado atrás da gruta (BESEN, 1977).

> Em 3 de abril de 1900, o Pe. Eising comprou, para a Paróquia de Brusque, o lote n°. 16 da linha Azambuja, dois anos mais tarde, deu-se a compra do lote n°. 4 e diferentemente do outro lote, este tem como adquirente jurídico o Santuário de Azambuja e para resolver o problema do outro lote (n°. 16), no mesmo ano, o Pe. Eising o vende ao Santuário de Azambuja representado pelo Pe. Sundrup. Essa decisão a respeito do patrimônio deixa claro que nada pertence à paróquia de Brusque. Azambuja se constitui numa entidade com patrimônio imobiliário próprio (BESEN, 2005, p. 35).

Em 1901, foi construído a Santa Casa de Misericórdia Nossa Senhora de Azambuja e atendia velhos, doentes em geral, crianças e doentes mentais. Sua inauguração oficial foi em 29 de junho de 1902 e já englobava um hospital, um asilo, um orfanato e um hospício que eram sustentados com a caridade dos fiéis e devotos de Nossa Senhora de Azambuja, fornecidas principalmente nos dias de festas. Logo se deu inicio a construção de uma casa para a Escola Paroquial que no início de 1904 contava com 50 alunos. Em agosto deste mesmo ano, a Câmara Municipal concedeu uma subvenção mensal. Para auxiliar o hospital havia listas de auxílio em diversos pontos como Itajaí, Cedro Grande, Poço Fundo e Peterstrasse. Além disso, se faziam coletas de carroças nas localidades vizinhas (BESEN, 2005).

Em setembro de 1905, a capela de Nossa Senhora de Azambuja foi elevada ao título de Santuário Episcopal Mariano do Estado de Santa Catarina por Dom Duarte Leopoldo e Silva, desmembrando-se da jurisdição e obediência do vigário de Brusque e submetendo-se diretamente à autoridade diocesana.

Por volta de 1906 começaram a enfrentar dificuldades no atendimento aos enfermos que procuravam o hospital de Azambuja e surge a necessidade da construção de outro hospital que se inicia no ano seguinte. Em 1908, 348 doentes encontravam-se internados nas dependências do hospital. Sua construção foi concluída em 1911 e já não atendia mais somente a freguesia de Brusque. Chegavam doentes de Nova Trento, Blumenau, Itajaí, Joinville, Tijucas dentre outros municípios.

Os padres dehonianos assumiram a paróquia de Brusque e Azambuja em 1905, e anos depois, em 1909, o Pe. Geraldo Ohlenmüller descreve, numa crônica enviada aos confrades na Alemanha como se desenrolava a festa de Nossa Senhora de Azambuja:

> [...] já três dias antes da festa chegavam os peregrinos em pequenos grupos. Vinham a pé. Seu aspecto exterior denotava que eram autênticos caboclos. Camisa, calça e um típico chapéu de palha de milho, é o que eles têm de vestimenta e, nas costas, trazem uma mochila dupla (uma parte pendurada na frente e outra atrás). Numa das metades da mochila carregam um traje melhor para o dia da festa e, na outra metade, alguns mantimentos. Como passatempo, os homens fumam alguns cigarros ou um cachimbo curto. Depois dos romeiros a pé, vêm os grupos montados em cavalos e mulas. Na véspera da festa os grupos de peregrinos, tanto a cavalo como a pé, tornam-se mais numerosos. Vêm também com carroças, de todos os tipos imagináveis. Tiros de foguete anunciam o começo oficial da festa. As tochas de iluminação externa são acesas, a capela brilha na claridade da luz de enfeite, também a banda musical da vizinha cidade de Brusque compareceu. Toca hinos corais e outras peças sacras, mas de preferência, hinos religiosos alemães. A pequena capela está há tempo superlotada (BESEN, 2005, p. 28).

Azambuja passou a ser chamada de "Iguape do Sul". No início do século XX chegavam peregrinos de Trombudo Central, Rio do Sul (250 km, 3 dias de viagem), Barra Velha, Parati, Angelina, São Miguel, Florianópolis, dentre outros municípios. A multidão, na falta de hotéis, se acomodava em ranchos e olarias. Na festa de maio de 1908 foram contados 4000 romeiros e o número tendia a crescer, pois cada romeiro levava aos amigos as notícias de que via e ouvia em Azambuja como as graças espirituais, as curas prodigiosas, os doentes que retornavam sãos e as famílias desunidas que reencontravam a união ou os aflitos que saíam consolados (BESEN, 2005).

As construções do atual santuário de Azambuja começaram por volta de 1939 e aconteceram ao redor da estrutura do antigo santuário. As paredes foram erguidas a partir de 1940 em julho de 1941 se destruiu o santuário de 1894. No final do ano estava pronto do telhado. Em 1943, torres e fachadas. Seis anos depois, bancos e melhoramentos e em 1944, pintura provisória, interna e externa. Logo após inicia-se a construção do Morro do Rosário. (BESEN, 2005).

No que se refere às motivações para a construção do Morro do Rosário, Besen (2005; p. 68) destaca:

> [...] para se comemorar dignamente o Ano Santo, os então Cura do Santuário e Ecônomo do Seminário, Cônego Afonso Niehues e Pe. Guilherme Kleine decidiram realizar algo que marcasse externamente o grande acontecimento anunciado pelo Papa Pio XII. Então nasceu a idéia de representar plasticamente os Mistérios do Rosário. Em 14 e agosto de 1950, foi inaugurado, com solenidades, o Altar Monumento, 15° mistério do rosário, representando a coroação de Maria pela Santíssima Trindade. O trajeto para o monumento foi percorrido em procissão luminosa integrada pelos marianos de Brusque, por associados do Apostolado da Oração da mesma cidade e por grande massa popular.

Em dezembro de 1954, no Ano Mariano comemorativo do Centenário da Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição, estava completo o conjunto do Morro do Rosário: os mistérios gozosos da Anunciação, Visitação, Presépio, Apresentação e Encontro no Templo e os mistérios dolorosos da Prisão, Flagelação, Coroação de espinhos, Carregamento da cruz e Calvário. É uma visão que ostenta nestes 15 monumentos, grandes blocos de cimento armado. Bastante danificadas pela ação do tempo, as imagens do morro do rosário foram substituídas por novas em 1990 (BESEN, 2005).

Por volta de 1964, sentiram a necessidade da abertura de uma estrada de ligação com Brusque e a Avenida 1º de Maio, hoje é asfaltada e recebe o nome de Rua Nova Trento, possibilitando um escoamento do tráfego nos dias de festa. Com o tempo e a grande demanda de fiéis nas festas do santuário, notaram a grande necessidade em ampliar o espaço para as festas, notadamente o estacionamento. A partir de 1976 realizaram a terraplanagem do morro onde se localizava o cemitério, transformando num local de estacionamento e festas. Foi uma obra executada exclusivamente pela Mitra Metropolitana sem qualquer concurso dos cofres públicos (BESEN, 2005).

Introduzidos no santuário por volta de 1970, os primeiros ministros da distribuição da Sagrada Comunhão eram seminaristas do curso de filosofia. Em meados de 1990, foi estendido aos leigos de Azambuja. Um grupo formado por 08 (oito) pessoas, pertencentes ao Apostolado da Oração, começou a se reunir semanalmente com o intuito de implantarem uma equipe de ministros e também com a finalidade de visitar e levar a santa comunhão aos doentes da comunidade. Atualmente são 25 ministros que auxiliam na missa e levam a comunhão aos doentes (BESEN, 2005).

Em 1999, procuraram organizar a Pastoral Litúrgica no Santuário que visava organizar as missas diárias e dominicais, os eventos especiais relacionados com os dias santos e os grupos de canto. O grupo Apostolado da Oração foi fundado em 1931 e atualmente conta com 300 zeladores e associados. Todas as sextas-feiras do mês participam da hora santa com exposição do santíssimo e em seguida a missa. Mensalmente promovem um café com bingo, cuja arrecadação é destinada para a formação de seminaristas, para as peregrinações, encontros e passeios promovidos pelo Apostolado (BESEN, 2005).

Atualmente, Azambuja não pode mais ser vista como apenas um santuário mariano, mas deve-se interpretá-lo como um complexo religioso do qual se insere outras atividades e

ações sociais voltadas para a cura de doenças, com o hospital, o atendimento à idosos e crianças, com o asilo e o orfanato, dos estudos filosóficos e catequéticos, com o seminário, da cultura sacra, com o museu arquidiocesano e da religiosidade com o santuário, a gruta e o morro do rosário.

Para uma melhor compreensão da evolução histórica do Bairro de Azambuja, será apresentada uma súmula histórica, embasada na pesquisa documental realizada para esta etapa destacando-se, de uma forma geral, o que ocorreu tanto social como estruturalmente e economicamente na região de Azambuja:

Quadro 02 - Súmula Histórica de Azambuja.

1860 - Início da colonização em Brusque	**1947** - Construção de uma nova ala, anexa ao edifício do seminário.
1876 - Chegam ao Vale do Azambuja os primeiros colonos provenientes de Treviglio (Itália); - Primeiros planos para construção de uma capela.	**1950** - Em 15 de agosto, inauguração do Altar-Monumento, primeiro conjunto do Morro do Rosário.
1884 - Início da construção da capela em honra de Nossa Senhora do Caravaggio.	**1952** - Festejos do Jubileu de Prata do Seminário. Confraternização dos ex-alunos ordenados sacerdotes; - Construção do Edifício do Peregrino.
1885 - Benção da Capela. No altar-mor, quadro vindo da Itália, pintado pela Condessa Bianca Brambilla, de Milão, representando a cena da aparição de Maria à Joanita, em Caravaggio. - O dia 26 de maio, data da aparição, passa a ser o dia da festa principal de Azambuja.	**1956** - A 26 de maio, consagração do novo santuário.
1892 - Pe. Eising inicia a construção de um novo santuário, mas adaptado às exigências do sempre maior número de peregrinos que de todo o Estado começam a vir a Azambuja.	**1957** - A 15 de agosto, bênção da pedra fundamental do novo edifício de seminário.
1894 - Inauguração do novo Santuário. A antiga ermida é transformada em capela de ex-votos.	**1960** - Centenário de Brusque; - Inaugurou-se o Museu Arquidiocesano Dom Joaquim no antigo edifício do seminário; - Em fevereiro, os alunos passaram a ocupar a parte construída do novo prédio.
1899 - Aumentando o número de peregrinos e as rendas das festas, Pe. Eising concebe o plano de aplicar esses fundos numa obra de misericórdia.	**1962** - Em outubro, início do Concílio do Vaticano II.
1900 - Pela primeira vez festeja-se externamente o dia 15 de agosto.	**1963** - Início da construção da nova ala do Hospital e reforma de toda a construção.
1902 - A 29 de junho, com a chegada das três Irmãs da Congregação da Divina Providência, inaugura-se a Santa Casa de Misericórdia de Nossa Senhora de Azambuja, obra que engloba hospital, asilo, orfanato,	**1964** - Áureo Jubileu Episcopal de Dom Joaquim Domingues de Oliveira; - Dentro das programações jubilares, em 7 de setembro a inauguração do seminário.

hospício e escola paroquial.	
1904 - A paróquia de Brusque é confiada aos Padres da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, fundada pelo Leon Dehon; - Pe. Eising deixa Azambuja e Brusque.	**1965** - Em abril, ainda dentro das programações jubilares, inauguração da nova ala do hospital; - A 8 de dezembro encerramento do Concílio do Vaticano II.
1905 - A 1° de setembro, o Santuário de Azambuja é elevado à Santuário Episcopal, desvinculado da jurisdição do Pároco de Brusque e sujeito diretamente à autoridade diocesana.	**1967** - Academia Literária São Luis transformada em Grêmio Estudantil Monsenhor Cordioli (GEMCO).
1907 - Início da construção do novo hospital.	**1968** - Inauguração da nova praça de Azambuja.
1909 - Início da construção de um pavilhão próprio para os doentes mentais. Dom João Becker, primeiro Bispo da recém-criada Diocese de Florianópolis, visita Azambuja.	**1970** - Inaugurou-se o Parque da Saudade, novo cemitério de Azambuja; - Os seminaristas que concluem o 2° Grau residem em Azambuja e freqüentam o curso filosófico no Convento dos Padres Dehonianos.
1910 - Inauguração do Hospício dos Alienados.	**1973** - Começaram a ser realizados os encontros anuais de pais de alunos e seminaristas em Azambuja; - É fechado o pré-seminário em Antônio Carlos.
1911 - Inauguração do novo hospital. Foram edificados dois terços do projeto inicial.	**1974** - Primeiro encontro dos ex-alunos do seminário de Azambuja.
1915 - Visita Azambuja o novo Bispo Diocesano Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Concebe a idéia de instalar, no edifício do hospital, o Seminário Diocesano.	**1976** - Demoliu-se o antigo Asilo de 1937: em seu lugar surge uma ala geriátrica; - Aplanamento do morro em frente ao santuário para dar lugar à grande praça de estacionamento para as festas.
1917 - Inauguração do novo asilo de idosos.	**1977** - Comemoração do Áureo Jubileu do Seminário de Azambuja, com o lançamento do livro histórico "Azambuja", de José Artulino Besen.
1927 - A 20 de abril chegam os primeiros seminaristas: o seminário arquidiocesano fora transferido de Florianópolis para Azambuja. Funciona nos segundo e terceiro andar do hospital; - Em novembro, início da construção da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, inaugurada no ano seguinte. É demolida a antiga ermida; - Azambuja inaugura cemitério próprio.	**1978** - Introdução da Renovação Carismática Católica em Brusque, com início em Azambuja.
1929 - Pe. Kondlick dirige a construção do restante da planta de edifício do hospital-seminário. A obra ficou pronta em 1930; - A 30 de janeiro, fundação da Congregação Mariana do Seminário.	**1986** - Início das atividades das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus.
1932 - A priemira turma, sete alunos, recebeu a batina.	**1989** - Criação da Sociedade Cultural Azambuja.
1936 - Inaugura-se o novo hospital Arquidiocesano Cônsul Carlos Renaux; - O seminário começou a ocupar, inteiramente, o edifício onde já se encontrava.	**1990** - O morro do rosário recebe novas imagens.
1937 - Inauguração do novo Asilo Nossa Senhora de	**1999** - As Irmãs da Divina Providência encerram suas

Caravaggio.	atividades em Azambuja (97 anos).
1939 - Fundação da academia Literária São Luís; - Lançamento da Pedra Fundamental do novo santuário.	**2002** - Centenário da Santa Casa de Misericórdia-Hospital de Azambuja; - Em 1° de maio, no Encontro dos ex-alunos, comemoração dos 75 anos do seminário e lançamento do livro "Seminário de Azambuja", de José Artulino Besen.
1942 - O hospício de Alienados é transferido para a Colônia Sant'Ana, no município de São José.	**2005** - Azambuja sendo consideração com complexo religioso e em centro de peregrinação mariana do Estado de Santa Catarina.
1943 - Fundação do Seminário Mínimo em São Ludgero.	

Fonte: BESEN, 2005.

3.4.2 Caminhos históricos das peregrinações no santuário de Azambuja

Azambuja do Norte é uma pequena localidade situada no município de Brusque, a 3 km da sede. Vale estreito (de 200x 100 metros) entre morros de 100 a 150 metros de altura é atravessado por um regato, hoje canalizado subterraneamente em quase toda a sua extensão. Os terrenos em grande parte pertencem à Mitra Arquidiocesana de Florianópolis, ali se encontram os seguintes edifícios: Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio, Hospital Arquidiocesano Cônsul Carlos Renaux, Asilo de Mendicidade Nossa Senhora do Caravaggio, Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes, Edifício do Peregrino, Edifico da Economia (CABRAL, 1960).

É da leva de italianos chegados em Brusque no final de 1875 que nasceu a História de Azambuja. A fonte de água natural da atual Gruta de Azambuja motivou os imigrantes a definirem o local de sua tradicional devoção a Nossa Senhora. Foi um gesto de fé, de humildade e esperança envolvidas pelo silêncio e o mistério da mata virgem, diante de uma fonte de água em terra estranha, que rezaram a sua primeira Ave-Maria. Foi com esta motivação religiosa que em 1885, construíram a primeira capela com 6 metros de comprimento por 3 metros de largura. Sobre o altar um quadro de Nossa Senhora de Caravaggio com a bem aventurada Joanita trazido diretamente da Itália. A partir de 1892 é comemorada em Azambuja a já tradicional festa de 26 de maio, dia da aparição de Nossa

Senhora de Caravaggio. [11]

Inicialmente chamada Caminho do Ribeirão ou Caminho do Meio, a localidade tomou o nome de Azambuja em função do diretor do Departamento de Terras, Conselheiro Dr. Fernando Augusto d'Azambuja. Foi a princípio um núcleo de colonização italiana encravada na zona colonial alemã de Brusque. Os primeiros colonos que lá se estabeleceram, na segunda metade do século XIX, eram originários dos arredores de Milão (Itália). Colonos católicos levaram um quadro a óleo, pintado pela Condessa Bianca Melzi Brambilla, e que representava a aparição de Nossa Senhora à Bem-aventurada Giovanetta, em Caravaggio (CABRAL, 1960).

Em 1885 terminaram a construção a capela para guardar o quadro, venerando-o e ali se reunia para suas preces. Em 1892, o Padre Antônio Eising, vigário de Brusque, construiu uma capela maior, para onde começaram a ocorrer movimentos de fiéis que pediam os favores à Nossa Senhora de Azambuja, como começou à ser chamada a imagem da Virgem.[12]

Em 1902 chegaram à região, as Irmãs da Divina Providência que se encarregaram dos cuidados do hospital e do asilo, fundados no ano de 1892, pelo Padre Antônio Eising. Em 1905, o santuário foi elevado à dignidade de Santuário Episcopal, desmembrado da jurisdição paroquial de Brusque, e com o privilégio de poder conservar o Santíssimo Sacramento, ter pia batismal e poder administrar todos os sacramentos (CABRAL, 1960).

> É dado início em 1940 à construção de um santuário monumental em honra da Virgem do Caravaggio. Construção de proporções majestosas, o Santuário eleva suas duas torres a 40 metros de altura; é construído em estilo romano, com três naves, tem 45 metros de comprimento por 16 metros de largura (TAKEDA apud CABRAL, 1960, p. 277).

O santuário recebe constantemente a visita de peregrinos e visitantes vindos de todos os pontos do Estado de Santa Catarina e de outras regiões. São sobremaneira freqüentadas as três missas principais dos domingos e dias santos de guarda. Todos os anos, no último domingo de maio e no dia 15 de agosto, realizam-se movimentadíssimas solenidades religiosas em honra da Mãe de Deus. Sobretudo a festa de 15 de agosto reúne peregrinos vindos de todos os recantos do Estado (CABRAL, 1960).

Um fato muito importante será o ano de 2005: **a celebração dos 100 Anos do Decreto**

[11] Estas informações foram extraídas do site oficial do Santuário de Azambuja e dos documentos pesquisados no próprio objeto de estudo.
[12] Informações coletadas nos documentos pesquisados na Prefeitura Municipal de Brusque e nos documentos do Santuário de Azambuja.

de Criação do Santuário de Azambuja. Foi no dia 1º de setembro de 1905 que Dom Duarte Leopoldo e Silva, então por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Curitiba, criou por decreto o Santuário Episcopal de Nossa Senhora de Azambuja.

Quanto às festas religiosas ou eventos de cunho religioso que acontecem no santuário de Azambuja, pode-se destacar as seguintes:

a) Festa de Nossa Senhora do Caravaggio – 25 a 29 de maio

Foi no dia 26 de maio de 1432, numa localidade chamada Caravaggio, no norte da Itália, a 45 km de Milão que Nossa Senhora apareceu para a jovem Joanita, mostrando-se como "Mãe dos Aflitos". Nossa Senhora falou sobre a ingratidão das pessoas para com Deus e sua intercessão de Mãe junto a Jesus. Foram palavras de conforto e promessas de ficar sempre junto ao povo de Deus. No local da aparição surgiu milagrosamente uma fonte de águas cristalinas. Ergueu-se ali um templo e o povo começou a vir em Romarias. Rapidamente a notícia se espalhou e aumentava cada vez mais as peregrinações.

b) Festa de Nossa Senhora de Azambuja – 15 de agosto

É da leva de italianos chegados em Brusque no final de 1875 que nasceu a História de Azambuja. A fonte de água natural da atual Gruta de Azambuja motivou os imigrantes a definirem o local de sua tradicional devoção a Nossa Senhora. Foi um gesto de fé, de humildade e esperança envolvidas pelo silêncio e o mistério da mata virgem, diante de uma fonte de água em terra estranha, que rezaram a sua primeira Ave-Maria. A Gruta de Azambuja, desde o começo até nossos dias, tem sido olhada com muito carinho pelo povo de Brusque e pelos milhares de peregrinos que aqui buscam paz, saúde e muitas graças. Um lugar escolhido por Deus para manifestar de modo especial sua ação em favor de seus filhos e filhas.

Foi com esta motivação religiosa que em 1885, construíram a primeira capela com 6 metros de comprimento por 3 metros de largura. Sobre o altar um quadro de Nossa Senhora trazido diretamente da Itália. Este quadro original encontra-se hoje no acervo de arte sacra do Museu de Azambuja.

Em 15 de agosto de 1959, se alojaram em Azambuja 600 pessoas. A partir de 1961 começou a diminuir o número de romeiros que se hospedavam no vale por conta da abertura definitiva do trânsito da ponte sobre o Rio Itajaí-Açú, logo acima de Itajaí, na BR-101, possibilitando a quase todos os peregrinos o retorno no mesmo dia da festa. A partir de 1939, a festa de 15 de agosto suplantava a festa da padroeira de Azambuja, Nossa Senhora do

Caravaggio, a 26 de maio. Um dos maiores motivos constituiu-se no crescimento industrial da região: não sendo a data de 26 de maio dia santo ou feriado, os operários eram obrigados a ir para o serviço. Então se preferiu a data de 15 de agosto, dia santo de guarda. Em 1945 transfere-se a festa de maio para o último domingo do mês, quebra-se uma tradição e com isto a festa de maio torna-se um festejo estritamente local, sem termos de comparação com a de agosto. Em 1941, em 15 de agosto, chegam 7 000 peregrinos; em 1960, 25 000; em 1976, 55000 peregrinos (BESEN, 1977).

Estas estatísticas de Padre Besen (1977) mostram as proporções do acúmulo de peregrinos na região do vale do Santuário por motivos devocionais e de prova de fé pela padroeira do local. A primeira festa de Nossa Senhora de Azambuja aconteceu no ano de 1900. Neste ano de 2005 são 105 anos de festa.

A festa é celebrada todos os anos no 3º Domingo de agosto, desde o ano de 1985, com a devida anuência da Santa Sé, de Roma e também devido à lei dos feriados em todo o Brasil, que retirou o dia 15 como feriado. No entanto, para muitos cristãos católicos a data oficial, continua sendo 15 de agosto.

Celebram-se ao todo 12 missas no Santuário de Azambuja, no dia da festa. É bem verdade que os peregrinos se dirigem ao Santuário ao longo de todo o ano; mas comparecem de modo mais intenso, aproximadamente 50 mil pessoas, na festa de Nossa Senhora de Azambuja. [13]

> Em 14 de agosto, após a missa das 19h, os fiéis, peregrinos e autoridades episcopais encaminham-se em outra festiva procissão: o Morro do Rosário, pelas ladeiras dos caminhos que unem os mistérios do rosário. As ladeiras são iluminadas por lanternas coloridas. O cordão luminoso dos devotos sobe, lentamente, ao cadenciar as Ave-Marias e de hinos marianos, rumo ao 15º mistério, a coroação de Nossa Senhora (BESEN, 1977, p. 50).

c) Cavalgada da Fé – 28 de agosto

Em setembro de 1875, o Porto de Itajaí recebia os primeiros imigrantes. Italianos que se deslocavam para Vigolo, uma pequena localidade de Nova Trento, distante 80 km de Florianópolis. Dentre eles estava a Amábile Lúcia Wisinteiner, com quase dez anos de idade. O grupo permaneceu em Brusque durante três meses e só depois se deslocou para seu destino. Em 12 de julho de 1890, começaram os trabalhos comunitários de Amábile. Em 07/12/1895

[13] Informações extraídas pela pesquisadora e pelo bolsista dos documentos do próprio objeto de estudo e do site oficial do Santuário de Azambuja.

Amábile passa a chamar-se de Madre Paulina.

Padre Chico e Ciro Roza (atual prefeito de Brusque) amantes do hipismo e devotos de Santa Paulina, em 1993 conversando sobre a história dos imigrantes italianos, mais especificamente sobre a família de Santa Paulina, resolveram trilhar o mesmo caminho por ela percorrido no final de 1875. A idéia da cavalgada sensibilizou outras pessoas que, e um número de 100 cavaleiros, em agosto de 1993, realizaram a 1ª Cavalgada nos Caminhos de Santa Paulina, sob o tema "Um Passeio Ecológico na Trilha da Fé". Passando pelo centro de Brusque, bairros e em meio a paisagens naturais, percorrem 35 km em clima de confraternização.

A chegada à Vigolo, depois de quase 10 horas e algumas paradas para almoço e descanso, é consolidada. Peregrinos, familiares e a comunidade recepcionam a cavalgada, acenando bandeiras, entoando hinos, ao repicar dos sinos e de emoção. Os cavaleiros tirando o chapéu se agruparam defronte a igrejinha de Santa Paulina. O local onde em 1890 foi iniciado o trabalho assistencial de Amábile e suas amigas agora é palco de orações, emoção e alegria. No acampamento, shows musicais, confraternização e roda de violeiros é a tônica durante o evento.

Quadro 03 - Perfil das Festas Religiosas realizadas no Santuário de Azambuja – 2005

FESTA **PERFIL**	**ÉPOCA**	**TEMPO DURAÇÃO**	**ATIVIDADES**	**CARACTERIZAÇÃO**
N. S. CARAVAGGIO	Maio	Uma semana	Feira de alimentação, missas e devoção à santa.	Originária da Itália, a imagem de N. S. do Caravaggio foi acolhida pela comunidade do santuário e posterior construção da capela. Hoje em dia é uma festa onde ocorre a presença cada vez mais constante dos visitantes de outras áreas e devotos da santa.
N. S. AZAMBUJA	Agosto	Dois dias	Feira de artesanato e alimentação, quermesse, missas e devoção à santa.	È a festa de maior importância para a comunidade local, pois representa a comemoração da santa Padroeira do Santuário. Presença de um número maior de visitantes, turistas e devotos de N. S. de Azambuja.
CAVALGADA DA FÉ	Agosto	Dois dias	Romaria e cavalgada, feiras de alimentação somente no local de chegada.	Evento que tem por objetivo divulgar os municípios de Brusque e Nova Trento, criado pelo atual prefeito de Brusque, a cavalgada visa a integração dos devotos de Madre Paulina, de N. S. de Azambuja ou N. S. do Caravaggio e amantes das caminhadas espirituais e cavalgadas. Visa a integração de pessoas juntamente com o espírito de

				penitência e solidariedade entre os outros.

Fonte: ARNT, 2005.

4 DISCURSOS E PERCEPÇÕES DAS ATIVIDADES RELIGIOSAS NO SANTUÁRIO DE AZAMBUJA.[14]

4.1 PERFIL E INFORMAÇÕES GERAIS DOS INFORMANTES E ATIVIDADES RELIGIOSAS

Para o presente estudo foram realizadas visitas para observação do território geográfico e estrutural arquitetônico do complexo, das pessoas e dos seus comportamentos. Nos cotidianos presenciados não foi encontrado hospedagem no local, porém foram alguns pernoites no centro do município de Brusque para captação das informações necessárias para a qualidade do trabalho desenvolvido.

Ocorreram visitas de reconhecimento para a realização das entrevistas contidas no presente capítulo realizado durante o período de janeiro a junho de 2006. Torna-se importante ressaltar que a entrada em campo foi distribuída em quatro momentos distintos. O primeiro momento ocorreu de março a novembro do ano de 2005, no Programa de Integração de Pós-Graduação e Graduação – PIPG, quando foi disponibilizado, um estagiário do curso de graduação em turismo, que cumpriu cerca de 20 horas semanais dedicados a coleta de dados do presente estudo. Ocorreram também várias visitações, neste tempo de execução do PIPG para reconhecimento do local e observações[15] no santuário. Além da realização das pesquisas bibliográficas e documentais em arquivos históricos do município de Brusque e da Biblioteca do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim em Azambuja.

O segundo momento (ainda inserido na pesquisa do PIPG) foi quando a participação foi como observadores[16], da Festa de Nossa Senhora de Azambuja ocorrida no último final de semana do mês de agosto. No período tentou-se fazer a aplicação do roteiro de entrevista semi-estruturado para os visitantes da Festa de Nossa Senhora de Azambuja, porém não se

[14] Os dados documentais deste tópico estão quase todos inseridos nas obras de Besen (2002) e outros materiais dos arquivos do Santuário, sem autoria científica. Entretanto, guardam a originalidade e a fidedignidade dos escritos de pessoas (a maioria) teólogos que participaram dos eventos aqui descritos.

[15] Estas primeiras observações foram realizadas com o intuito de adquirir um acervo fotográfico da infra-estrutura atual do complexo religioso de Azambuja e para realizar o levantamento da arquitetura do bairro de Azambuja.

[16] Esta etapa de observação foi com o intuito de adquirir informações dos visitantes para o presente estudo e para observar as atitudes dos visitantes durante a realização da Festa de Nossa Senhora do Caravaggio que apresenta uma demanda significativa de fiéis.

obtive sucesso. Percebeu-se que as pessoas que freqüentam o Santuário nos dias de Festa procuram o mesmo, com o objetivo da penitência e da visitação religiosa não abrindo espaço para uma eventual entrevista, mesmo que esta seja voltada para questões religiosas.

Entretanto, no terceiro momento, de janeiro a março de 2006, foram entrevistados, primeiramente os diocesanos que estavam inseridos na organização/ participação das atividades religiosas do santuário de Azambuja e do Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes, localizado também no bairro de Azambuja. A intenção era que fosse entrevistado em torno de 10 (dez) diocesanos em função dos critérios, que estipulava a necessidade dos mesmos estarem atuando há mais de 05 (cinco) anos no santuário. Considerando esta restrição, identificou-se seis (06) diocesanos que se adequavam ao tempo de participação.

Quadro 04 – Quadro síntese do perfil dos diocesanos entrevistados

NOME	OCUPAÇÃO NO SANTUÁRIO	TEMPO DE PERMANÊNCIA NO SANTUÁRIO	ENDEREÇO ATUAL
D1 **55 anos**	Atual reitor do Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes, reitor do Santuário de Azambuja e Diretor do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim.	- 6 anos como seminarista; - Oito meses como reitor até a presente data.	Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes – Azambuja, Brusque, SC.
D2 **87 anos**	Responsável pela organização e limpeza do Santuário de Azambuja.	Inserida há mais de 15 anos nesta atividade.	Hospital Arquidiocesano Cônsul Carlos Renaux – Azambuja, Brusque, SC.
D3 **55 anos**	Professor auxiliar da pastoral e administrador do Santuário de Azambuja.	Permaneceu 16 anos subdivididos em três fases: 1960 – 1968: aluno do Seminário; 1970 – 1972: professor de filosofia no Seminário; 1977 – 1983: padre e administrador do Santuário.	Fazenda Católica Brilhante – Rodovia Antonio Hiel, Brusque, SC.
D4 **56 anos**	Padre do Santuário de Azambuja, professor e diretor do coral no Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes.	Somando todos os períodos em torno de 27 anos: 1960 – 1968: aluno do Seminário; 1973 - 1977: como estudante da faculdade de estudos sociais e filosofia; 1979 - 1994: como padre do Santuário, professor e assistente dos alunos e cooperador das atividades do Santuário.	Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento – Itajaí, SC.
D5 **40 anos**	Reitor do Seminário e do Santuário, professor do Seminário e diretor do Museu.	Sete anos completos: 1999 – 2006.	Paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem – Saco dos Limões, Florianópolis, SC.
D6 **77 anos**	Reitor do Seminário e do Santuário, professor do Seminário e diretor do Museu.	Somando todos os períodos, vinte e três anos completos: 1941 – 1947: estudante do Seminário; 1955 – 1958: professor e atendimento espiritual pastoral nas residências do bairro de Azambuja; 1970 – 1984: reitor do Seminário e do Santuário e diretor do Museu.	Cúria Arquidiocesana de Florianópolis, SC.

Fonte: Autora, 2006.

Com estes diocesanos iniciou-se a entrevista com agendamento prévio. Para tanto, foi realizado um primeiro contato por telefone com o entrevistado, identificando a disponibilidade de tempo e o interesse na participação da pesquisa. Este procedimento foi adotado para todas as entrevistas, de acordo com a metodologia utilizada. Durante as entrevistas aproveitou-se para realizar observações "*in loco*" [17] a fim de comparar o "dito" com o que era observado. Destacou-se também que todos os entrevistados envolvidos nesta pesquisa assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 03). Todos os roteiros de entrevista semi-estuturadas (Apêndice 02) foram devidamente preenchidos com todas as informações necessárias.

Observando o quadro anterior, constata-se que todos os entrevistados atendem ao critério estipulado na metodologia: informantes inseridos há mais de 5 anos nas atividades do Santuário de Azambuja.

Os informantes, a exceção da freira responsável pela limpeza, são padres que atuaram em Azambuja como Diocesanos, Administradores, Diretores do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim e Reitores do Seminário. O processo de atuação dos diocesanos em Azambuja ocorreu a partir da indicação do Arcebispo, seguida da nomeação oficial.

A exceção é a freira da Congregação "Irmãs da Divina Providência", que foi convidada a exercer o cargo, os demais diocesanos foram nomeados a exercer os cargos de suas competências e a função da nomeação e da escolha pelo local e pelas funções que os diocesanos exerceram foi responsabilidade do Arcebispo que reside e atua na Cúria Episcopal em Florianópolis.

A escolha dos diocesanos, segundo os depoimentos, parte de certo vínculo que os mesmos possuem com Azambuja. A Educação Básica que tiveram na época de estudantes e as atividades que desenvolveram ao longo de suas vidas na reitoria e administração, bem como ações sociais desenvolvidas pelos envolvidos. Confirma-se esta característica na seguinte fala: "*Não é que a gente busca, então, lá se estuda para ser padre e lá eu fui nomeado pelo Arcebispo*" (A.C., 2006). Esta afirmação também pode ser confirmada por Besen (2002, p. 50) quando ele cita o retorno do aluno para exercer o sacerdócio: "temos a impressão de que há uma volta às origens: postos-chaves são ocupados por ex-alunos!".

[17] Observações sobre as atividades ocorridas no santuário como a missa e a catequese e os estudos diocesanos no seminário e também acerca da arquitetura atual do complexo religioso de Azambuja.

Em alguns documentos históricos arquivados no Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes, pode-se destacar esta característica do retorno do diocesano após algum tempo de ausência ao seminário de origem que só começou a ganhar força após o ano de 1949. Besen (2002, p. 52) destaca que a "saída do Monsenhor José Locks, onde o Seminário praticamente passou a ser dirigido por ex-alunos, dando-se à orientação um cunho mais uniforme. Isto fez com que as tradições do seminário fossem mais fiéis ainda aos tempos de Dom Jaime, se bem que atualizadas". Ainda, segundo o autor, este retorno se tornou não só necessário, mas também positivo para o desenvolvimento humano dos seminários diocesanos, que pregavam a exclusão social[18] dos estudantes durante a vida de celibatário.

Na documentação religiosa, existem algumas explicações sobre este retorno de ex-alunos para funções importantes. Para eles, o Arcebispo tentava conciliar a função de diocesanos com a afinidade que o mesmo tinha com o local em que ia atuar. Procurava trazer de volta os "filhos da terra", unificar a estrutura física com a estrutura pessoal e delegar as funções para religiosos que já conhecem o sistema de cada seminário ou cada complexo religioso por já estarem inseridos anteriormente nas atividades do mesmo. Como comenta Besen (2002, p. 28) "A função do seminário imprime características próprias nos futuros sacerdotes. O que acarreta uma sadia diversidade no ambiente presbiteral e na vida interna das Igrejas diocesanas [...]" promovendo um retorno dos ex-alunos para ocuparem cargos administrativos e operacionais no mesmo seminário onde estudaram para o sacerdócio.

O quarto momento deste presente estudo, se deu com o agendamento das entrevistas com moradores locais do município de Brusque que estivessem, segundo nossos critérios, morando há mais 5 (cinco) anos no bairro de Azambuja e tendo algum vínculo com o Santuário. Este quarto momento foi executado no período de março e abril de 2006.

Para efetivar a realização destas entrevistas, tive-se certa dificuldade em encontrar pessoas com disponibilidade e interesse em participar da pesquisa, por ser esta uma comunidade de descendentes de alemães, com uma herança cultural em que a desconfiança é bastante aguçada com pessoas estranhas. Neste sentido, tive-se que ser muito persuasivos com pessoas introspectivas e não muito receptivas, dificultando a obtenção dos dados. De 10 (dez) informantes planejados só se tive acesso a 05 (cinco). No quadro abaixo o perfil destes entrevistados e suas funções relacionadas com o Santuário de Azambuja:

[18] O sentido de Besen para o termo "exclusão social" é no sentido de afastamento da vida social, do convívio familiar e até mesmo do contato com a população local.

Quadro 05 – Síntese perfil dos moradores entrevistados.

NOME	ATIVIDADES REFERENTES AO SANTUÁRIO	FREQÜÊNCIA NO SANTUÁRIO
M1 **57 anos** **Sexo feminino** **Casada**	Cursou catequese e crisma no santuário; Exerce o cargo de ministra da comunhão.	Sempre – todos os dias.
M2 **55 anos** **Sexo feminino** **Casada**	Cursou catequese e crisma no santuário; Exerce o cargo de ministra da comunhão desde 2000.	Toda semana – quatro vezes na semana.
M3 **28 anos** **Sexo feminino** **Solteira**	Cursou catequese e crisma no santuário; Participa da pastoral litúrgica.	Toda semana – três vezes na semana.
M4 **76 anos** **Sexo feminino** **Casada**	Cursou catequese e crisma no santuário; Participa como cantora no coral do seminário e santuário.	Sempre – todos os dias.
M5 **31 anos** **Sexo Masculino** **Divorciado**	Cursou a catequese e a crisma no santuário.	Às vezes – uma vez por mês.

Fonte: Autora, 2006.

Os entrevistados, moradores da Rua Azambuja, cursaram a catequese, que é a preparação para o início da vida como cidadão religioso da igreja católica e a crisma, que é a parte intermediária da vida do cidadão religioso. Com exceção de 01 (um) entrevistado, todos os outros colaboradores da pesquisa estão semanalmente nas atividades religiosas do santuário. Esta inserção compreende funções operacionais e administrativas das pastorais litúrgicas e da comunhão, participação no coral do seminário que faz apresentações constantes nas missas ministradas no Santuário de Azambuja e participação nos cursos de crisma e catequese. É importante ressaltar que esta inserção sofre às vezes descontinuidade conforme a idade e o círculo de relações destes informantes.

Para compreender melhor as funções exercidas por estes entrevistados, se fez necessária uma coleta de dados documentais nos arquivos da Biblioteca Central Municipal de Brusque e no Museu Arquidiocesano Dom Joaquim em Azambuja, da qual pode-se destacar alguns grupos pastorais, movimentos e serviços.

No que se refere à liturgia e cantos em Azambuja, Besen (2005, p. 110) comenta que "em, 1999, procurou-se organizar a Pastoral Litúrgica no Santuário, mas havia muitas pessoas engajadas no trabalho de apoio nesta área. Atualmente há uma equipe central que atua nos trabalhos de coordenação e secretaria e com as demais equipes".

O Apostolado da Oração foi fundado em 1931, na década de 60, após o Concílio, praticamente deixou de existir. Revitalizado na década de 80, atualmente conta com 300

(trezentos) zeladores e associados. Todas as primeiras sextas-feiras do mês participam da Hora Santa com exposição do Santíssimo e em seguida a missa. Mensalmente promovem um café com bingo cuja arrecadação é destinada para a formação de seminaristas de Azambuja, para as peregrinações, encontros e passeios promovidos pelo Apostolado (BESEN, 2005).

Introduzidos no Santuário em 1970, os primeiros Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão eram seminaristas do curso de filosofia. Em meados dos anos 90, foi estendido a outros moradores de Azambuja. Um grupo formado por 08 (oito) pessoas começou a se reunir semanalmente com o intuito de implantar em Azambuja uma equipe de ministros e também com a finalidade de visitar e levar a Santa Comunhão aos doentes da comunidade. Atualmente são 25 (vinte e cinco) ministros que atuam no seminário, auxiliam nas missas e levam a comunhão aos doentes todas as primeiras sextas-feiras do mês ou quando o doente solicitar. Pelo Natal e Páscoa, ou quando houver necessidade, os doentes recebem a visita do padre para confissão (BESEN, 2005).

O mesmo autor nos coloca uma explicação sobre a Infância Missionária que é outra ação de pastoral organizada no Santuário. Á respeito da Infância Missionária destaca,

> Com o nome anterior de Pontifícia Obra da Santa Infância, foi introduzido no seminário em 1934, atuando até 1996. Hoje, com o nome de Infância Missionária, convida crianças da catequese a participarem. Tem o objetivo de suscitar e promover o espírito missionário universal entre as crianças. Promover a cooperação espiritual por meio da oração, sacrifício e testemunho de vida. Despertar e fortalecer as vocações missionárias, anunciando Jesus Cristo aos que ainda não o conhecem. Incentivar os pais, educadores e catequistas a promoverem o protagonismo das crianças e adolescentes na evangelização e solidariedade universal. Cooperar materialmente com ofertas, frutos do sacrifício e renúncias para ajudar as crianças necessitadas dos cinco continentes (BESEN, 2005, p. 111).

Azambuja também conta com grupos de reflexão que tiveram início em 1976, com o nome de Círculos Bíblicos. Nos domingos à tarde os seminaristas organizam grupos de estudos bíblicos na redondeza do seminário. É prioridade da Igreja catarinense e da Arquidiocese de Florianópolis, são divididos em 19 (dezenove) subgrupos, integrando aproximadamente 250 (duzentos e cinqüenta) pessoas. Reúnem-se mensalmente após a missa da família que acontece no santuário. O Grupo de Renovação Carismática era outra pastoral de Azambuja que teve início em 1978, por iniciativa do Pe. José Artulino Besen. As reuniões, inicialmente aconteciam no Seminário de Azambuja, posteriormente estendeu-se à cidade de Brusque, com reuniões na Igreja Matriz. Teve como compromisso pastoral a visita aos doentes, a pastoral do consolo e da esperança. Ponto alto era a preparação diária dos doentes

do Hospital para receberem a comunhão. Nos primeiros anos, os encontros eram sempre de oração e de estudos bíblicos, incentivando os membros a participarem de grupos de movimentos já existentes. Hoje a reunião do grupo acontece nas segundas-feiras com a missa e em seguida há um momento de encontro de pregação da palavra e oração (BESEN, 2005).

Destacam-se ainda o Grupo Bethânia, que surgiu em 1984 por conta da percepção de várias famílias carentes necessitando de auxílio. E, para isso, promovem arrecadações mensais para ajudar estas famílias. Outro movimento é Schoenstadt, cujo centro é o Santuário de Graças, que teve origem na Alemanha em 1914. Em Azambuja foi fundado em 1935 para ajudar na renovação do mundo de Cristo por Maria. Os ministros levam a Mãe Peregrina de casa em casa e no hospital rezam o terço e olham as necessidades de cada família visitada, seus problemas e colocar na Igreja e na comunidade todas as dificuldades, sendo para as famílias um elo de união com a Igreja local e diocese. A Ação social, que teve início em 1980 envolvendo seminaristas e moradores locais têm por finalidade de ajudar as famílias carentes da Rua Nova Trento (principal acesso para Azambuja). A ação social é um trabalho de união consciente, colaboração social e também uma participação especial da Igreja através dos padres. Este grupo também atua servindo de voluntários da prefeitura de Brusque na ajuda de distribuição de cestas básicas a 64 (sessenta e quatro) famílias da comunidade (BESEN, 2005).

Sobre a Comissão de festas, sabe-se que:

> [...] foi criada em 1968, tem como função organizar e distribuir os trabalhos relacionados com o desenvolvimento e atendimento das pessoas que se dirigem ao santuário de Azambuja nos dias de festas, e também preparar troco, cartões, convites, controle de caixa, iluminação, compra, crachás, entre outras funções relacionadas com a organização das festas religiosas ocorridas no santuário durante o ano (BESEN, 2005, p. 113).

Azambuja conta ainda com o grupo de Jovens Jass, que foi criado em 1969, possuem uma banda formada pelos próprios integrantes que anima as missas de jovens no santuário. Hoje o grupo conta com 25 (quinze) participantes que se reúnem para retiro anual com a intenção de atrair mais jovens, participação da acolhida nos eventos realizados em Azambuja, visita a entidades carentes, promoção de peças teatrais e via-sacra, entre outras. (BESEN, 2005). E ainda a catequese que é ministrada por moradores envolvidos com as atividades do santuário e por seminaristas de Azambuja.

Como se pode observar, o Santuário de Azambuja conta com grupos organizados em pastorais há muito tempo, que estão constantemente evoluindo para acompanhar o

crescimento cultural e aperfeiçoamento social ocorrido na região. Estes grupos, geralmente são formados por seminaristas do Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes e por moradores do bairro de Azambuja que prestam serviços de voluntariado para o santuário e, que após certo tempo são inseridos em atividades religiosas do mesmo, de acordo com as necessidades do Santuário e a vontade pessoal destas pessoas.

Este envolvimento entre diocesanos e comunidade se mostra de suma importância para o desenvolvimento, de ações voltadas para atividades religiosas associadas com visitas dos fiéis e devotos de Nossa Senhora de Azambuja, com eventuais turistas ou visitantes do local. Estes grupos destacados acima, no futuro, podem estar auxiliando, mais ainda na recepção e auxílio na prestação de informações sobre a história de Azambuja e das festas religiosas locais.

4.2 PERCEPÇÕES SOBRE O TURISMO RELIGIOSO E PEREGRINAÇÃO

Neste tópico tentar-se-á trazer uma reflexão acerca das percepções dos moradores e dos diocesanos entrevistados quanto aos termos “turismo religioso” e “peregrinação” e adequar às teorias já existentes dos pensadores e formadores de opiniões como os autores inseridos no referencial teórico do presente estudo.

Os achados serão apresentados em forma de quadro-síntese com a unificação das idéias e dos discursos dos colaboradores da pesquisa de uma forma geral, mesclando as percepções dos moradores com as percepções dos diocesanos. Para melhor entendimento e identificação do colaborador na apresentação do quadro, criou-se a seguinte legenda:

D1, D2, D3, D4, D5, D6: DIOCESANOS
M1, M2, M3, M4, M5: MORADORES

No que se refere à fala dos diocesanos quanto ao termo “turismo religioso”, apresenta-se:

Quadro 06 – Percepções dos diocesanos sobre turismo religioso.

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
D1. É uma palavra que não serve, visto que um ser humano religioso é um fiel, que vai por questões de fé, em peregrinação e devoção.	D1. Palavra que não serve... Ser humano religioso... Fiel... Vai por questões de fé... Peregrinação... Devoção...
D2. É o conhecimento e o fortalecimento da fé.	D2. Conhecimento Fortalecimento Fé...
D3. É uma expressão muito ambígua, perigosa, as pessoas vão ao centro religioso pela fé, festejam, se alegram, compram uma lembrança. Nos centros de peregrinação vão povos mais carentes que procuram a cultura popular e a religiosidade.	D3. Expressão muito ambígua... Vão pela fé... Festejam, se alegram, compram uma lembrança... Povos mais carentes... Procuram a cultura popular... Religiosidade...
D4. É mais a ampliação, o conhecimento cultural, a ampliação da cultura, indo em busca. O visitante vem ver o lugar e apreciar as obras que lá estão.	D4. Conhecimento cultural... Ampliação da cultura... Apreciar as obras que lá estão...
D5. Tem como objetivo desenvolver o comércio, os hotéis, a infra-estrutura e desenvolver ações na área religiosa.	D5. Desenvolver comércio... Os hotéis... A infra-estrutura... Ações na área religiosa...
D6. É um termo que se refere a lugares de interesse num âmbito religioso, comercial e científico. São lugares de encontro com Deus e de curiosidade, procurados por pessoas que tem formação religiosa e procuram assim conhecer locais de peregrinação.	D6. Interesse num âmbito religioso, comercial e científico... Lugar de encontro com Deus... Curiosidade... Formação religiosa... Conhecer locais de peregrinação...

Fonte: Autora, 2006.

Os DSC que sintetizamos destas falas são:

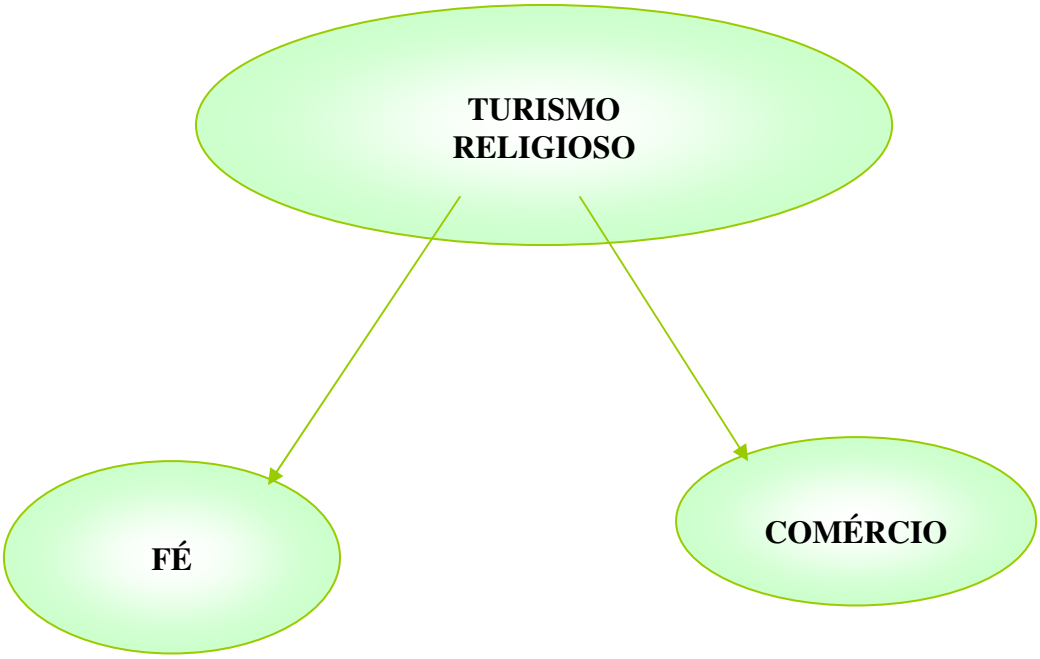
Quadro 07 – Discursos dos diocesanos acerca do termo turismo religioso

DSC DIOCESANOS – TURISMO RELIGIOSO
DSC 1 – O termo turismo religioso não é adequado às peregrinações religiosas. Este é um termo ambíguo e perigoso que não abrange todo o seu significado, norteado pela fé, pela devoção e pelo encontro com Deus (05 Diocesanos).
DSC 2 – O termo turismo religioso se refere aos lugares de interesse religioso, comercial e científico. É bastante amplo e tem a ver também com conhecimento cultural, desenvolvimento do comércio, de hotéis e infra-estrutura para desenvolver ações na área religiosa (01 Diocesano).

.

Fonte: Autora, 2006.

Figura 15 - Idéias Sínteses do DSC que permeiam os Diocesanos.



Embora os DSC estejam separados, eles se intercalam e são discursos contidos nas falas de todos eles. Há a associação entre o incentivo da fé, a cultura, assim como a alegria e as comemorações e, também, o sentido do comercial ou da comercialização dos produtos e serviços referentes ao termo em questão.

O termo turismo religioso para os diocesanos ainda é bastante recente e percebe-se dificuldade na aceitação desta terminologia. Analisando os discursos acima apresentados, identificou-se dois bastante distintos. No DSC 1, observou-se que os entrevistados, de uma maneira geral *"relacionam o interesse religioso norteado pela fé, pela devoção e pelo encontro com Deus"*. Levam a crer que ocorre uma resistência dos diocesanos em utilizar esta expressão para justificar o movimento das pessoas, principalmente nos dias das festas mais significativas para o santuário.

Esta resistência dos agentes religiosos (diocesanos) ao uso do termo turismo religioso para designar peregrinações se situa, por sua vez, dentro de uma arena de disputas lingüísticas e também políticas e econômicas, que diz respeito ao controle sobre a produção e manipulação dos bens culturais e ideológicos. De algum modo, os diocesanos têm a percepção de que qualificar uma peregrinação com o adjetivo turístico, tende a sair do seu domínio institucional e passar para o controle do Estado e do mercado (ABUMANSSUR, 2003). Rosa (2002) confirma esta resistência dos religiosos em Nova Trento – SC, ainda que as atividades

religiosas nesta localidade estejam associadas a um centro terapêutico que vende serviços e objetos voltados para as atividades religiosas no Santuário da Santa Paulina.

Outro aspecto que se pode destacar para justificar a resistência dos religiosos ao uso do termo turismo religioso refere-se à tendência recorrente entre os agentes turísticos a integrarem as visitas aos locais sagrados dentro de um pacote como mais um item de um extenso roteiro de viagem. Para os religiosos, esse modelo de visitas estaria retirando a centralidade e profundidade do ato religioso, que se perde em meio às ações dispersivas e superficiais do turismo (ABUMANSSUR, 2003).

Analisando a fala: *"Este é um termo ambíguo e perigoso que não abrange todo o seu significado",* identificado ainda no DSC 1, pode-se perceber que, além desta preocupação com a questão política e econômica do santuário e do movimento devocional que o mesmo provoca, ocorre a preocupação do uso da palavra, ou da terminologia. Esta preocupação exprime a inquietação quanto à associação do termo "turismo" com o profano da atividade. Se pensar-se no profano como o contrário do sagrado, ou seja, como uma relação com ambientes, objetos e histórias que não encarnam santos e misticismos, será visto que para o religioso convicto, é impossível fazer a relação entre turismo e religião como bem afirma Elíade (1968) no clássico sobre o sagrado e o profano.

Porém, não pode-se desconsiderar que o turismo religioso também absorve características culturais relacionadas com a história do local.

Souza e Correa (2000) dizem tratar-se de

> [....] um tipo de turismo motivado pela cultura religiosa, o que não colocamos em dúvida. Mas tal cultura, no esclarecimento dos autores, é caracterizada pela ida a locais que possuam conotação fortemente religiosa, ou seja, visita à igrejas, santuários, por peregrinação, romarias e congressos eucarísticos, assim como o conjunto de atividades com utilização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé". (SOUZA E CORREA apud TRIGO, 2005, p. 328).

Acontece que os espaços religiosos, por força de uma separação estabelecida pelos agentes católicos ou estudiosos da religião, são verbalmente retirados de seu papel turístico. Como comenta Oliveira (2004, p. 28), "ao contrário da valorização internacional de Jerusalém, Roma, Lourdes e Fátima, uma infinidade de espaços religiosos brasileiros fica destituída de seu peso turístico apenas porque uma cultura de preconceitos vinculou turismo à profanação". Como comentado anteriormente conforme a fala dos entrevistados.

Já, no DSC 2, pode-se identificar a questão da relação do turismo religioso com o

âmbito comercial e científico. Também colocam, por intermédio de suas falas, a visão do conhecimento cultural, do desenvolvimento do comércio e da infra-estrutura básica e turística para acomodar e receber esta demanda, seja ela de fiéis, devotos, visitantes ou turistas. Também será feito a ligação deste discurso com o lado festivo religioso, onde será destacado alguns autores que abordam esta idéia procurando unificar a questão da festa interpretada tanto do lado profano quanto do lado sagrado.

Esta idéia pode ser comparada à teoria de Oliveira (2004, p. 16-34) que coloca que "a festa religiosa contém uma multiplicidade de lugares sagrados, nas mais diversas religiões do planeta. Em outras palavras, o turismo religioso é um turismo motivado por celebração". Pode-se dizer então que a festa religiosa é um exercício mítico de volta e projeção do mundo ideal, e a matriz para a compreensão das motivações culturais e espirituais que alimenta o turismo religioso nos diferentes sistemas de crença. Festejar assim, é antecipar o alcance da graça esperada ou consolidar suas dimensões mais significativas, prova imediata e didática de que todo o sacrifício vale a pena.

Segundo Andrade (2000, p. 77) Turismo Religioso [19] é "o conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões". Esta conceituação se enquadra nos discursos identificados neste tópico, pois abrange a idéia do turismo religioso como a movimentação de pessoas que procuram os locais sagrados para expressarem sua fé, além de utilizarem de atividades e equipamentos voltados para a atividade turística como um todo. Também pode ser unificada na percepção da utilização deste tipo de atividade voltada para questões científicas e culturais, ou seja, de alguma forma ou de outra, não importa qual a motivação que leva aquela demanda a procurar o local sagrado, todas as pessoas se utilizam, de alguma forma, dos equipamentos turísticos localizados no município receptor como: postos de informações turísticas, serviços de transporte interno (vans), serviços de guias turísticos e também, eventualmente, de equipamentos de alojamento, como hotéis, pousadas, albergues, restaurantes, bares, entre outros.

Isso contribui para a ruptura com o empobrecimento do discurso que separava as peregrinações tradicionais de turismo religioso. Tal perspectiva pode ser incluída na matriz

[19] Ainda que o termo "turismo religioso" seja uma construção de uma categoria ou classificação, ou ainda, como afirma Dias e Silveira (2003), uma "etiqueta" para designar um novo ramo do turismo, a usaremos durante nossa análise. Este uso é porque acreditamos neste novo mercado turístico, ainda que existam críticas a forma como o turismo "mistura" atos de fé, a venda de serviços e compras de objetos.

binária do historiador das religiões (ELIADE, 1993) na questão do conflito permanente, em que todo peregrino,

> [...] experimenta a transformação do sacrifício em prazer, impulsionando uma dialética da compensação, ao mesmo tempo em que faz da visita aos lugares sagrados uma volta espiritual, jamais uma ida. No turismo religioso, por suas vinculações históricas com a peregrinação não cabe falar de viagem inicial. Em termos antropológicos o homem é um turista, como também um migrante, nômade e mutante ao longo de toda uma vida. E o turismo, na identidade peregrina, atualiza sua condição geográfica de busca por uma existência ou experiência mais significativa. (ELIADE apud TRIGO, 2005, p. 329).

Se levar em consideração esta afirmação apresentada, pode-se unificar esta visão identificando que todo o turismo religioso pode ser também uma ato de peregrinação que movimenta um grupo de pessoas motivadas pela fé, pela devoção à um local sagrado, por motivos devocionais, utilizando-se de equipamentos turísticos para sua estada no local.

No que se refere à visão dos moradores quanto ao termo turismo religioso, busca-se confirmar ou não, se suas falas e discursos são comuns aos discursos dos diocesanos:

Quadro 08 – Quadro das percepções dos moradores quanto ao termo "turismo religioso".

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
M1. O turismo cobre os gastos do santuário. A partir da fé dos visitantes católicos em curar suas doenças e resolver seus problemas, se consegue cobrir os gastos financeiros.	M1. O turismo cobre gastos do Santuário... Fé... Visitantes católicos... Curar doenças... Resolver problemas... Cobrir gastos financeiros...
M2. Turismo religioso significa visitar igrejas, santuários e ver os costumes do lugar em que está a igreja.	M2. Visitar igrejas, santuários... Costumes do lugar em relação à igreja...
M3. É um turismo voltado para pontos de mais concentração da parte religiosa. É o turismo dentro das áreas onde existe o maior número de concentração de pessoas voltadas para a fé.	M3. Pontos de mais concentração da parte religiosa... Maior número de concentração de pessoas voltadas para fé...
M4. É quem vem com fé. É uma coisa muito boa porque eles conseguem uma graça.	M4. Quem vem com fé... Eles conseguem uma graça...
M5. Seria a busca por locais onde o objetivo principal seja o encontro da fé, o encontro de pessoas para determinadas atividades tipo oração e adoração aos seus deuses.	M5. Encontro da fé... Oração... Adoração aos seus Deuses...

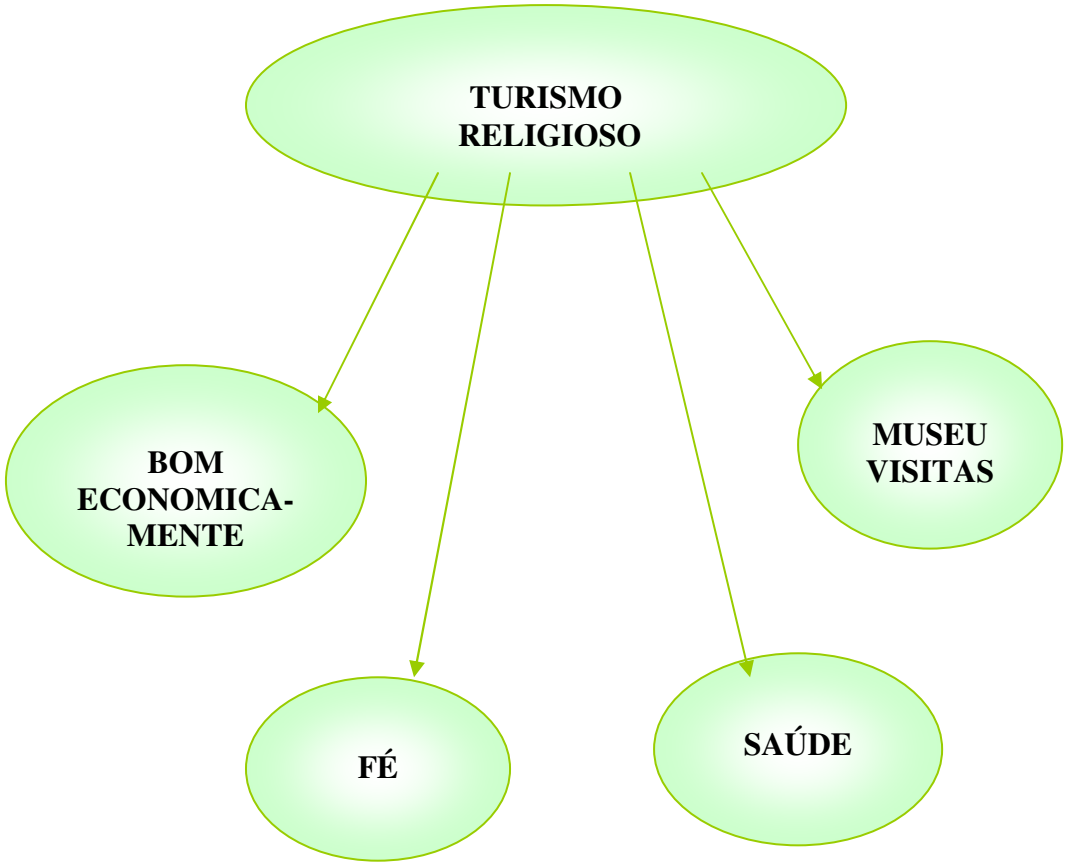
Fonte: Autora, 2006.

Quadro 09 – Discursos dos moradores acerca do termo turismo religioso

DSC MORADORES – TURISMO RELIGIOSO
DSC – O turismo religioso é muito bom por que nos ajuda com os gastos com o santuário. Ele é realizado com católicos, pessoas que tem fé, que querem resolver seus problemas e/ou curar-se de doenças pela fé em Jesus Cristo. Este tipo de turismo envolve também visitar igrejas, santuários e conhecer os costumes do lugar. É um grande encontro de pessoas com fé.

Fonte: Autora, 2006.

Figura 16 - Idéias Sínteses do DSC sobre Turismo Religioso dos Moradores



Nas falas dos moradores acerca da terminologia "turismo religioso" analisa-se que, concomitantemente eles também fazem a relação entre as questões financeiras e religiosas. Nestas entrevistas foi identificado apenas um discurso, entretanto, ainda que a característica principal dos discursos seja semelhante ao dos diocesanos o termo Turismo religioso é visto com mais tranqüilidade.

Para estas pessoas diretamente envolvidas com o Santuário, o turismo religioso envolve uma relação de parceria entre o financeiro e a religiosidade. Conforme se pode

confrontar com Oliveira (2004, p. 14) “o turista religioso não deixa de ser peregrino. Apenas atualiza essa prática adaptando sua viagem – ora parcial, ora plenamente – às características do processo turístico, conforme o contexto socioeconômico do fenômeno religioso em questão”. Os informantes são mais realistas quando assumem mais rapidamente, que o dinheiro que a peregrinação proporciona auxilia financeiramente o santuário que precisa dos gastos destas pessoas para sua sustentação.

Para este grupo de informantes, os peregrinos são pessoas que tem fé e que colaboram para a preservação e manutenção do santuário. Quando este santuário tem um complexo religioso, envolvendo outros estabelecimentos sociais, como é o caso de Azambuja, que tem, além do santuário, o seminário, o asilo, o hospital e o museu que dependem de doações e contribuições dos seus visitantes e fiéis, o turismo religioso é imprescindível para sua movimentação e sustentação. Estes visitantes e fiéis que freqüentam o complexo contribuem para estas ações envolvendo a estrutura do complexo e também para ações sociais da comunidade local, para Oliveira (2004, p.14), o turismo religioso “é e continuará sendo uma qualidade híbrida – divina, humana, sagrada, profana capaz de justificar imediatamente grandes deslocamentos e gastos em busca de contribuir financeiramente e de algo que transcende o cotidiano”.

Por isso, considerando que o turismo religioso seja algo profano, pode-se identificar que na história dos seres humanos, ou da evolução humana ao longo dos tempos, sempre houve o aproveitamento do sagrado para comercialização de produtos, serviços e até da fé misturando o sagrado com o profano. Assim pode-se ver surgir no campo da religião uma estrutura turística de significados e valores que acaba abarcando, mesmo que de forma inconsciente, a tradição peregrínica, ocasionando um outro evento, o turismo religioso (DIAS; SILVEIRA, 2003).

Os mesmos autores colocam que,

> [...] desse evento surge uma nova categoria denominada peregrinos-turistas ou turistas religiosos que, além de possuírem motivações diferentes dos peregrinos tradicionais para deslocarem para locais sagrados, incorporam de forma significativa o turismo como medição do sagrado, através de elementos mercadológicos e de consumo associados ao próprio evento turístico. (DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 127).

Isso significa dizer que o turismo religioso tem identidade própria e aberta no universo da cultura religiosa. Oliveira (2004) e leva a identificar, comparando-se o DSC encontrado nas entrevistas realizadas com a literatura, que as pessoas que se deslocam para estes locais sagrados, acabam, de alguma forma, deixando suas divisas nos santuários visitados. Seja por

motivos de devoção, penitência, fé ou apenas por visitação, consome produtos alimentícios, lembranças sagradas e do local e também contribuem com doações e caridades.

No que se refere ao termo "peregrinação", será apresentado agora, qual o sentido para os diocesanos deste ato e se este sentido se perde com o que é chamado de turismo religioso.

Quadro 10 – Quadro das percepções dos diocesanos quanto ao termo "peregrinação"

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
D1. Peregrinação é colocar-se a caminho por gratidão ao senhor ou devoção de um santo.	D1. Colocar-se a caminho... Gratidão ao Senhor... Devoção de um santo...
D2. Peregrinação é realizar a fé e também fazer penitência em lugares religiosos.	D2. Realizar a fé... Penitência em lugares religiosos...
D3. Peregrinação é a busca do sagrado, onde houve o nascimento de um ciclo religioso.	D3. Locais privilegiados... Ação de Deus... Busca do sagrado... Nascimento de um ciclo religioso...
D4. A peregrinação é ligada a devoção, fé, romarias que vão mostrar ou manifestar sua fé em grupo, pagar promessas, buscar e pedir graça e rezar.	D4. Ligada a devoção, fé... Romarias... Mostrar ou manifestar sua fé em grupo... Pagar promessas... Buscar e pedir graça... Rezar...
D5. A peregrinação tem a motivação especificamente religiosa com o objetivo de fazer uma oração, pagar uma promessa ou fazer algum agradecimento.	D5. Visão cristã... Motivação especificamente religiosa... Fazer uma oração... Pagar promessas... Fazer agradecimentos...
D6. Na peregrinação a pessoa vai a procura de um lugar de encontro com Deus, num momento de oração e de espiritualidade própria.	D6. Lugar de encontro com Deus... Pedir uma graça... Se encontrar com Deus num momento de oração... Espiritualidade própria...

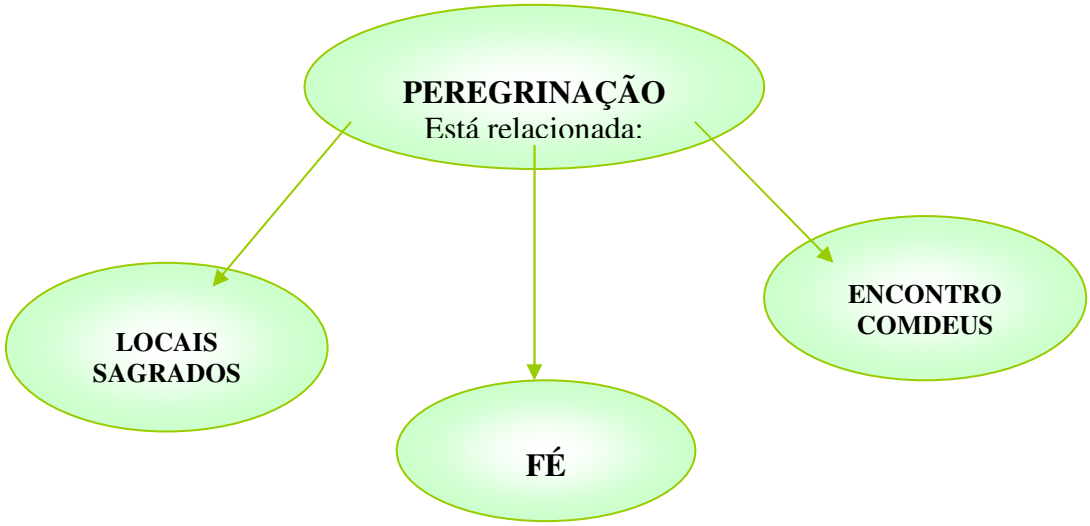
Fonte: Autora, 2006.

Quadro 11 – Discursos dos diocesanos acerca do termo peregrinação

DSC DIOCESANOS – PEREGRINAÇÃO
DSC1 – A peregrinação é realizada em locais privilegiados e sagrados. Colocar-se a caminho, em peregrinação, é ter gratidão ao senhor, devoção a um santo e realizar com fé a penitência, pagar promessas, buscar graças e rezar.
DSC2 – A peregrinação ou romarias é o mostrar ou manifestar a fé em grupo. É o lugar de encontro com Deus.

Fonte: Autora, 2006.

Figura 17 - Idéias Sínteses sobre peregrinação entre os diocesanos.



Conforme o relato dos diocesanos consegue-se identificar dois discursos que não são distintos porque se mesclam a idéia do "sagrado" e da manifestação da fé. Neste sentido, o sagrado é a peregrinação e o profano seria o Turismo Religioso, que embora contestado pelos próprios diocesanos, parece retratar a unificação do sentido penitencial e devocional com atividades paralelas proporcionadas aos visitantes.

Conforme destaca Oliveira (2004, p. 15) "peregrinar é voltar ao campo, ao espaço aberto, ao lugar de origem, à terra dos antepassados; ao centro ou umbigo do mundo, por esta razão é que se pode vincular diretamente a peregrinação ao sacrifício e à fé". A peregrinação, portanto, não é uma escolha individual do sujeito peregrino, mas uma contribuição manifesta deste sujeito à divindade (o santo) que o agraciou. Sua realização dá-se, na maioria das vezes, em espaços profanos, ligados ao mundo cotidiano do trabalho e do consumo. Mas seu auge, sua principal destinação, está nos lugares, especialmente delimitadas pelas forças divinas e sagradas. É fundamental, portanto, reconhecer que as idéias de fé e sacrifico estão na origem do ato religioso que motiva uma peregrinação.

Também é importante compreender que a separação entre o sagrado e profano às vezes podem se fundir, existem formas de levar o profano ao sagrado e sagrado ao profano. (TERRIN, 2004). Isto não significa descaracterizar um fenômeno ou atividade, muito mais do que isto, esta hibridação entre o sagrado e profano pode ter uma relação direta com as mudanças histórico-religiosas da humanidade.

Estas idéias se confirmam, quando Abumanssur (2003, p. 26) coloca que peregrinar "se funda nesta fusão da tripla itinerância espacial, temporal e interior; a caminho da vida plena que o homem religioso identifica no encontro com o sagrado, o que cria, porta, confere

e comunica sentido à vida".

Como construção social, o termo peregrinação recobre uma vasta e variada gama de experiências históricas e contemporâneas de deslocamentos sazonais por motivos de devoção e culto. Num corte temporal, mostram como o conceito de peregrinação dá sentido de uma viagem cheia de dificuldades, marcada por sofrimentos e pelo intenso desejo de alcançar o ponto almejado e mostram ou manifesta desta forma sua gratidão pelo santo ou pelas graças alcançadas (COLEMAN; ELSNER, apud ABUMANSSUR, 2003).

No Santuário de Azambuja, especificamente, ocorrem às peregrinações nos dias de festas religiosas e em datas comemorativas. Porém, também ocorrem manifestações de peregrinos que procuram o santuário individualmente para pagar suas promessas, visitar o local santo ou pedir uma graça em outros dias do ano. Entendemos que este santuário tem como rituais característicos a peregrinação, no sentido devocional e penitencial. Isto tudo acompanhado de um movimento significativo que pessoas, visitantes e turistas com o intuito de conhecer o local, tirarem fotografias ou até mesmo se interarem na história da construção do mesmo.

As falas dos moradores, no que se refere ao termo "peregrinação" não são muito diferentes da visão dos diocesanos. Trazem também como característica o uso do termo com relação direta aos ritos devocionais e de penitência:

Quadro 12 – Quadro síntese sobre as percepções dos moradores quanto ao termo "peregrinação".

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
M1. A peregrinação é para buscar alguma coisa que falta na gente mesmo.	M1. Buscar alguma coisa que falta na gente mesmo...
M2. Peregrinar é formar um grupo de pessoas para visitar os santuários, fazer oração, fazer retiros voltados para a questão de fé.	M2. Formar um grupo de pessoas para visitar os santuários Fazer oração Fazer retiros voltados para a questão de fé
M3. Peregrinação é o aprofundar a fé. Ir ao encontro do local onde sinta a presença de Deus, a presença da religião, da espiritualidade. É a devoção pessoal.	M3. Aprofundar a fé Vai ao encontro do local Presença de Deus Presença da religião, da espiritualidade Devoção pessoal
M5. Peregrinação é a ida ao encontro e aos sacrifícios. É a penitência e até o próprio sacrifício financeiro. É ter o mesmo credo e o mesmo pensamento.	M5. Ida ao encontro Sacrifícios Penitência Sacrifício financeiro Mesmo credo, mesmo pensamento

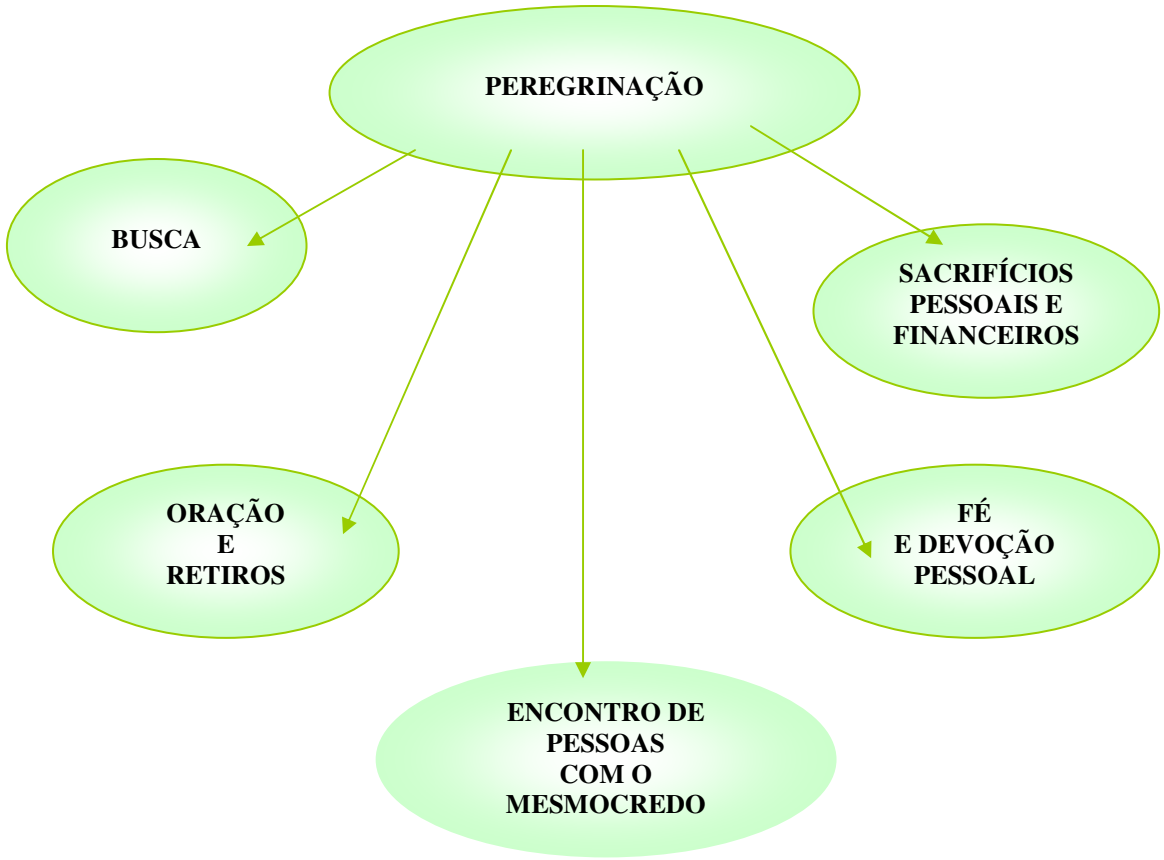
Fonte: Autora, 2006.

Quadro 13 – Discursos dos moradores acerca do termo peregrinação.

DSC MORADORES – PEREGRINAÇÃO
DSC 1 – Peregrinação é formar um grupo de pessoas para visitar os santuários em busca de alguma coisa que falta na gente mesmo. È fazer oração e retiros voltados para a questão de fé, religião e espiritualidade.
DSC 2 – Peregrinação é aprofundar a fé e ir a presença de Deus. É a devoção pessoal com sacrifícios pessoais e financeiros, penitência de pessoas com o mesmo credo e o mesmo pensamento.

Fonte: Autora, 2006.

Figura 18 - Idéias Sínteses sobre peregrinação entre os moradores.



Conforme comentado em tópico anterior sobre o perfil dos entrevistados, estes são de origem alemã apresentando uma série de características de suas origens bastantes singulares mesmo nos dias de hoje. Para Besen, muitas das características e singularidades do alemão (e ou seus descendentes), que faziam as peregrinações no passado, foi se modificando ao longo dos anos.

> Em Azambuja se pode constatar uma diferença singular entre uma romaria alemã e brasileira que é identificada pela grande afluência de devotos ao confessionário e à comunhão. Aqui no Brasil não se percebe a mesma coisa. O confessionário é pouco freqüentado nas festas de Azambuja. [...] entre os brasileiros a recepção dos sacramentos continua sendo um acontecimento miraculoso. Dezenas de anos de abandono religioso são responsáveis pela atual situação. [...] o brasileiro organiza sua peregrinação mais ou menos da seguinte maneira: ele vem até a capela e reza por alguns momentos, então se

> dirige em passos solenes à imagem de Nossa Senhora e deixa aí um donativo, seja em dinheiro ou em gêneros, ou na forma de uma vela. Então contempla pormenorizadamente o interior da capela, do hospital e dos arredores. Encontrando um padre ou irmã, solicita um rosário, um santinho, ou logo meia dúzia para toda a sua família; compra uma dúzia de foguetes, os solta e então volta contente para casa. Na festa de Azambuja este rito é completado pela participação na procissão e na missa solene, que se segue logo em seguida (BESEN, 2005, p. 28).

Pode-se dizer, então, que as características da peregrinação tradicional alemã, que ocorria há algum tempo atrás no santuário de Azambuja, se perdeu com o tempo. Hoje, conforme relato dos entrevistados e do autor destacado anteriormente, as peregrinações são menos penitenciais e devocionais, ou seja, os peregrinos procuram os locais sagrados como compromisso católico, pagamento de promessas, penitência, porém de uma forma mais leve e descompromissada. Os peregrinos, que antes mantinham as características da peregrinação alemã, hoje não procuram mais os padres para confessar-se, apenas produzindo momentos de introspecção solitários, sem dividir inclusive seus problemas com o grande grupo, que para autores como Segalen (2002) uma das principais características de uma peregrinação quase que um rito ou tradição, ainda que haja festas-espetáculos no Santuário visitado.

Porém, há uma outra conotação que parece se agregar ao significado de peregrinação na pós-modernidade religiosa contemporânea. É a que a associa à experiência interior de um a caminho a ser percorrido, de uma busca repleta de sacrifícios realizada por cada indivíduo na direção de seu verdadeiro eu (ABUMANSSUR, 2003). Deve-se observar, acima de tudo, os vínculos culturais de peregrino, no contexto de uma sociedade contemporânea, em diferenciados graus de mutação. “A identificação deve, pautar-se pelo contexto devocional; por aquilo que denominamos de religiosidade: a maneira como a cultura religiosa é geograficamente vivenciada” (OLIVEIRA, 2004, p. 17).

Analisando de uma maneira geral este tópico, pode-se concluir que a visão e interpretação dos diocesanos e dos moradores acerca dos termos “turismo religioso” e “peregrinação” são extremamente parecidos. Ambos interpretam o turismo religioso como uma atividade que envolve o profano e o sagrado, que abrange as questões culturais de uma localidade, as questões financeiras e científicas, para estudos tanto da arquitetura histórica, se tiver, e quanto dos aspectos socioculturais que contribuíram para a formação histórica do santuário.

Interpretando o termo “peregrinação” dos discursos dos moradores e diocesanos com a literatura estudada, consegui-se identificar que associam o mesmo com o ato penitencial, com a questão da participação desta atividade com um grupo significativo de pessoas com o mesmo intuito: devoção e sacrifício inclusive financeiro. Porém, identifica-se também, que houve uma evolução nas características das peregrinações, com mudanças radicais talvez

influenciados por novos hábitos e costumes por conta dos deslocamentos entre as regiões, tornando a peregrinação mais introspectiva e individual.

Neste sentido, a peregrinação em muitos lugares (inclusive em Azambuja) é um deslocamento individual ou em grupo de pessoas que procuram os locais sagrados para pagar promessas, rezar, por penitência ou devoção, aprofundando a fé, a devoção e a espiritualidade de pessoas com o mesmo credo e o mesmo pensamento. Ou ainda, de pessoas que buscam na introspecção o encontro com Deus ou seu santo. Em todas estas possibilidades, com raras exceções o turismo é parte deste processo através de produtos e serviços.

4.3 ATIVIDADES RELIGIOSAS REFERENTES AO SANTUÁRIO DE AZAMBUJA.

Este tópico visa abordar e identificar as atividades religiosas ocorridas no santuário de Azambuja e compará-las com o que está apresentado na literatura existente acerca desta tematização. Apresenta-se a fala dos diocesanos no que se refere à explanação acerca da tipologia das "**atividades religiosas"** referentes ao Santuário de Azambuja:

Quadro 14– Síntese das atividades religiosas referentes ao Santuário de Azambuja.

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
D1. A atividade religiosa é a celebração da santa missa onde a eucaristia é o centro. Na festa de Nossa Senhora, as novenas com momentos importantes marianos. É a fé na eucaristia e a cantar com louvor à Maria. D2. Especialmente a santa missa diária e dominical tendo em vista o sacramento. É uma tradição onde o povo gosta de se confessar, batismos, casamentos e na quaresma. D3. Nos tempos passados foram atendimentos na portaria quando Azambuja tinha entre 10 e 11 padres por que o peregrino queria se confessar, queria pedir uma missa, procurava o padre. D4. A festa de maio que foi diminuindo e a festa de agosto que foi crescendo. É movida pela fé. A missa da ceia do Senhor reúne muita gente e o pessoal vem à pé de Blumenau, de Camboriú e de Itajaí. D5. As atividades são: o conselho pastoral aplicada nas missas nos domingos. A pastoral da acolhida para mostrar o lugar, o padre disponível para a benção. Outras ações mais locais são cestas básicas para pessoas carentes, o trabalho com jovens, a catequese, a crisma e também o atendimento aos doentes do hospital. Mostrar a importância social de Azambuja como um grande centro de peregrinação.	D1. Celebração da santa missa A eucaristia Novenas Fé na eucaristia Cantar com louvor á Maria D2. Santa missa diária e dominical Sacramento Batismos Casamentos Quaresma D3. Atendimento na portaria O peregrino quer se confessar Quer pedir uma missa Procurava o padre D4.Romeiros que vinham pagar suas promessas Ela não é movida pelo turismo A missa da ceia do Senhor reúne muita gente D5. Conselho pastoral Missas nos domingos Pastoral da acolhida Conhecer o lugar Padre disponível para a benção Cestas básicas para pessoas carentes Trabalho com jovens Catequese, crisma Atendimento aos doentes do hospital Importância social de Azambuja Grande centro de peregrinação

Fonte: Autora, 2006.

Quadro 15 - Discursos dos diocesanos acerca das atividades religiosas no santuário de Azambuja.

DSC DIOCESANOS – ATIVIDADES RELIGIOSAS
DSC 1 – As atividades são muitas, a principal é a celebração da santa missa diária e dominical tendo em vista o sacramento. É uma tradição onde o povo gosta de se confessar, realizar batismos e casamentos. E o período da quaresma onde os fiéis têm maior fervor. A eucaristia é o centro onde ocorrem momentos importantes com novenas e reunião do pessoal para junto cantar com louvor à Maria.
DSC 2 – Nos tempos passados, Azambuja tinha entre 10 e 11 padres para atender o peregrino que queria se confessar pedir uma missa e procurar o padre. Também tem o conselho pastoral para a melhoria na liturgia das missas e para o acompanhamento dos visitantes no complexo. Porque além da missa, eles querem conhecer o local e ter o padre disponível para a benção.
DSC 3 – As atividades mais importantes são as festas de maio, que foi diminuindo, onde os romeiros vinham pagar suas promessas e a festa de agosto que foi crescendo, porém não é movida pelo turismo, o pessoal vem à pé de Blumenau, Itajaí e Camboriú para rezar e participar da Missa da Ceia do Senhor.

Fonte: Autora, 2006.

Dos DSC acima, consegui-se identificar três idéias sínteses a destacar com relação as atividades religiosas:

Figura 18 - Atividades Religiosas segundo os diocesanos.

** Missas, eucaristia, batismos, confissões, casamentos, etc.*

Foi identificado três discursos distintos sobre as atividades referentes ao santuário de

Azambuja, segundo os diocesanos, no primeiro discurso (DSC 1) a principal atividade destacada pelos diocesanos é a Santa Missa. Para Terrin (2004, p. 24), a "missa católica é uma ação que adquire um particular significado dentro da tradição de cada religião, tendo frequentemente mantido um lugar firme e uma linguagem estável durante séculos e milênios, na história das religiões, independentemente das teorias e das mudanças lingüísticas e culturais". Este ritual litúrgico movimenta um grande grupo de pessoas que procuram o local sagrado para ouvir a pregação da palavra do Senhor por seu representante, o padre.

Em Azambuja, ocorrem as missas diárias, com um número menor de fiéis e as missas dominicais que recebem um maior número de pessoas de municípios vizinhos como Blumenau, Itajaí e Brusque e ainda as missas especiais por conta dos eventos de datas comemorativas cristãs como Natal e Páscoa e outras festas religiosas. Neste ritual, ações cristãs são realizadas como a eucaristia, batismos e casamentos de pessoas que passaram momentos importantes de sua vida religiosa no santuário.

No segundo DSC, tem-se uma visão dos serviços prestados pelas Pastorais do Santuário, que através dos grupos de voluntários que prestam ajuda ao santuário de Azambuja e aos moradores locais.

No terceiro DSC as festas religiosas são citadas considerando sua importância ao longo dos anos e as pessoas que atrai em nome da fé. Como bem afirma Oliveira (2005, p. 336) observar esse aspecto é fundamental para compreender que "a viagem movida pela fé tem seu clímax na realização de uma festa sacro-profana". Ou seja, a realização da festa é tão antiga quanto à devoção coletiva à divindade. A festa, neste sentido, manifesta o encontro que só o espaço sagrado pode proporcionar. Ao realizar a festa sacraliza-se o lado profano da existência e de certa forma cria-se um espetáculo concreto que em alguns lugares se transforma em atrativo turístico e celebração:

> O turismo religioso é aquele turismo que não perdeu sua raiz peregrina e continua motivado pelo exercício místico da celebração. Isso significa que a festa religiosa contém e explica a multiplicidade de lugares sagrados, nas mais diversas religiões do planeta. Em outras palavras, o turismo religioso é um turismo motivado por celebração e a festa religiosa, por sua vez é um exercício mítico de volta e projeção do mundo ideal, e a matriz para a compreensão das motivações culturais e espirituais que alimenta o turismo religioso nos mais diferentes sistemas e crenças (OLIVEIRA, 2004, p. 16).

No pensar dos moradores, as atividades religiosas em destaque são:

Quadro 16 – Quadro síntese sobre explanação dos moradores acerca da tipologia das atividades religiosas referentes ao Santuário de Azambuja

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
M1. Atividade de ministra da comunhão com um grupo de 25 pessoas envolvidas nas visitas aos doentes.	M1. Ministrar a comunhão Visita aos doentes
M3. Atividade na pastoral litúrgica na preparação da santa missa e quando existe uma celebração mais especial.	M3. Pastoral litúrgica Celebração mais especial Santa missa
M4. Atividade no coral do santuário e voluntariado no asilo. A reza do terço num grupo de 18 ou 20 mulheres.	M4. Canto no coral Reza do terço Voluntariado no asilo
M5. Atividades como a catequese e subir o morro do rosário.	M5. Catequese Subir o morro do rosário.

.*Fonte: Autora, 2006.*

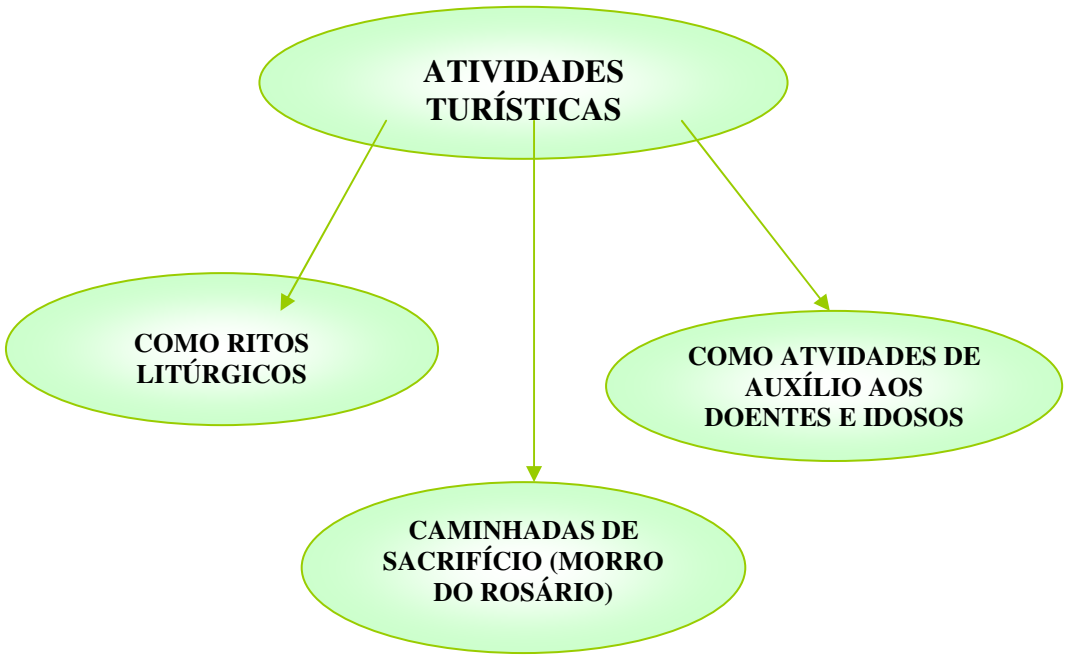
Quadro 17 – Discursos dos moradores acerca das atividades religiosas no santuário de Azambuja.

DSC MORADORES - ATIVIDADES RELIGIOSAS
DSC – As atividades religiosas são voluntárias e se referem a: ministrar a comunhão, visitar doentes, ida ao asilo, auxílio na Santa Missa e celebrações especiais, canto no coral, reza do terço, catequese e subir o morro do rosário.

Fonte: Autora, 2006.

As idéias sínteses que permeiam este discurso são:

Figura 19 - Atividades religiosas segundo os moradores.



No DSC e nas idéias sínteses os moradores têm uma especial dedicação à celebração das missas, sejam elas em datas comemorativas ou diárias, dominicais. Prestam serviços voluntários, diretamente relacionados e inseridos em alguma pastoral ou grupo litúrgico do santuário também são vistos com importantes e está diretamente relacionada com a fé cristã que prega o comprometimento do cristão e da igreja com os necessitados.

No que se refere aos sentidos da evolução dos esforços dos diocesanos por atividades turísticas em centros sagrados, o modelo de desenvolvimento turístico dos santuários vem sendo atualizado numa convergência de fatores técnicos que incluem a perspectiva de uma pastoral do turismo organizado por lideranças das Igrejas Cristãs. As estratégias de marketing, promoção, criação da necessidade, atendimento ao consumidor, vão sendo moldadas à competitividade das religiões, que lutam por conservar ou ampliar o espaço no mundo contemporâneo (OLIVEIRA, 2004).

4.4 PERCEPÇÕES DAS ATIVIDADES TURÍSTICAS LOCAIS E SUA RELAÇÃO COM O SANTUÁRIO DE AZAMBUJA.

Neste tópico, procura-se identificar, por intermédio das entrevistas e das falas dos diocesanos e moradores, suas percepção quanto às atividades que os mesmos interpretam ser turísticas locais e sua relação com o santuário em estudo.

Quadro 18 – Síntese das atividades locais e sua relação com o santuário no ponto de vista dos diocesanos.

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
D4. Ocorre o evento da quinta-feira santa, onde acontece a missa da ceia do Senhor; que reúne muita gente e que não foi motivado pelos padres, ocorreu de forma espontânea dos visitantes que são pessoas que passam o ano inteiro sem ir à igreja e só procuram esta data para cumprir suas obrigações. O pessoal vem à pé de Blumenau, Camboriú e Itajaí.	D4. Missa da ceia do Senhor...
D5. No santuário ocorrem algumas programações não só do ponto de vista religioso, mas também na área de atrativos. Ocorreu a missa do centenário do santuário, a reabertura do museu, festas bem pensadas e preparadas em parceria com a Prefeitura e o Governo do Estado através da Santur.	D5. Missa do centenário do santuário celebrada pelo Núncio Apostólico... Reabertura do museu Festas Parceria com a Prefeitura e o Governo do Estado através da Santur...

Fonte: Autora, 2006.

Quadro 19 – Discursos dos diocesanos acerca das atividades turísticas locais no santuário de Azambuja.

DSC DIOCESANOS – ATIVIDADES RELIGIOSAS
DSC – As atividades turísticas ocorrem na quinta-feira santa – a missa da ceia do Senhor. Também tivemos a missa do Centenário do Santuário, a reabertura do museu e as festas preparadas em parceria com a Prefeitura Municipal e a SANTUR.

Fonte: Autora, 2006.

As idéias sínteses que emergem sobre o que consideram como atividades turísticas diretamente relacionadas com o Santuário são:

Figura 20 - Atividades turísticas segundo os diocesanos.

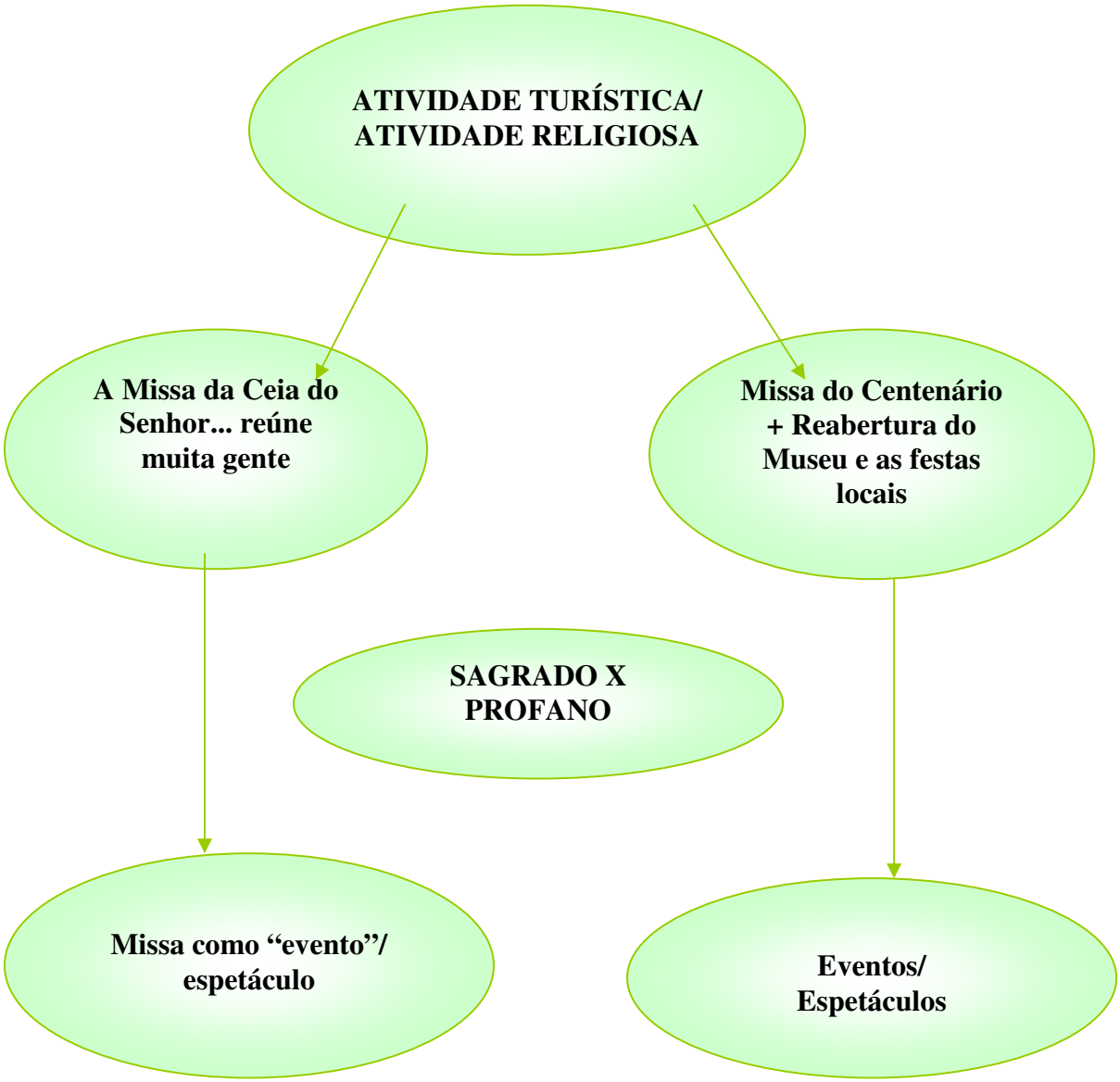
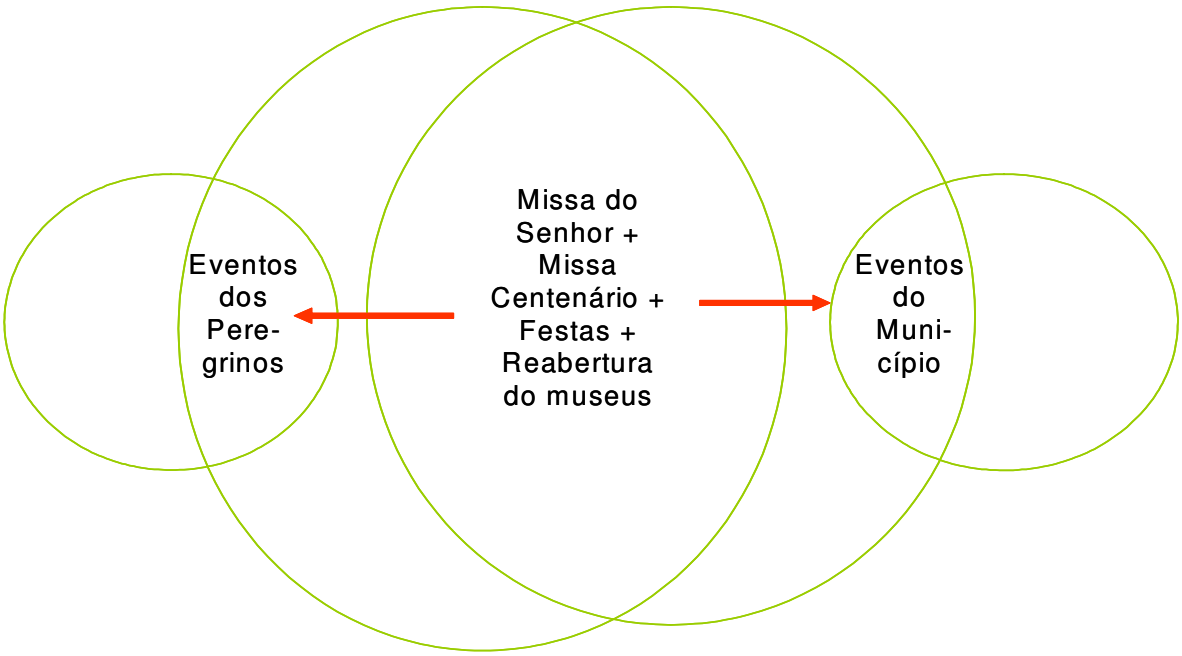


Figura 21 - Atividades religiosas x atividade turística



O DSC traz uma visão bem parecida com o que já foi discutido quanto às atividades religiosas no santuário, mostrando aos poucos algumas atividades de caráter religioso, em função da sua organização e do público que recebe, vem tomando o formato de atividades que extrapolam a condição de "religiosa".

Estas atividades não deixam de ser religiosas, mas se tornam, conforme as falas dos informantes, um evento para atrair pessoas, peregrinas ou não. Ainda assim, são atividades que mantém a função sagrada. A missa do Centenário, por exemplo, teve o propósito de comemorar os 100 anos do Santuário, atrair pessoas que há anos não vinham a uma missa, que como Terrin afirma, continuou sendo um ritual sagrado, mesmo que associado a uma idéia de espetáculo. Ou seja, continuou

> [...] sendo interpretada como um rito permite manter a força sagrada em certo lugar ou de atribuí-la a certas pessoas, sendo várias modalidades. Os ritos de benção e consagração, como a missa, são exemplos de ritos que assumem esta função. Por sua vez, acontecem por meio de certo tipo de contato com forças energéticas: a água santa, o óleo, o sangue. Referem-se tanto a lugares quanto a pessoas que tem a função de continuar a missão sagrada (TERRIN, 2004, p. 42).

Estes ritos podem ser apresentados em ocasiões especiais, como a quinta-feira santa, que antecede a Páscoa e no período do Natal ou ainda em comemoração ao aniversário do local santo. O importante é que estes ritos tenham significado para as pessoas e possam ser importantes para a união de um grupo e a confirmação da fé.

> [...] as missas são os laços que mantém unidas as multidões; se remove esse laço, as multidões caem na confusão; e mais, as missas consistem em colocar a atenção no modo de se considerar a vida e a morte. A vida é o início e a morte é o fim do homem. Quando o fim e o início são considerados bons, o modo de ser da humanidade chegou à sua plenitude (TERRIN, 2004, p. 69).

É possível ver que a missa reafirma e reforça os sentimentos sobre os quais se baseia a ordem social e as ações de voluntariado e de ajuda ao próximo; elas hoje se agregam as culturais, tais como a reabertura do museu que foi restaurado com a ajuda do governo do Estado e também eventos que envolvem o turismo como as festas religiosas promovidas no Santuário em parceria com instituições não religiosas.

Pensando na festa religiosa, considerando mais o lado profano, do que o lado religioso se conseguiu identificar outros eventos ocorridos no santuário de Azambuja, que não são exclusivamente devocionais e motivados pela fé.

Na fala de dois diocesanos, a apresentação da Cavalgada da Fé:

Quadro 20 – Síntese do evento "Cavalgada da Fé" referente ao Santuário de Azambuja.

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
D4. Na cavalgada da fé não existe nada de fé, existe a baderna e não são atividades recomendadas com um grande desrespeito para com a fé. Muita falta de higiene e também o desrespeito com o animal.	D4. Não existe nada de fé... Existe baderna... Grande desrespeito para com a fé... Falta de higiene... Desrespeito com o animal...
D5. Na cavalgada têm muita gente à cavalo e tomando bebidas alcoólicas. Esta mais ligado ao turismo, porém ocorrem atividades religiosas onde as pessoas rezam também com celebração de missa.	D5. Muita gente a cavalo e tomando bebidas alcoólicas... Ta mais ligado ao turismo... Ocorrem atividades religiosas... As pessoas rezam...

Fonte: Autora, 2006.

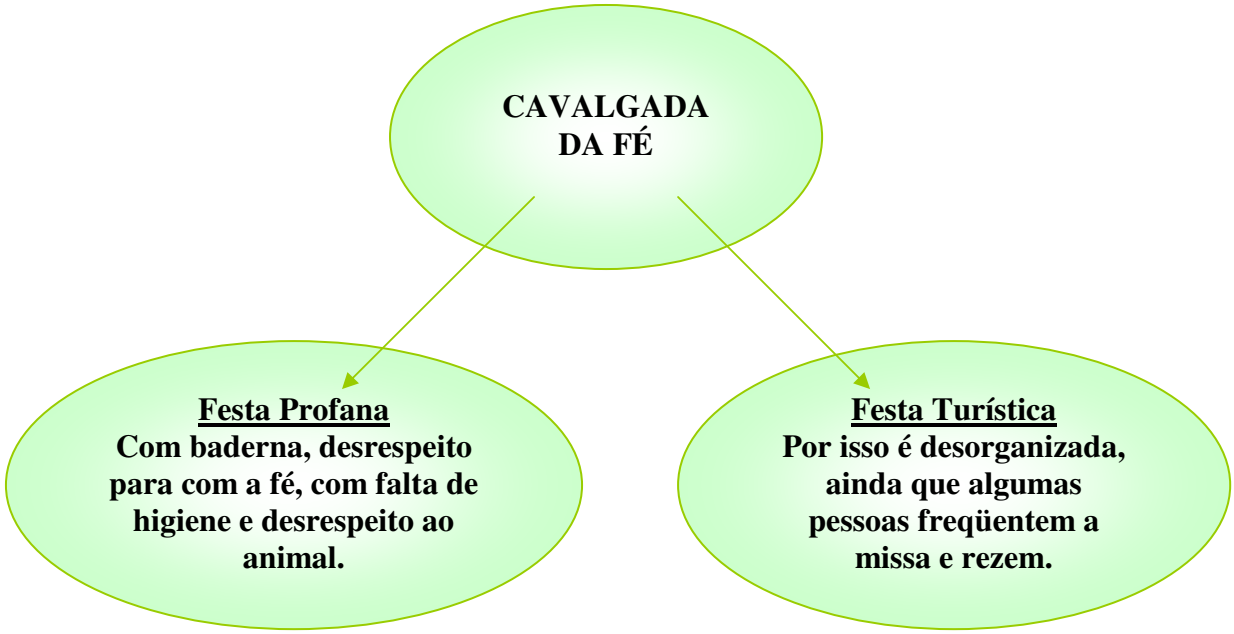
Quadro 21 – Discursos dos diocesanos acerca da Cavalgada da Fé.

DSC DIOCESANOS – CAVALGADA DA FÉ
DSC 1 – Na cavalgada da Fé não existe nada de fé. È um grande desrespeito para com a fé e com o animal e também ocorre uma falta de higiene. Reúne muita gente à cavalo tomando bebidas alcoólicas, porém algumas pessoas rezam também com a celebração da missa, mas está mais ligado ao turismo.

Fonte: Autora, 2006.

As idéias que emergem com a "Cavalgada da Fé" são:

Figura 22 - Idéias sínteses que permeiam o evento "Cavalgado da Fé".



A Cavalgada da Fé é uma festa espetáculo que teve sua organização realizada a partir da iniciativa de moradores. Os diocesanos se mostram descontentes porque ocorreu o que Guimarães (2000) denomina de "reversibilidade" religiosa, quando a paz e a prosperidade econômica, fazem a população de um determinado grupo abandonarem ou associarem eventos, objetos ou entidades sagradas a experiências profanas.

Ainda que os organizadores da "Cavalgada da Fé" tenham pensado originalmente nesta experiência como mais uma manifestação religiosa do Santuário, os ritos sagrados (como a ida a missa) foram suplantados pelos ritos profanos (uso de bebida alcoólica e desrespeito aos animais).

E a quem culpar diante desta "reversibilidade" que parece não agradar nem mesmo aos moradores que ajudaram a organizar este evento? Para os diocesanos a resposta é o turismo. Mas, o que dizem os moradores sobre esta festa?

Os moradores também se mostraram descontentes com o evento, embora destaquem que as pessoas geralmente procuram participar para beber e sem fins religiosos, eles também elogiam.

Quadro 22 – Síntese dos moradores sobre as atividades religiosas no Santuário de Azambuja.

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
M1. A cavalgada da fé não traz benefício nenhum, traz pessoas que bebem e vira bagunça.	M1. Não traz benefício nenhum... Traz pessoas que bebem... Vira bagunça...
M2. O povo gosta muito da cavalgada da fé e tem gente que participa da caminhada e da cavalgada. A pessoa vai, se arrisca e se não consegue, tem gente que ajuda.	M2. O povo gosta muito... A pessoa vai... Se arrisca...
M3. A cavalgada da fé é uma inovação do turismo religioso, é um aspecto interessante onde atrai um número expressivo de pessoas.	M3. É uma inovação do turismo religioso... Atrai um número expressivo de pessoas... É um aspecto interessante...
M4. A cavalgada da fé é um evento muito forte, mas não é uma coisa muito boa. M5. Na cavalgada da fé tem gente que participa com o intuito da fé e é uma tradição mais recente onde a pessoa participa para unir o esporte com a fé.	M4. Forte... Não é uma coisa muito boa... M5. Gente que participa... Intuito de fé... Tradição mais recente... Unir o esporte com a fé...

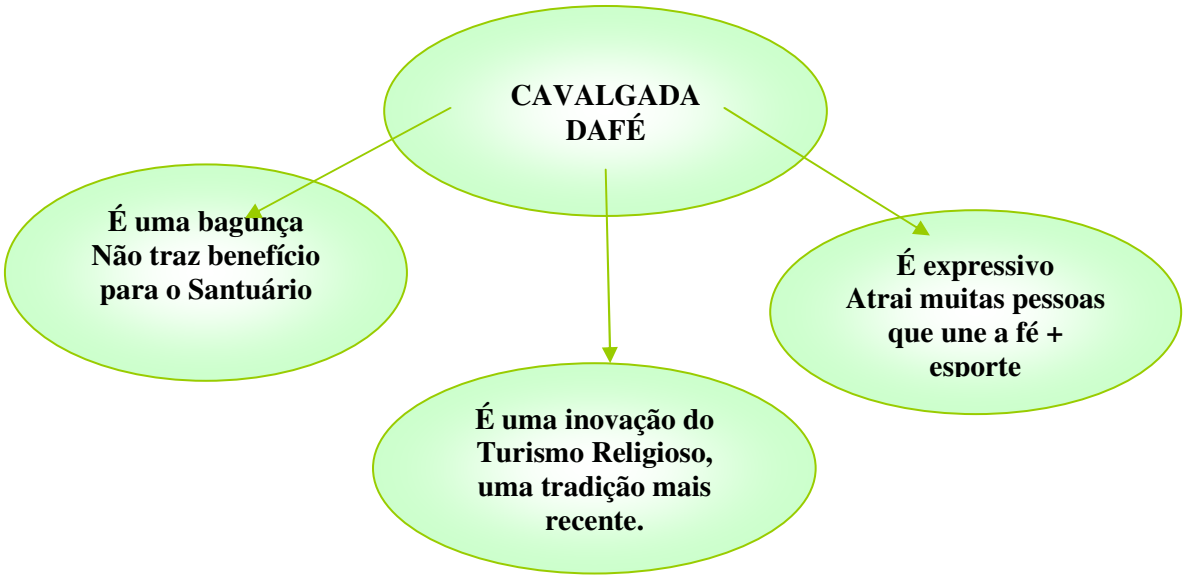
Fonte: Autora, 2006

Quadro 23 – Discursos dos moradores acerca da Cavalgada da Fé.

DSC MORADORES – CAVALGADA DA FÉ
DSC 1 – A Cavalgada da Fé não está trazendo benefício nenhum para o santuário. As pessoas bebem e vira bagunça. Não é uma coisa muito boa, porém é um evento muito forte em número de pessoas.
DSC 2 – O povo gosta muito da Cavalgada da Fé, atrai um número expressivo de pessoas, tem gente que participa com o intuito da fé, de unir o esporte com a fé. A pessoa se arrisca e se não consegue prosseguir tem gente que ajuda. È uma inovação do turismo religioso, uma tradição mais recente.

Fonte: Autora, 2006.

Figura 23 - Idéias sínteses sobre a Cavalgada da Fé



Conseguiu-se identificar dois discursos, sendo o primeiro muito parecido com o discurso dos diocesanos, onde não identificam nenhum benefício para o santuário, ao contrário, identificam prejuízo, pois destacam que os participantes provocam bagunça não respeitando as origens sagradas do Santuário, sua história e significados.

A partir das observações, entrevistas e leituras sobre o Santuário, identificam que o sentido turístico dado a Cavalgada da fé, em Azambuja tem suas origens populares, visto ter sido uma iniciativa de moradores de Brusque que são apreciadores de cavalgadas e do poder público. Este tipo de peregrinação ou romaria, segundo Abumanssur (2003) estão particularmente sujeitos à ação secularizadora do turismo, que tende a tirá-las do controle eclesiástico:

> Primeiramente, aquelas que surgem diretamente associadas a datas religiosas que fazem parte do calendário cristão incorporado à cultura, como Natal e Páscoa. Depois, as que estão relacionadas com os monumentos e fatos históricos e, por último, o que está ligado aos locais ecológicos. Natureza e religião, especialmente no que diz respeito a peregrinações, sempre estiveram associadas (ABUMANSSUR, 2003, p. 36).

O evento "Cavalgada da Fé", enquadra-se na categoria de peregrinação à qual o profano e o sagrado se confundem unificados na questão da natureza e da ecologia. Participam fiéis, devotos de Nossa Senhora e de Santa Paulina e também adeptos de cavalgadas e de apreciação da natureza.

Nas primeiras peregrinações ocorridas no santuário, que apresentavam, segundo os entrevistados, características bastantes devocionais, de penitência e até mesmo de cura, com a devoção por Nossa Senhora de Azambuja, conhecida pelos moradores da região como milagrosa e a Santa dos enfermos.

A nosso ver, os grupos idealizadores perderam de certa forma, o controle da "Cavalgada da Fé". Numa tentativa de resgatar o que se realizava no passado, este novo modelo de peregrinação perdeu seu elo com o sagrado e a religião. No quadro abaixo uma síntese dos diocesanos sobre a peregrinação em Azambuja:

Quadro 24 – Síntese dos diocesanos acerca das primeiras peregrinações e como apresentam suas características atualmente.

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
D1. Há quarenta anos atrás os peregrinos passavam a noite no complexo de Azambuja, pois a viagem era um pouco mais difícil que hoje, com lugares mais longes. Hoje, com a facilidade das vias mudou muito; este fluxo tornou-se mais rápido, mais repetido. E pelo fato da própria igreja que mudou o enfoque e deixou a questão do devocionismo, da penitência.	D1. Quarenta anos atrás... Os peregrinos passavam a noite em Azambuja... Viagem um pouco mais difícil... Lugares mais longes... Hoje a facilidade das vias... Mudou muito... Este fluxo é mais rápido, mais repetido... A própria igreja mudou este enfoque... Deixar a questão do devocionismo...
D2. Tudo começou com os imigrantes que faziam umas peregrinaçõezinhas e rezavam o terço no santuário pequeno.	D2. Os imigrantes... Peregrinaçõezinhas... Rezavam o terço no santuário pequeno...
D3. Azambuja era o maior centro de peregrinação do Estado na década de 30 quando o trajeto era feito de balsa mas o fiéis lotavam tudo e Azambuja se tornava um centro de peregrinação por uma semana. Já na década de 60 a festa de maio fica pequena e a festa de agosto fica grande e na década de 70, Azambuja já não conseguiu assistir todos os peregrinos. Hoje é um lugar de peregrinação permanente, onde vem visitantes da região e devotos moradores de Brusque.	D3. Era o maior centro de peregrinação do Estado... Década de 30... Trajeto feito de balsa... Lotavam tudo... Um centro de peregrinação por uma semana... Década de 60... A festa de maio fica pequena e a festa de agosto fica grande... Década de 70... Não conseguiu mais assistir os peregrinos... Hoje é um lugar de peregrinação permanente... Devotos moradores de Brusque...
D4. Antigamente se organizavam em caravanas por ocasião das festas, mas a história muda e as estradas mudam e já tem bastante diferença do que era no passado. As pessoas vinham na véspera da festa e pernoitavam em Azambuja. Hoje reúne muita gente, mas os devotos, por conta das estradas boas, começam a vir no dia seguinte.	D4. Organizavam em caravanas... História muda, estradas mudam... Pessoas vinham na véspera da festa... Pernoitavam em Azambuja... Reúne muita gente... Começam a vir no dia seguinte...
D5. As pessoas se deslocam de distâncias bastante consideráveis para Azambuja. Antigamente vinham pelo motivo religioso e também ocorreram peregrinações marcadas na busca da cura de doenças e enfermidades, somente mais tarde é que foi entrando a festa com as peregrinações mais expressivas.	D5. Se deslocam de distancias bastante consideráveis... Vinham pelo motivo religioso... Peregrinações marcadas na busca da cura... Mais tarde foi entrando a festa... Peregrinações mais expressivas...
D6. Azambuja tornou-se um centro de atração, sobretudo para os italianos. Hoje as peregrinações são tradicionais, com sentimento de piedade, de Louvor à Deus sobretudo ao que se refere à Nossa Senhora.	D6. Centro de atração... Para os italianos... Hoje as peregrinações são tradicionais... Sentimento de piedade... Louvor à Deus... Ao que se refere à Nossa Senhora...

Fonte: Autora, 2006.

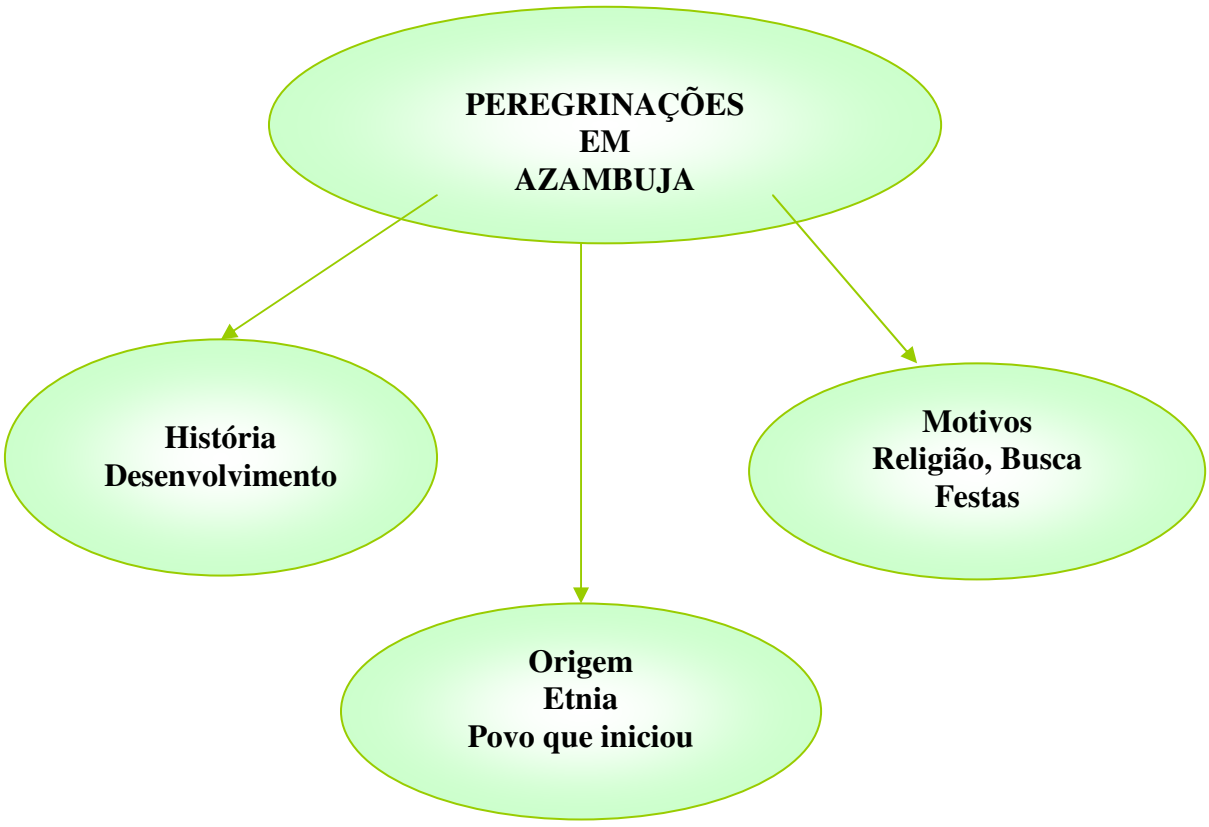
Quadro 25 - Discursos dos diocesanos acerca das primeiras peregrinações no santuário de Azambuja.

DSC DIOCESANOS – PRIMEIRAS PEREGRINAÇÕES
DSC 1 – Na década de 30 Azambuja era o maior centro de peregrinação do Estado onde as pessoas organizavam caravanas, se deslocavam de distâncias bastante consideráveis e pernoitavam em Azambuja. O trajeto era feito de balsa, mas as pessoas lotavam todo o complexo e Azambuja se tornava um centro de peregrinação durante uma semana. Na década de 60 a festa de maio foi ficando menor e a de agosto maior e por conta desta movimentação, na década de 70, Azambuja já não consegue mais assistir os peregrinos, que com as facilidades das vias de acesso mudou muito. O fluxo é mais rápido e mais repetido, se tornando um centro de peregrinação permanente.
DSC 2 – Começou com os imigrantes italianos que faziam as peregrinaçõezinhas para rezar o terço no santuário pequeno. Hoje é um centro de atração, especialmente para os italianos com peregrinações tradicionais produzindo um sentimento de piedade, de louvor à Deus, principalmente ao que se refere à Nossa Senhora.
DSC 3 – Inicialmente se deslocavam de distancias bastante consideráveis e vinham por motivos religiosos, logo após, com a implantação do Hospital de Azambuja, as pessoas começaram a realizar peregrinações marcadas na busca da cura. Mais tarde é que foi entrando a festa apresentando peregrinações mais expressivas.

Fonte: Autora, 2006.

Considerando estes discursos, a peregrinação para os diocesanos é relatada conforme:

Figura 24 - Idéias sínteses do "sentido" da peregrinação para os diocesanos.



Avaliando o caráter da peregrinação para estes informantes e o que a literatura discorre sobre peregrinação, o que realmente ocorre em Azambuja?

Em termos etimológicos, peregrinação remonta ao vocábulo latino *peregrinus*, que designa "o estrangeiro, aquele que vive alhures e que não pertence à sociedade autóctone estabelecida, ou seja, é aquele que, pela força do prefixo, percorreu um espaço e, neste espaço, encontra o outro" (DUPRONT apud ABUMANSSUR, 2003, p. 30). Ou seja, o termo se refere ao "outro", o estrangeiro, que percorre caminhos por terras, um herói. E como se pode observar por um lado a peregrinação se exprime na história como um exercício de encontro com o outro, o estrangeiro, por outro, aponta para uma busca mística de si, como uma jornada de santificação que encontra seu ponto de chegada no reconhecimento de uma divindade que se manifesta no interior de cada devoto(ELÍADE, 1968).

Neste sentido o ato de peregrinar tende a ser, antes de tudo, "um ritual das origens nômades dos grupos humanos. Peregrina-se em busca de algo significativo; em busca da vida que supera a simples sobrevivência" (OLIVEIRA, 2004, p. 14). Mas, e quando o outro é o que mora no município vizinho, ou está apenas no bairro ao lado do Santuário? Também é ele um peregrino?

Conforme destacado nos DSC 1, 2 e 3, o santuário é a alma da peregrinação em Brusque, um local que passou por transformações e hoje é um pólo de atração, de peregrinação local, regional. Ou seja, o outro mora em Nova Trento, São João Batista, Blumenau e outras localidades próximas. A peregrinação, portanto, como uma passagem, um percurso, ou uma iniciação organizada pela Igreja Católica de Brusque e até mesmo pelos órgãos públicos do município e do Estado, dão uma nova concepção a idéia de peregrinação diferente do que Terrin, define como peregrinação:

> a peregrinação é também uma forma de criar experiência de convergências, de condensação de significados, e no seu âmago tem também uma forte caracterização "iconófila": ama as imagens do divino, ou, antes, constrói imagens do divino, mesmo que depois as reconheça como simulacros no caminho para a realização suprema (TERRIN, 2004, p. 374).

Entretanto, apesar do que existe em Brusque, que hoje está se modificando mais uma vez, se for considerado os tempos atuais e a evolução das peregrinações em centros sagrados, pode-se dizer que:

> [...] um santuário não deixa de ser sagrado porque e tornou turístico, nem deixa de incluir uma série de elementos profanos que estão longe de qualquer vinculação turística direta (comércio, poder, serviços). A medida para a distinção e compreensão do turismo religioso começa no estudo das motivações dos viajantes, embora não encerre a possibilidade da viagem e da

> própria destinação enriquecer essa mesma medida (OLIVEIRA apud TRIGO, 2005, p. 326).

Desvinculados das tradições religiosas em que se situam essas práticas, os novos peregrinos como os que procuram Brusque, apontam para uma tendência que é a crescente autonomia da experiência pelo sagrado em relação à mediação das instituições religiosas tradicionais. É justamente porque a religião se tornou uma experiência mística interior, que os seus mediadores já não necessitam de uma investidura sagrada institucional tradicional adquirida no âmbito de uma comunidade com crenças e valores partilhados (ABUMANSSUR, 2003).

Sobre esta questão dos movimentos de turistas no Santuário, os diocesanos destacam:

Quadro 26 – Síntese dos diocesanos acerca do movimento de turistas e visitantes durante os eventos religiosos no Santuário de Azambuja.

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
D1. O santuário tem seu movimento normal semanal e diário. Tem aquele grupo de pessoas que vem nos domingos e um grande movimento de ônibus nas festas. O santuário também recebe o peregrino que passa por Nova Trento. Então há um movimento ininterrupto e interessante. D2. É a devoção que todo o brasileiro tem por Nossa Senhora.	D1. Movimento normal semanal e diário... Grupo de pessoas que vêm nos domingos... Movimento grande de ônibus nas festas... Peregrino que passa por Nova Trento... Movimento ininterrupto e interessante... D2. Devoção por Nossa Senhora...
D3. A primeira fase é a do peregrino que vinha de todo o Estado. Depois com a facilidade das comunicações da BR-101 as pessoas começam a vir num dia e voltar no mesmo. Em 1996, deu 65.000 pessoas, hoje dá a mesma coisa, só que se movimentam pelo complexo durante o ano todo. O peregrino quer ter calma, por isso as festas de igreja estão em extinção. O peregrino hoje é aquele que vai de carro, de ônibus e procuram mais introspecção. D4. os eventos em Azambuja são movidos pela fé, pela devoção. As pessoas vão à Azambuja para rezar. É uma festa diferente daquelas que nós conhecemos, como a Fenarreco ou a Ocktoberfest.	D3. Três fases: Primeira (1960-1965): fase do peregrino; Segunda (1969): facilidade das comunicações da BR-101; Terceira (atualmente): se movimentam pelo complexo durante todo o ano. Festas de igreja em extinção... Peregrino vai de carro, ônibus... Introspecção... D4. Movidos pela fé... Pela devoção... Vão à Azambuja para rezar... É uma festa diferente...
D5. Azambuja recebe peregrinações e turistas durante o ano todo, mas é nas festas religiosas que este número aumenta. É o primeiro e mais antigo santuário diocesano de Santa Catarina. Nas festas há um fluxo maior até porque a infra-estrutura local se adapta para receber o peregrino e há uma programação bastante atraente não só da parte religiosa mas também na área de atrativos.	D5. Peregrinações e turistas durante o ano todo... Nas festas religiosas este número aumenta... Primeiro e mais antigo santuário diocesano de Santa Catarina... Fluxo maior... Infra-estrutura local se adapta para receber o peregrino... Programação atraente não só religiosa, mas também na área de atrativos...
D6. A gruta é o lugar mais visitado no dia-a-dia. As pessoas, moradores e turistas procuram um lugar de espiritualidade, de encontro com Deus e nos dias de festa, de encontro com Nossa Senhora. As festas são dias sagrados para certas pessoas que procuram louvar à Deus e se engajar no grande grupo de peregrinos que nestes dias procuram o santuário.	D6. Gruta mais visitada no dia-a-dia... Lugar de espiritualidade... Encontro com Deus... Encontro com Nossa Senhora nas festas... Dias sagrados para certas pessoas... Obrigação de visitar o santuário... Louvar à Deus... Se engajar no grande grupo de peregrinos que nestes dias procuram o santuário.

Fonte: Autora, 2006.

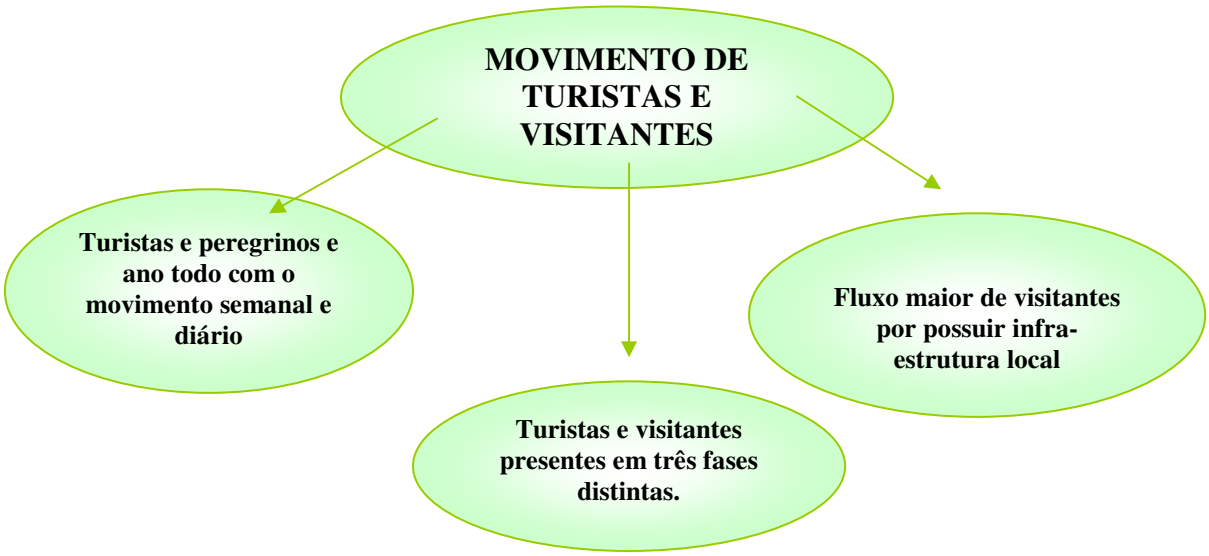
Quadro 27 – Discursos dos diocesanos acerca do movimento de turistas e visitantes no santuário.

DSC DIOCESANOS – MOVIMENTO DE TURISTAS E VISITANTES
DSC 1 – Ocorrem peregrinações e turistas o ano todo com o movimento semanal e diário. Há também um movimento grande de ônibus nas festas, onde este número de pessoas aumenta e visitantes que vêm de Nova Trento para Brusque. Procuram o santuário movidos pela fé e pela devoção, para o encontro com Deus e com Nossa Senhora nas festas, dias sagrados e por obrigação de visitar e se engajar no grande grupo de peregrinos que nestes dias procuram o santuário.
DSC 2 – Azambuja é o primeiro e mais antigo santuário diocesano de Santa Catarina, possui um fluxo maior de visitantes por possuir uma infra-estrutura local que se adapta para receber o peregrino. Apresenta uma programação atraente não só religiosa, mas também na área de atrativos. É um lugar de espiritualidade.
DSC 3 – O movimento de turistas e visitantes pode ser marcado por três fases distintas: a primeira fase é a do peregrino e se estende por 5 (cinco) anos (1960-1965). A segunda fase, em 1969 é a facilidade das comunicações e deslocamentos com a BR-101 e a terceira fase é atualmente onde o peregrino movimenta-se pelo complexo durante o ano todo se deslocando de carro ou de ônibus. E uma extinção da realização da missa, pois o peregrino procura os lugares santos com o objetivo da introspecção.

Fonte: Autora, 2006.

As idéias sínteses dos diocesanos que emergem com o movimento de turistas e visitantes são:

Figura 25 - Idéias sínteses dos diocesanos quanto ao movimento de turistas e visitantes em Azambuja



Segundo Oliveira (2004, apud TRIGO, 2005; p. 329), existem dois requisitos básicos necessários para mobilizar, anualmente, milhões de peregrinos em centros de visitação cristãos:

> (1) o acolhimento de diferentes veículos de fé (não padronizados nem previstos pelo clero) tornando a religiosidade popular mais importante que os cânones da religião; (2) a oferta de atrativos culturais dentro de um referencial urbano, como se a materialidade dos lugares precisasse de um atributo turístico para ser bem qualificada.

A leitura do turismo por esta ótica nos revela um fenômeno social mais complexo e substancial que os tradicionais enquadramentos parcelares. O homem religioso é, portanto aquele que "é constantemente levado para dentro de si à procura de um pólo que seja o verdadeiro referente em torno de qual dever dispor-se ordenadamente toda a realidade. É o homem que tem sede de um centro, como tem necessidade de uma casa" (TERRIN, 2004, p. 372).

A experiência religiosa é uma experiência de organização da realidade com base em um centro. Também aqui a experiência interior é o reflexo, é a interface daquela exterior numa unidade às vezes inconfessada, inconsciente, mas profunda e real. A experiência religiosa organiza o real, uma vez que confere sentido, batiza toda a realidade, dando significado a tudo o que existe (TERRIN, 2004).

A seguir, apresenta-se as falas dos moradores no que se refere às considerações sobre o "**movimento de turistas e visitantes"** durante os eventos religiosos no Santuário de Azambuja.

Quadro 28 – Síntese dos moradores acerca do movimento de turistas e visitantes durante os eventos religiosos ocorridos no Santuário de Azambuja.

IDEÍA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
M1. Os turistas fazem bem para nós porque nós precisamos deles. É um aprendizado, uma lição para nós. Uma coisa boa que a gente tira do pessoal que vem de fora.	M1. Turistas fazem bem para nós... Nós precisamos deles... É um aprendizado, uma lição... Coisa boa que a gente tira do pessoal que vem de fora...
M2. A gente fica muito feliz quando vem os peregrinos e turistas porque a Mãe é de todos nós. A presença deles não chega interferir na fé.	M2. Fica muito feliz quando vêm os peregrinos e turistas... Não chega a interferir na fé...
M3. A quantidade supera o número tradicional e todos os domingos têm esta peregrinação. Nas festas vêm pessoas que geralmente nunca conheceram o santuário e eles vêm em massa. Durante o ano todo tem esta situação de pessoas e um grande número de peregrinações. Quanto aos turistas, são pessoas que vêm sem estar ligadas as peregrinações e eu acho que elas não interferem na parte religiosa, mas sim na parte comercial.	M3. A quantidade supera o número tradicional... Todos os domingos têm esta peregrinação... Nas festas vêm pessoas que geralmente nunca conheceram o santuário... Eles vêm em massa... Número grande de peregrinações... Os turistas são pessoas que vêm sem estar ligadas as peregrinações... Não interferem na parte religiosa, mas sim na parte comercial...
M4. Aqueles que vêm para pagar promessa, para rezar. Sempre a igreja esta cheia e o santuário lotado. São de Florianópolis, Itajaí, de Blumenau. Eu acho que ta tranqüilo eles virem para cá. Acho que tem harmonia entre os que vêm para visitar e conhecer e os que vêm para rezar.	M4. Vem para pagar promessa... Para rezar... Sempre a igreja esta cheia, o santuário lotado... São de Florianópolis, Itajaí, de Blumenau... Tem harmonia...
M5. Festa de Nossa Senhora de Azambuja e todo o pessoal já começava à passar desde de cedo. Eu acho que era peregrinação mesmo.	M5. Todo o pessoal já começava à passar desde de cedo... Era a peregrinação mesmo... Não existe mais esta tradição do pessoal fazer esta busca como era antigamente... Deixou de se sacrificar... Número de pessoas era maior... Um pouco disso se perdeu no tempo... Turistas não atrapalham os fiéis...

Fonte: Autora, 2006.

Quadro 29 - Discursos dos moradores acerca do movimento dos turistas e visitantes no santuário

DSC MORADORES – MOVIMENTO DE TURISTAS E VISITANTES
DSC 1 – Os turistas fazem bem para nós que precisamos deles. É uma coisa boa que a gente tira do pessoal que vem de fora, é um aprendizado, uma lição. Eles vêm para pagar promessas e para rezar e lotam a igreja. São de Florianópolis, Itajaí e Blumenau e não chegam a interferir na fé.
DSC 2 – A quantidade de turistas e visitantes supera o número tradicional, eles vêm em massa nas festas apresentando um número grande de peregrinações e também os turistas que são pessoas que não estão ligadas nas peregrinações, mas não interferem na parte religiosa, somente na parte comercial. Tem harmonia entre os peregrinos e os turistas.
DSC 3 – No início era a peregrinação mesmo onde todo o pessoal começava a passar desde cedo. Hoje em dia não existe mais esta tradição do pessoal fazer esta busca como era antigamente que o número de pessoas era maior. Um pouco desta tradição se perdeu no tempo, mas os turistas não atrapalham os fiéis.

Fonte: Autora, 2006.

As idéias sínteses dos moradores que emergem com o movimento de turistas e visitantes são:

Figura 26 - Idéias sínteses dos moradores quanto ao movimento de turistas e visitantes em Azambuja.

Como se pode observar nestes discursos encontrados, os moradores possuem a mesma visualização que os diocesanos quanto ao movimento de turistas. O que é identificado de modificação entre as primeiras peregrinações e o movimento dos turistas é que, atualmente, por conta das facilidades das vias de acesso ao santuário, os mesmo, se deslocam no mesmo dia da festa, deixando de pernoitarem no local.

Se faz necessário, ainda, a discussão e interpretação das falas dos diocesanos quanto à identificação entre turistas ou peregrinos.

Quadro 30 – Síntese dos diocesanos acerca da identificação sobre turista e peregrino no Santuário de Azambuja.

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
D1. Tem o peregrino que vem por devoção e fé e tem os turistas que vem no verão, até a praia e vem até Brusque por causa dos tecidos. Na quinta-feira santa à noite, muita gente vem das redondezas a pé e caminham em devoção pela Santa.	D1. Peregrino que vem por devoção, por fé... Turistas que vêm no verão... Até a praia... Vem até Brusque por causa dos tecidos... Muita gente que vem das redondezas a pé... Caminham em devoção pela Santa...
D2. São os dois. Vem os turistas só para fotografar e os outros que vêm para rezar. A maioria nas festas é peregrino. Vem mesmo para cumprir promessas e para rezar. Os peregrinos lotam sempre o santuário. Os turistas não vêm para a festa, mas vem mais para rezar.	D2. Os dois... Turistas que vieram só para fotografar... Outros que vêm para rezar... Nas festas é peregrino... Vem para cumprir promessas... Os peregrinos lotam sempre o santuário... Não vêm para a festa, vêm mais para rezar...
D3. Azambuja é um conjunto inseparável: o hospital, asilo e seminário e santuário. Hoje ele vai como devoto; peregrino é difícil dizer por que o peregrino exige um certo sacrifício. Não há uma peregrinação no sentido penitencial.	D3. Azambuja é um conjunto inseparável: o hospital, asilo e seminário e santuário... Hoje ele vai como devoto... Peregrino é difícil dizer... Peregrino exige um certo sacrifício... Não há uma peregrinação no sentido penitencial...
D4. Acho as duas coisas. Os peregrinos em maior número e os turistas em menor. Então as duas coisas começam à se confundir. Temos que cuidar para não explorar a fé popular.	D4. As duas coisas... Os peregrinos em maior número... Os turistas em menor... As duas coisas começam à se confundir... Cuidar para não explorar a fé popular... Explorar a fé...
D6. em questão de número, mais os peregrinos, só com turistas, pouquíssimos.	D6. Mais os peregrinos... Só como turistas, pouquíssimos...

Fonte: Autora, 2006.

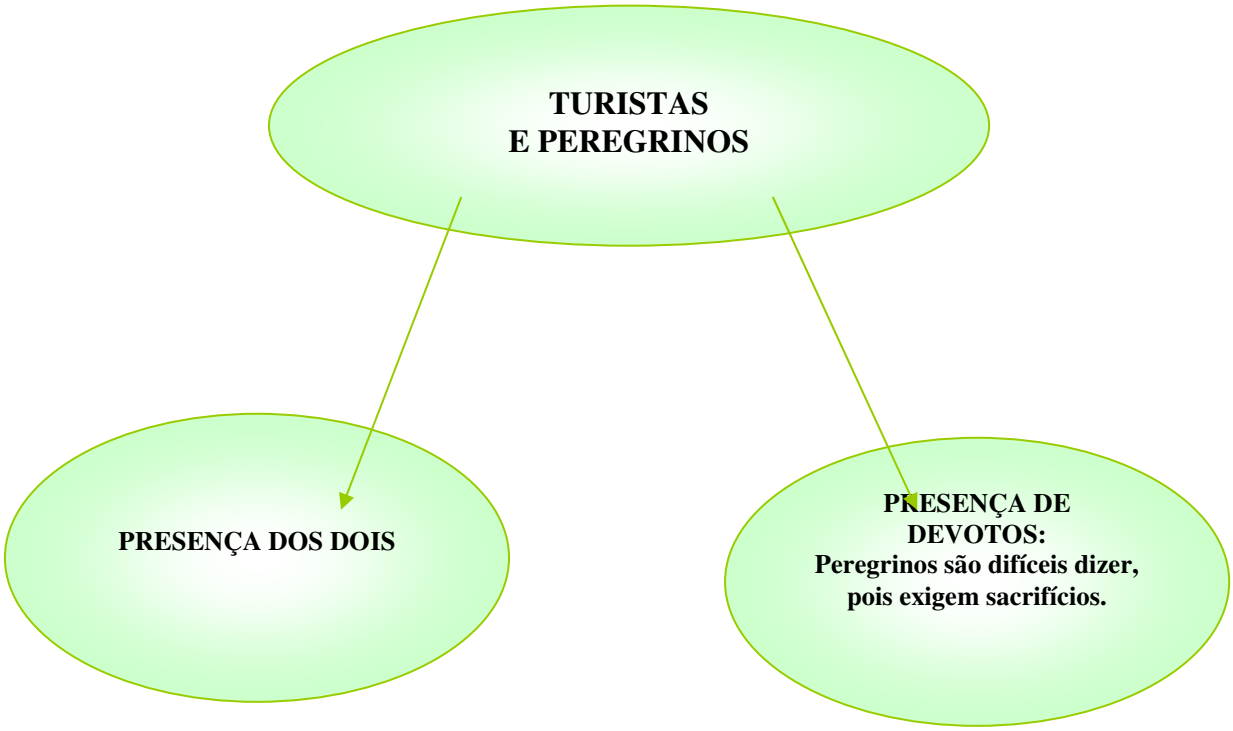
Quadro 31 – Discursos dos diocesanos acerca da identificação entre turistas ou peregrinos no santuário.

DSC DIOCESANOS – IDENTIFICAÇÃO DE TURISTAS OU PEREGRINOS
DSC 1 – Em Azambuja ocorre a presença dos dois. Os peregrinos que vêm por devoção, por fé, para rezar, para participar das festas, vêm para cumprir promessas são os que aparecem em maior número e que lotam sempre o santuário. Os turistas, que aparecem em menor número, que vêm no verão e procuram Brusque para comprarem tecidos e que aparecem para fotografar o complexo.
DSC 2 – Azambuja é um conjunto inseparável entre hospital, asilo, seminário e santuário o que permite dizer que as pessoas que buscam o complexo são devotas, pois peregrinos é difícil dizer. O peregrino exige certo sacrifício nas atividades exercidas. Em Azambuja, hoje, não há uma peregrinação no sentido penitencial.

Fonte: Autora, 2006.

As idéias sínteses dos diocesanos que emergem com a identificação entre turistas e visitantes são:

Figura 27 - Idéias sínteses dos diocesanos quanto à identificação entre turistas e peregrinos em Azambuja



É nítida a percepção dos diocesanos quanto à presença dos turistas e peregrinos. Fazem esta distinção quanto à motivação da visitação ao local santo. Relacionando o turista àquele visitante que procura o local para tirar fotos e conhecer a arquitetura, agradecer e orar. E ao peregrino, àquele que procura o local santo para pagar promessas de forma penitencial.

Não se pode esquecer também daquele morador local que participa das atividades do santuário efetivamente e que Oliveira (2005) coloca que,

> Muito se fala nas divisas, empregos e novidades que o turismo traz por intermédio do consumo do turista no local. Nunca, entretanto, observa-se que o residente desse mesmo local pode e deve ser promovido a turista nos diversos lugares de destino. É exatamente essa mão-dupla nos fluxos entre os lugares que torna o turismo uma indústria contemporânea tão badalada, por isso o turismo religioso, em suas práticas peregrinas, tem exercido uma valorização dos fluxos emissivos (OLIVEIRA apud TRIGO, 2005, p. 325).

Já, o segundo DSC, mostra a questão do conjunto (complexo) religioso, do qual

> Todo espaço sagrado e, por conseguinte, todos os demais espaços profanos são campos de comunicação entre os seres humanos e suas divindades. Aliás, é fundamental relembrar que o termo profano poderia ser tranquilamente traduzido em para comunicar, isto é, condição ou lugar que prepara o homem para se comunicar com a divindade e vice-versa (OLIVEIRA apud TRIGO, 2005, p. 336).

Assim, o santuário, como visitação religiosa, torna-se um segmento fundamental para o planejamento sustentado das localidades e dos bens patrimoniais. (OLIVEIRA, 2004)

O turismo religioso, portanto, apresenta-se com características que coincidem com o turismo cultural, devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região. (DIAS, 2003).

Será apresentado, então, a percepção dos moradores no que se refere as considerações sobre a "**identificação entre turista e peregrino"** no Santuário de Azambuja.

Quadro 32 – Síntese dos moradores acerca da identificação sobre turista e peregrino no Santuário de Azambuja.

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES-CHAVES
M1. Peregrinos e turistas também, mas os dois se respeitam.	M1. Os dois... Os dois se respeitam...
M2. Depende a intenção da pessoa que vem. A meu ver o número de pessoas parece que diminuiu, mas, é como eu já disse, acho que o espaço é que se expandiu e aí dá a impressão que é menos pessoas.	M2. Depende a intenção da pessoa que vem... O número de pessoas parece que diminuiu... O espaço é que se expandiu...
M3. As festas que acontecem em Azambuja têm muito ainda da parte religiosa, mas ocorre o movimento dos dois. Mas a parte religiosa de Azambuja tem sido muito procurada, até a devoção à Nossa Senhora, ela se torna cada vez mais forte.	M3. Festas têm muito ainda da parte religiosa... A parte religiosa de Azambuja tem sido muito procurada...
M4. Eu acho que muitos vão à Madre Paulina e depois vêm para cá. Em relação às festas, perdeu muito as características e acaba perdendo o objetivo principal que é o da oração e acaba se tornando mais esta parte comercial.	M4. Muitos vão à Madre Paulina, depois vem pra cá... Às festas, perdeu muito as características... Objetivo principal que é o da oração... Se tornando mais esta parte comercial...
M5. Hoje eu considero turistas, antigamente eu considerava peregrino. Mas eu acho que o próprio povo mudou em relação à freqüentar as festas, a população mudou as tradições. As pessoas iam lá com o objetivo, mais religioso, mais familiar.	M5. Hoje, turistas... Antigamente, peregrinos... Povo mudou em relação à freqüentar as festas... A população mudou as tradições... Objetivo mais religioso, mais familiar...

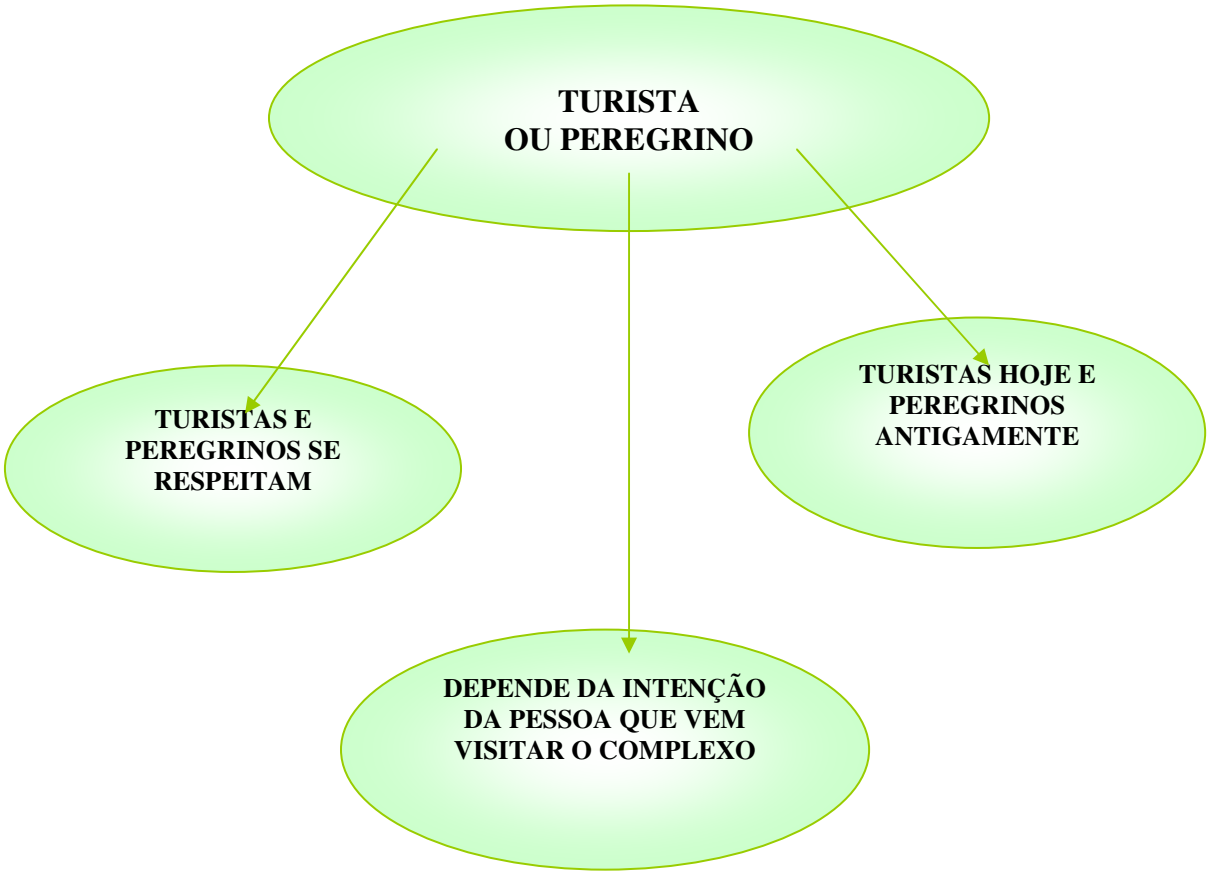
Fonte: Autora, 2006.

Quadro 33 – Síntese dos moradores acerca da identificação sobre turista e peregrino no Santuário de Azambuja.

DSC MORADORES – IDENTIFICAÇÃO ENTRE TURISTA OU PEREGRINO
DSC 1 – Os dois. Porém os turistas e os peregrinos se respeitam.
DSC 2 – Hoje turistas, antigamente eram peregrinos. O povo mudou em relação à freqüentar as festas, a população mudou as tradições e as festas perderam muito das características, antes era o objetivo mais religioso, mais familiar. O objetivo principal era o da oração e hoje se torna mais esta parte comercial.
DSC 3 – Depende da intenção em que a pessoa vem. A parte religiosa de Azambuja tem sido muito procurada e as festas tem muito ainda da parte religiosa. O número de pessoas parece que diminuiu, mas é o espaço físico é que se expandiu.

Fonte: Autora, 2006.

Figura 29 - Idéias sínteses dos moradores quanto à identificação entre turistas e peregrinos em Azambuja



Identifica-se, por intermédio dos três discursos encontrados dos moradores quanto à identificação de turistas e visitantes no santuário em estudo. Os mesmos interpretam a motivação o fator relevante e que atualmente são os turistas em maior número. Oliveira (2004) destaca que "um religioso pode e deve fazer turismo simplesmente porque, como ser humano, tem direito a bens e serviços da sociedade moderna; um viajante motivado pela fé não precisa, necessariamente, abrir mão de outras motivações nem deixar de satisfazer outras necessidades". (OLIVEIRA, 2004, p. 12)

Mas a peregrinação não se torna turismo religioso apenas pela ação ou tratamento dado a ela pelos agentes e gestores do turismo ou da administração pública. O próprio peregrino moderno comporta-se como um turista à medida que a religião mesma se torna um objeto de consumo. Desde a Idade Média, as peregrinações eram, a um só tempo, atos penitenciais e, também, as oportunidades de viagem e diversão para aqueles que possuíam

dinheiro necessário para a jornada, quase sempre realizada na companhia de amigos, mas ainda assim o aspecto penitencial era o motivador da viagem. Na modernidade, a peregrinação realizada nos períodos de férias é, ao mesmo tempo, o usufruto desses períodos. A religião torna-se, dessa maneira, mais um elemento que compõe o pacote de férias (ABUMANSSUR, 2003).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos identificar, por intermédio da conclusão deste estudo, que o turismo religioso tem sido um dos segmentos mais procurados e desenvolvidos no mundo. Pode-se apontar uma série de alternativas para esta procura, tais como o aumento das crenças religiosas, os graves problemas sociais, o medo da morte e das doenças, a procura por paz interior, graças econômicas, familiares, etc.

Existe em toda religião um núcleo de verdades incontestáveis pela fé, existe um momento de inserção no real e no social através de um conjunto de crenças que dá a uma determinada religião uma face e uma fisionomia próprias. Esse conjunto de crenças, porém, não surge do nada, mas é fruto de uma tradição que se formou e solidificou em torno de um foco central que pode ser a revelação de Deus, a experiência profunda de videntes, em evento miraculoso, uma história ou um mito revelado pelos próprios deuses.

Conseguimos identificar que as motivações para as peregrinações de um modo geral é um importante instrumento para que pessoas e grupos geograficamente dispersos estabeleçam entre si laços identitários que transcendem as questões e preocupações locais. Embora se apresentem como uma prática social que se processam em lugares específicos, as peregrinações têm contemplado e incorporado atividades translocais como o comércio e o turismo. E é essa tendência ao universal que torna a peregrinação um ritual único e distinto de outros rituais religiosos que têm a comunidade como referência.

No estudo realizado pode-se perceber nos materiais analisados, que as buscas por caminhos de fé ou sagrados, estão associados a identidades étnicas locais ou a culturas territorialmente delimitadas. Desse modo, dizer que as viagens de caráter religioso podem se transformar em uma experiência, que embora ultrapassem as fronteiras locais da sociedade, têm suas crenças e visões enraizadas na religiosidade local em aspectos universais da fé e das culturas, o que efetivamente caracteriza a peregrinação.

Com relação ao município de Brusque e a manifestação religiosa estudada, percebe-se que o que se realiza lá como rito religioso se situa como uma peregrinação local/ regional. Por ser local, as transformações sócio-culturais tais como a preservação dos usos e costumes religiosos já é de conhecimento de seus visitantes. Isto significa que o incentivo aos peregrinos para que conheçam as tradições musicais, os eventos artísticos e a gastronomia

típica germânica, como também as festas típicas alemãs e italianas, principalmente a Fenarreco e as de cunho religioso como a Cavalgada da Fé, Nossa Senhora de Azambuja, Nossa Senhora do Caravaggio, Festa de São Luiz Gonzaga entre outras não é necessário. Embora haja claramente a possibilidade de que os ritos de Azambuja se tornem cada vez mais ritos associados a demanda turística local, esta atividade ainda assim será bastante limitada em termos comerciais.

Quando se observa a paisagem urbana local, nota-se que a valorização da herança cultural presente desde o centro do município até as localidades mais distantes se presta a admiração de dois personagens: o morador e o visitante. É para os dois que o poder local se preocupa com a arquitetura típica enxaimel; com a conservação, revitalização e preservação das edificações históricas; com alguns cuidados com relação às novas construções (que, apesar de modernas apresentam aspectos da herança cultural germânica nos traços e formas das construções) de entidades e instituições públicas como a Prefeitura Municipal, o Fórum e o mais novo complexo poli-esportivo: Ginásio Municipal Athur Schloesser, todos construídos em estilo enxaimel homenageando os colonizadores da região.

Se realmente ocorrer o envolvimento dos moradores tradicionais com o turismo este será voltado para a venda de serviços e produtos religiosos. Assim, a atividade irá proporcionar uma troca positiva de culturas e experiências do povo local com visitantes da própria região sul, provenientes de qualquer região do Estado, mas muito pouco de outros Estados ou de países da América do Sul.

Com um planejamento adequado e participação da comunidade local durante o processo de preparação da região para o desenvolvimento de uma atividade turística "delimitada", o resultado final pode ser positivo porque proporcionará a continuidade de uma tradição que não atende ainda como no caso de "Aparecida" em São Paulo, as necessidades religiosas de um grande grupo.

Como em Azambuja a idéia é a "venda" do símbolo "Santuário", ainda que neste em torno de Azambuja em anos passados ocorreu um desenvolvimento considerável no comércio com um centro de comércio de roupas, confecções e tecidos, esta não é a vocação mais turística do bairro, daí porque o comércio passou suas portas para locais mais próximos da demanda de pessoas.

Com isso, o Vale começou a ser esquecido econômica e financeiramente e ficou apenas com atividades devocionais e religiosas. Agora, com o incremento de diversas

atividades, tanto religiosas quanto turísticas, pode ser que o processo de desenvolvimento do turismo religioso nesta região possa fornecer o retorno do movimento e da ocupação do comércio no local, provavelmente com um tipo de comércio diferente do anterior.

Neste exercício de pesquisa conseguiu-se identificar a transformação turística de um costume religioso tão disseminado. Porém, só de observar tal experiência nos limites da cultura religiosa católica. Trata-se aqui do turismo feito pelo peregrino contemporâneo, mais ou menos influenciado pela cultura cristã ocidental, no contexto de uma sociedade periférica denominada Azambuja. Trata-se apenas de reconhecer os limites cristãos e ocidentais que vêm transformando a peregrinação em turismo para atender à modernização de suas sociedades, tão marcadas pela noção de secularização. Ou seja, a separação radical entre poder político e poder espiritual.

Por ora, cumpre lembrar o incentivo católico às peregrinações e ao turismo exercido pelo último papado de João Paulo II. Conhecido por suas longas e diversificadas viagens, o arcebispo de Cracóvia (sul da Polônia), Karol Wojtyla, desde que assumiu a chefia do Vaticano influenciou enormemente essa mobilidade de católicos – e indiretamente de outras confissões – no sentido de visitar os lugares místicos e seus mais variados eventos. Foram mais de cem viagens em 25 anos de pontificado (quatro delas incluindo passagens pelo Brasil). E a Igreja presenciou uma explosão de romarias à sua sede, principalmente no ano do jubileu comemorativo aos dois mil anos do nascimento de Jesus – conforme o calendário oficial da Igreja, utilizado majoritariamente em todo o planeta (OLIVEIRA, 2004).

Exatamente por isso, a divulgação de santuários torna-se um instrumento de veiculação das especificidades da instituição promotora. Ali não se garante apenas o cotidiano da fé, mas seu princípio extraordinário; sua capacidade de superar a normalidade tão problemática. Ali o peregrino pode se tornar um missionário, como o atual Papa. Pode também fazer turismo sem o peso pecaminoso do prazer físico, sem significado mais profundo.

Pensando bem, um religioso pode e deve fazer turismo simplesmente porque, como ser humano, tem direito a bens e serviços da sociedade moderna; um viajante motivado pela fé não precisa, necessariamente, abrir mão de outras motivações nem deixar de satisfazer outras necessidades.

Diante de tais exigências de infra-estrutura e modernização, como a Igreja ficaria indiferente à chamada indústria do turismo, com suas técnicas, instalações, sistemas?

Eis a origem de uma seqüência de interações que tornam os roteiros, os espaços e as festas religiosas objetos tão sagrados quanto turísticos, permitindo que o turismo religioso seja praticado por um crescente e diversificado volume de peregrinos.

A diferenciação entre peregrino e turismo é hoje mais histórica e didática do que estratégica. Ao contrário, os dois processos têm exercido forte parceria técnica, daí o reconhecimento prioritário de suas intenções missionárias. O turismo religioso, no sentido de missão, afasta-se do puro lazer e aproxima-se de uma viagem de negócios: o negócio da fé.

Dessa maneira, pode-se reconhecer uma fundamentação sócio-espacial para relacionar os bens religiosos ao conjunto de valores materiais da sociedade em questão.

Ao observar as paisagens religiosas como o Santuário de Azambuja, espaços onde a religiosidade interage com a prática do turismo cultural podem-se identificar que o mesmo tende a privilegiar localidades específicas e pontuais como é o caso do bairro de Azambuja. Esta valorização dos lugares religiosos pode estar inserida nos roteiros de regionalização turística e ao mesmo tempo oferecendo um serviço de desenvolvimento de uma cultura emancipadora da prática turística.

O importante é visualizar o turismo religioso menos como segmento de mercado, marcado por todos os preconceitos e vícios de superficialidades, e mais como estratégia de análise dos próprios segmentos sociais, ainda tão rejeitados pelo próprio mercado. Daí pensar o turismo religioso como um movimento turístico original centrado, sim, na busca espiritual que mobiliza o comportamento de multidões de peregrinos e, por isso mesmo, mercado por um exercício de plena inversão: “visitar santuários significa voltar ao lugar de identidade”. (OLIVEIRA apud TRIGO, 2005, p. 339). Trata-se de um compromisso, mais que uma liberação para um momento de prazer qualquer. O santuário, como visitação religiosa, torna-se um segmento fundamental para o planejamento sustentado das localidades e dos bens patrimoniais.

O santuário, portanto, é a alma da peregrinação em Brusque, um local que passou por transformações e hoje é um pólo de atração, de peregrinação local, regional. Ou seja, o outro mora em Nova Trento, São João Batista, Blumenau e outras localidades próximas. A peregrinação, portanto, como uma passagem, um percurso, ou uma iniciação organizada pela Igreja Católica de Brusque e até mesmo pelos órgãos públicos do município e do Estado, dão uma nova concepção a idéia de peregrinação: a peregrinação realizada com penitência, porém sem sacrifícios, muitas vezes até físicos.

Desvinculados das tradições religiosas em que se situam essas práticas, os novos peregrinos como os que procuram Brusque, apontam para uma tendência que é a crescente autonomia da experiência pelo sagrado em relação à mediação das instituições religiosas tradicionais. É justamente porque a religião se tornou uma experiência mística interior, que os seus mediadores já não necessitam de uma investidura sagrada institucional tradicional adquirida no âmbito de uma comunidade com crenças e valores partilhados.

REFERÊNCIAS

ABUMANSSUR, E. S. (Org). **Turismo religioso:** ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papirus, 2003.

ALVES, R. **O que é religião**. 13. ed São Paulo: Brasiliense, 1990.

ANDRADE, J.V. de. **Turismo**: fundamentos e dimensões. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000.

AZAMBUJA. **Seminário de Azambuja**. 19p. 2004. Disponível em: http://www.azambuja.org.br. Acessado em: 20 abr.2004.

BAHL, M. **Conteúdos culturais e naturais em roteiros turísticos *versus* artificialismo induzido**. São Paulo: ECA/ USP, 2000.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento: Papirus: Campinas, 2000.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 2000.

BESEN, J. A. **Azambuja**: 100 anos. Brusque: Mercúrio, 1977.

BOULLÒN, R C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru: EDUCS, 2002.

BOULLÒN, R. C. **Los municipios turísticos**. México: Trilhas, 1997.

BRUSQUE. **Prefeitura Municipal de Brusque**. 27p. 2004. Disponível em: http://www.pmbrusque.com.br. Acessado em: 20 abr. 2004.

BURNS, P. M. **Turismo e antropologia**: uma introdução. Trad. de Dayse Batista. São Paulo: Chronos, 2002.

CABRAL, O. R. **Álbum do centenário de Brusque**. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960.

CARDOSO, A.; SCHULZ, V. **Formação histórico-geográfica de Santa Catarina**. Tubarão: Copiart, 2002.

CENTRO DE ASSISTÊNCIA GERENCIAL DE SANTA CATARINA (CEAG). **Evolução histórico-economica de Santa Catarina**: estudo das alterações estruturais (Século XVII 1960). Florianópolis: CEAG/ SC, 1980.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COLEMAN, S.; ELSNER, J. Pilgrimage: past and present in the world religions. Cambridge e Massachusetts: Harvard University Press, 1995. In: ABUMANSSUR, E. S. (Org.). **Turismo religioso**: Ensaios antropológicos sobre religião e turismo. São Paulo: Papirus, 2003.

DENCKER, A. de F. A. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 2. ed. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, R. **Planejamento do turismo**: política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003.

DIAS, R.; SILVEIRA, E. J. S. da (Org.). **Turismo religioso**: ensaios e reflexões. São Paulo: Alínea, 2003.

DICIONÁRIO DE TURISMO DE MONTANER, ANTIACH E ARCARONS. Dicionário de Turismo de Montaner, Antiach e Arcarons. México: Trilhas, 1998.

DUPRONT, A. Du sacré. Paris: Gallimard, 1987. In*:* ABUMANSSUR, E. S. (org.). **Turismo religioso:** Ensaios antropológicos sobre religião e turismo. São Paulo: Papirus, 2003.

ELÍADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELÍADE, M. **Patterns in comparative religion**. Nova York: World Publishing Co, 1963.

ELÍADE, M. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

EMBRATUR. **Roteiros da fé católica no Brasil.** Brasília: EMBRATUR/MET, 2000.

ESCUELA SUPERIOR DE ADMINISTRACION DE INSTITUCIONES(ESDAI). **Fundamentos de los servicios en la hospitalidad**. México: Lisuma, 1992.

FILIPSEM, L. A. Globalização: a trajetória da cultura brasileira. In: ASHTON, M. S. G. (Org.), **Turismo**: sinais de cultura. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2000.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GANDARA, J. M. **Gestão da qualidade total na indústria turística**. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1999.

GASTAL, S **.A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer uma pesquisa qualitativa em ciências sociais. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOULART, M. do C. K. A colônia Brusque, anteriormente Itajaí. **Jornal o Município**, Brusque, 24 de Fevereiro, 1989.

GOVERNO DE SANTA CATARINA. **Projeto Santa Catarina ligada ao mundo**. Florianópolis, 2000.

GUIMARÃES, A. E. **O sagrado e a história**: fenômeno religioso e a valorização da história à luz do anti-historicismo de Mircea Eliade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

HERING, M. L. R. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí**: o modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: Editora da FURB, 1987.

HOGGART, R. **As utilizações da cultura**: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos. Lisboa: Presença, 1992.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: uma nova compreensão do lazer e das viagens. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2001.

KUAZAQUI, E. **Marketing turístico e de hospitalidade**: fonte de empregabilidade e desenvolvimento para o Brasil. São Paulo: Makron Books, 2000.

LASHLEY, C.; MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade**: perspectives para um mundo globalizado. São Paulo: Manole, 2004.

LAUTH, A. C. **A Fundação da colônia Príncipe D. Pedro**. In: GOULART, M. do C. R. K. (Org.). **Almanaque da vida polaca**. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1999.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.; TEIXEIRA, J. **O discurso do sujeito coletivo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

LLIEDA, J. M. de la P. **Estructura industrial turística**. Barcelona: Oikos-Tau, 1993.

LOCKWOOD, A.; MEDLIK, S (Org.). **Turismo e hospitalidade no século XXI**. Barueri: Manole, 2003.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAPA de Santa Catarina. **Localização geográfica do Estado de Santa Catarina e do municipio de Brusque.** 20p. 2005. Disponível em: http://www.belasantacatarina.com.br/ mapas.asp. Acessado em: 04 mai. 2005.

MARCHIONNI, A. **Deus e o homem na história dos saberes**. São Paulo: LTr, 1997.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MARTINS, C. (Org.). **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MISTÉRIO DO TURISMO (Mtur). **Diretrizes para o desenvolvimento do Turismo Sustentável**. Brasília: Mtur, 2004.

MOESCH, M. **O fazer-saber turístico**: possibilidades e limitantes de superação. In: GASTAL, S. (Org.)**Turismo**: nove propostas para um saber-fazer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

NOVAES, M. H. **Turismo religioso.** In: ANSARAH, M. G. dos R.(Org.). **Turismo:** segmentação de mercado. São Paulo: Futura, 1999.

OLIVEIRA, C. D. M. de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004.

OLIVEIRA, P. J. Cidade e meio ambiente sob um enfoque sistêmico. **Turismo Visão e Ação**, Itajaí**,** v.1, n.1, 1998.

OLIVEIRA, C. D. M. **Turismo religioso no Brasil**: construindo um investimento sociocultural. *In*: TRIGO, L. G. G. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo, Roca, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

REIS, A. C. F. **Marketing cultural e financiamento da cultura**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

REJOWSKI, M. (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

ROSA, L. G. **Turismo saúde em Nova Trento:** fé e cura. Balneário Camboriú, 2002. 120f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Programa de Pós Graduação em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2002.

RUSCHMANN, D. V. de M.. **Turismo e planejamento sustentável**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

RUSCHMANN, D. V. de M.. **Turismo no Brasil**: análise e tendências. Barueri: Manole, 2002.

SANTOS, R. I. C. dos. **A colonização italiana no Vale do Itajaí-Mirim**. Florianópolis: Edeme, 1981.

SEYFERT, Giralda. **A liga pangermanica e o perigo alemão no Brasil:** análise sobre dois discursos étnicos irredutíveis. *In*: APAH. **História:** questões e debates. Curitiba: APAH, 1989.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SILVA, J. B. F. da; PIAZZA, W.; LAGO, P. F.; et al. . **Fundamentos da cultura catarinense**. Rio de Janeiro: Laudes, 1970.

SILVA, Y. F.; CHRISTOFFOLI, Â. R.; BRITO, H. C. **Deslocamento religioso e turismo religioso**: concepções antropológicas sobre peregrinação, romaria e caminhada religiosa. 2004. 60 f. Relatório Técnico Científico. Universidade Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2004.

TERRIN, A. N. **Antropologia e horizontes do sagrado.** São Paulo: Paulus, 2004.

TERRIN, A. N.. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004.

TRIGO, L. G. G. (Ed.). **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

TRIGO, L. G. G. **A sociedade pós-industrial e o profissional do turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. p.111.

APÊNDICES

APÊNDICE 01 – ROTEIRO DE ENTREVISTA 01

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – STRICTO SENSU – MESTRADO ACADÊMICO EM TURISMO E HOTELARIA
TÍTULO DA PESQUISA: "Turismo Religioso X Peregrinação: Um estudo de caso no Santuário de Azambuja, Brusque (SC)".
Pesquisadora: Lionara Arnt
Orientadora: Dr. Yolanda Flores e Silva

ROTEIRO DE ENTREVISTA – DIOCESANOS

Nome:

Idade:

Endereço:

Atividade dentro do Santuário:

Escolaridade:

1- Há quanto tempo está inserido nas atividades do Santuário de Azambuja?
2- Porque buscou este santuário para atuar na vida diocesana?
3- O que entende por turismo religioso?
4- O que entende por peregrinação?
5- Quais são suas considerações sobre o movimento de turistas e visitantes durante os eventos religiosos ocorridos neste santuário?
6- Comente como se realizaram as primeiras peregrinações no santuário e como apresentam suas características hoje em dia?
7- Descreva as atividades religiosas mais importantes realizadas no santuário?
8- Quais atividades locais são realizadas em função do santuário?
9- Você considera os visitantes do santuário peregrinos, turistas ou as duas coisas?

APÊNDICE 02 – ROTEIRO DE ENTREVISTA 02

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – STRICTO SENSU – MESTRADO ACADÊMICO EM TURISMO E HOTELARIA
TÍTULO DA PESQUISA: "Turismo Religioso X Peregrinação: Um estudo de caso no Santuário de Azambuja, Brusque (SC)".
Pesquisadora: Lionara Arnt
Orientadora: Dr. Yolanda Flores e Silva

ROTEIRO DE ENTREVISTA – MORADOR

Nome:

Idade:

Endereço:

Estado Civil:

Atividade Profissional:

Escolaridade:

1- Você reside em Brusque desde a construção do Santuário de Azambuja?

1.1 Sim? Você participou como cidadão das discussões e ou reuniões voltadas para o planejamento deste santuário?

1.2 Ou você participou ativamente da construção da edificação deste santuário?

1.3 Não? Que tipo de informação teve sobre o santuário?

2- Você visita e/ ou freqüenta o santuário?

3- Você participa das atividades referentes ao santuário?

4- O que entende por turismo religioso?

5- O que entende por peregrinação?

6- Quais são suas considerações sobre o movimento de turistas e visitantes durante os eventos religiosos ocorridos neste santuário?

7- Você considera os visitantes do santuário peregrinos, turistas ou as duas coisas?

APÊNDICE 03 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – *STRICTO SENSU* – MESTRADO ACADÊMICO EM TURISMO E HOTELARIA
PESQUISADORA: LIONARA ARNT
ORIENTADORA: Dr. YOLANDA FLORES E SILVA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Fui devidamente informado(a) de que está sendo realizada uma pesquisa com o título "Turismo Religioso X Peregrinação: Um estudo de caso no Santuário de Azambuja, Brusque (SC)"**, sob a responsabilidade de Lionara Arnt, aluna do Curso de Pós-Graduação – *Stricto Sensu* – Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI – SC.**

Esta entrevista será gravada ou registrada por escrito e nela serão feitas perguntas sobre o meu parecer com relação ao tema e durará no máximo uma hora. Caso eu aceite participar desta pesquisa, serei entrevistado (a), porém, o meu nome_____

_____

Jamais aparecerá quando forem apresentados e divulgados os resultados da pesquisa. Não receberei qualquer pagamento por participar deste estudo. Não sofrerei nenhum prejuízo ou punição se, mesmo depois de começar a entrevista, eu resolver parar ou não quiser responder alguma ou algumas perguntas.

Se eu estiver de acordo em participar da pesquisa, me será pedido para assinar, junto com o pesquisador, este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Caso eu prefira não assinar, minha decisão será respeitada, e isto não impedirá que eu participe da pesquisa.

Depois de receber as informações acima, este Termo de Consentimento foi lido e ou decidi participar desta pesquisa de forma livre e esclarecida.

_____, _____ de_____ de _____.
(Cidade) (dia) (mês) (ano)

Assinatura do (a) participante:

_____

Assinatura da Pesquisadora:

_____

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo